



**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

## **Manual de Campanha**

# **OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS**

**1ª Edição  
2017**



**EB70-MC-10.202**



**MINISTÉRIO DA DEFESA  
EXÉRCITO BRASILEIRO  
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**

## **Manual de Campanha**

# **OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS**

**1ª Edição  
2017**



PORTARIA Nº 112-COTER, DE 19 DE DEZEMBRO DE 2017

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.202 Operações Ofensivas e Defensivas, 1ª Edição, 2017.

**O COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 11 do Regulamento do Comando de Operações Terrestres (EB10-R-06.001), aprovado pela Portaria do Comandante do Exército nº 691, de 14 de julho de 2014, e de acordo com o que estabelece o inciso II do art. 16 das INSTRUÇÕES GERAIS PARA O SISTEMA DE DOCTRINA MILITAR TERRESTRE – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª Edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.202 Operações Ofensivas e Defensivas, 1ª Edição, 2017, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

**Gen Ex PAULO HUMBERTO CESAR DE OLIVEIRA**  
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 52, de 29 de dezembro de 2017)









|                                             |
|---------------------------------------------|
| <b>FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)</b> |
|---------------------------------------------|

| NÚMERO<br>DE ORDEM | ATO DE<br>APROVAÇÃO | PÁGINAS<br>AFETADAS | DATA |
|--------------------|---------------------|---------------------|------|
|                    |                     |                     |      |



## ÍNDICE DE ASSUNTOS

|                                                      | Pag  |
|------------------------------------------------------|------|
| <b>CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO</b>                       |      |
| 1.1 Finalidade.....                                  | 1-1  |
| 1.2 Considerações Iniciais.....                      | 1-1  |
| 1.3 O Combate Moderno.....                           | 1-1  |
| <b>CAPÍTULO II – OPERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE GUERRA</b> |      |
| 2.1 Considerações Gerais.....                        | 2-1  |
| 2.2 Tipos de Operações em Situação de Guerra.....    | 2-2  |
| 2.3 Planejamento.....                                | 2-2  |
| <b>CAPÍTULO III – OPERAÇÕES OFENSIVAS</b>            |      |
| 3.1 Considerações Gerais.....                        | 3-1  |
| 3.2 Fundamentos das Operações Ofensivas.....         | 3-2  |
| 3.3 Tipos de Operações Ofensivas.....                | 3-4  |
| 3.4 Marcha para o Combate.....                       | 3-4  |
| 3.5 Reconhecimento em Força.....                     | 3-6  |
| 3.6 Ataque.....                                      | 3-7  |
| 3.7 Aproveitamento do Êxito.....                     | 3-13 |
| 3.8 Perseguição.....                                 | 3-16 |
| 3.9 Formas de Manobra das Operações Ofensivas.....   | 3-18 |
| 3.10 Outras Táticas, Técnicas e Procedimentos.....   | 3-25 |
| <b>CAPÍTULO IV – OPERAÇÕES DEFENSIVAS</b>            |      |
| 4.1 Considerações Gerais.....                        | 4-1  |
| 4.2 Fundamentos das Operações Defensivas.....        | 4-3  |
| 4.3 O Escalonamento da Área de Defesa.....           | 4-6  |
| 4.4 Tipos de Operações Defensivas.....               | 4-8  |
| 4.5 Defesa em Posição.....                           | 4-8  |
| 4.6 Movimento Retrógrado.....                        | 4-9  |
| 4.7 Formas de Manobra das Operações Defensivas.....  | 4-9  |
| 4.8 Planejamento e Execução da Defesa.....           | 4-20 |
| 4.9 O Processo das 5 Fases.....                      | 4-26 |

|                                                    | <b>Pag</b> |
|----------------------------------------------------|------------|
| 4.10 Outras Táticas, Técnicas e Procedimentos..... | 4-29       |

## **CAPÍTULO V – OPERAÇÕES COMPLEMENTARES E AÇÕES COMUNS NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS**

|                                   |      |
|-----------------------------------|------|
| 5.1 Considerações Gerais.....     | 5-1  |
| 5.2 Operações Complementares..... | 5-1  |
| 5.3 Ações Comuns.....             | 5-10 |

## **REFERÊNCIAS**

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO**

#### **1.1 FINALIDADE**

**1.1.1** Esta publicação apresenta a doutrina de emprego das operações ofensivas e defensivas, abordando os principais aspectos, deixando os detalhes para outros manuais específicos.

**1.1.2** Serve de base para a elaboração de outras publicações das séries de manuais de campanha da Força Terrestre.

#### **1.2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

**1.2.1** Esta publicação baseia-se, principalmente, nos seguintes manuais: EB-20-MF-10.102/DOCTRINA MILITAR TERRESTRE e EB70-MC-10.223/OPERAÇÕES. Alguns conceitos destes manuais são basilares para o entendimento do presente manual de campanha (MC).

**1.2.2** A presente publicação doutrinária tem o propósito de difundir o conhecimento amplo e comum, uma unidade de pensamento e uma coerência de informações para a solução de problemas militares no nível tático de operações em situação de guerra.

**1.2.3** Tem o propósito, ainda, de apresentar a concepção geral de planejamento, preparação, execução e contínua avaliação dessas operações, passíveis de serem desencadeadas por elementos de emprego da F Ter, no amplo espectro dos conflitos.

**1.2.4** A preparação deste manual de campanha tomou como referência publicações produzidas no Ministério da Defesa, buscando, dessa forma, o alinhamento de procedimentos na execução de operações conjuntas.

#### **1.3 O COMBATE MODERNO**

**1.3.1** A forma de se contrapor às ameaças tem se diversificado consideravelmente. Era praxe as forças militares orientarem sua articulação e seu preparo para combater ameaças identificadas por um possível Estado agressor, baseadas em hipóteses de guerra, conflito e emprego. Dessa forma, a Defesa dos Estados era determinada, principalmente, com base na confrontação interestatal.

**1.3.2** Os mais recentes conflitos, convencionais ou não, apresentam novas características sobre a condução do combate, o tempo de duração, as táticas utilizadas e o grau de influência do material empregado. Assim, cresce de importância a figura do chefe militar, a evolução constante da doutrina militar e o planejamento das Forças Armadas baseado em capacidades conjuntas ou singulares.

**1.3.3** O combate de alta intensidade não perdeu a sua importância. Ao invés disso, as Forças, ao se prepararem para este tipo de conflito, automaticamente estarão prontas para os demais.

**1.3.4** A doutrina da F Ter enfatiza como fatores decisivos para a vitória final nas operações em situação de guerra:

- a) o espírito ofensivo;
- b) a importância da conquista e a manutenção da iniciativa;
- c) a rapidez de concepção e de execução das operações;
- d) o emprego da dissimulação (Dsml) em todos os níveis e escalões;
- e) a iniciativa dos subordinados;
- f) a flexibilidade para alterar atitudes, missões e constituição das forças;
- g) a sincronização das ações no tempo e no espaço; e
- h) a liderança e a capacidade de decisão dos comandantes em todos os escalões.

**1.3.5** Coerente com esta assertiva, mesmo não sendo possível definir a natureza das ameaças a enfrentar nos conflitos, em face da incerteza e da rapidez com que evolui o ambiente operacional global, devem ser buscadas soluções flexíveis, adaptáveis, modulares, elásticas e sustentáveis (FAMES) para os problemas militares.

**1.3.6** Nesse contexto, a participação do poder militar nos conflitos armados ficou mais complexa, por ocorrer, predominantemente, em ambientes com a presença da população civil, concentrada em núcleos urbanos. Tal situação dificulta a identificação do inimigo, levando à adoção de novas medidas para minimizar ao máximo os danos colaterais.

**1.3.7** Os conflitos armados têm demonstrado, ainda, ênfase no emprego de operações especiais, de viaturas blindadas e mecanizadas, e de aviação. Deve-se considerar, também, que haverá atores agindo em espaços que vão além do campo de batalha.

**1.3.8** O êxito da missão depende da iniciativa do comandante, da flexibilidade e da rapidez da tropa adaptar-se às situações inesperadas e da capacidade de sincronização das operações por intermédio do sistema de comando e controle.

**1.3.9** A sincronização da manobra, dos apoios ao combate e do apoio logístico no tempo, no espaço e na finalidade, proporciona o máximo poder de combate no momento e local decisivos. Constitui-se, portanto, num poderoso

multiplicador do poder de combate e é a base para o êxito no moderno campo de batalha.

**1.3.10** O aumento do emprego da guerra eletrônica (GE) e a consequente limitação do uso dos meios de comunicações, a grande rapidez das ações e a constante evolução da situação tática levam os comandantes, muitas vezes, a tomarem decisões independentemente de ligação com os seus escalões superiores.

**1.3.11** Assim, deve ser dada ênfase especial ao exercício da iniciativa e da liderança. Isto se consegue por meio de um perfeito entendimento da intenção do comandante, no mínimo dois escalões acima.

**1.3.12** A flexibilidade é fator preponderante para se agir e reagir com rapidez às ameaças inimigas, concentrar forças no momento e local oportunos, explorar as vulnerabilidades do inimigo, alterar a composição dos meios e a missão dos elementos subordinados de acordo com as necessidades, empregar oportunamente a reserva, passar de uma atitude defensiva para ofensiva e vice-versa, sem hesitação.





## **CAPÍTULO II**

### **OPERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE GUERRA**

#### **2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

**2.1.1** As operações militares são o conjunto de ações realizadas com forças e meios militares das Forças Armadas (FA), coordenadas em tempo, espaço e finalidade, de acordo com o estabelecido em uma diretriz, plano ou ordem para o cumprimento de uma tarefa, missão ou atribuição.

**2.1.2** São realizadas no amplo espectro dos conflitos, desde a paz até o conflito armado/guerra, passando por situações de crise, sob a responsabilidade direta da autoridade militar.

**2.1.3** As operações militares devem ser consideradas, prioritariamente, de forma conjunta/combinação, excluindo raras situações, em que elementos da F Ter atuam de forma singular.

**2.1.4** A guerra de movimento preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas.

**2.1.5** O quadro tático resultante distingue-se por um grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e, finalmente, pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando.

**2.1.6** Assim, o combate moderno ocorre, simultaneamente, no compartimento de contato, na área de segurança e na área de retaguarda.

**2.1.7** Deste modo, o comandante preocupa-se não apenas com o combate aproximado, mas também com as ações profundas que pode realizar, mediante operações aeromóveis e com blindados, aplicação de fogos maciços em profundidade, infiltrações e incursões.

**2.1.8** Estas ações desequilibram todo o dispositivo inimigo, forçando-o a lutar em mais de uma direção, além de ter que conservar em reserva forças potentes e móveis para fazer face às ameaças à sua retaguarda e o isolam de seus apoios e reforços.

**2.1.9** As operações de coordenação e cooperação com agências são executadas precipuamente em situações de não guerra, mas podem ser desencadeadas em situações de guerra, simultaneamente com as operações ofensiva e defensiva.

## **2.2 TIPOS DE OPERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE GUERRA**

**2.2.1.** As operações em situação de guerra utilizam o Poder Nacional, com predominância da expressão militar, explorando a plenitude de suas características de emprego da força. Nelas empregam-se todas as capacidades das organizações operativas das Forças Armadas, aplicando os princípios e os procedimentos de combate derivados da arte da guerra.

**2.2.2.** São as principais operações para as quais as forças militares devem estar permanentemente preparadas, sob a pena de se tornarem ineficazes quando forem chamadas a atender conflitos que estejam no extremo do espectro (guerra).

**2.2.3** Para a F Ter, as operações em situação de guerra são as operações ofensivas e defensivas (operações básicas) e se destinam à defesa da pátria.

**2.2.4** As **operações ofensivas** (Op Ofs) são operações terrestres agressivas nas quais predominam o fogo, o movimento, a manobra e a iniciativa, para a conquista de objetivos, destruindo ou neutralizando as forças inimigas.

**2.2.5** As **operações defensivas** (Op Def) são operações terrestres realizadas para conservar a posse de uma área ou negá-la ao inimigo, e, também, para garantir a integridade das forças amigas. Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre as áreas ou as forças defendidas, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva.

**2.2.6** O combate, a cavaleiro dos eixos rodoviários, leva à aceitação de brechas entre as posições ocupadas pelas tropas. Essas brechas, muitas vezes apenas vigiadas, aumentam a não linearidade do combate, criando vulnerabilidades no dispositivo das forças, que, devidamente exploradas, podem levar à decisão mais rápida do combate. É o ambiente favorável às manobras de flanco, às incursões profundas e à infiltração de tropas no dispositivo inimigo.

## **2.3 PLANEJAMENTO**

**2.3.1** O planejamento é essencial à solução de qualquer problema militar, uma vez que permite o exame detalhado e sistemático de todos os fatores envolvidos em uma operação. Quanto mais alto o escalão, maior a

necessidade de prever e planejar operações futuras com maior amplitude no tempo.

**2.3.2** O planejamento é contínuo desde a situação de paz e se mantém atualizado com a evolução do ambiente operacional, na prevenção de ameaças, no gerenciamento de crises e na solução de conflitos armados, e prossegue, mesmo após o emprego dos vetores militares e das agências civis necessários ao cumprimento das missões.

**2.3.3** O planejamento integrado é uma ferramenta essencial para traçar um caminho claro e exequível, conectando as missões impostas ao estado final desejado.

**2.3.4** De modo geral, o planejamento das operações em situação de guerra é orientado conforme as fases e passos descritos na Tab 2-1.

| FASES                                                  | PASSOS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Exame de situação                                      | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar a missão.</li> <li>- Identificar o problema militar, estudá-lo e conceber a solução/decisão.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                   |
| Planos e ordens de operações                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Planejar a solução do conflito armado.</li> <li>- Conceber a estratégia para atender às tarefas e missões impostas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                     |
| Preparação, avaliação e controle da operação planejada | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Realizar a preparação das forças militares e civis envolvidas.</li> <li>- Avaliar e controlar as operações terrestres, em coordenação com todos os escalões militares e civis envolvidos, por meio de um centro de coordenação de operações (CCOp) em coordenação com o CCOp do escalão enquadrante (avaliação contínua das operações).</li> </ul> |

Tab 2-1 – Fases e passos do planejamento das operações em situação de guerra

**2.3.4.1** O exame de situação aplica-se no nível operacional e tático. É empregado para chegar às linhas de ação elaboradas pelo estado-maior e à decisão do comandante.

**2.3.4.2** O plano de operações é um método ou um esquema para uma ação militar, podendo ser verbal ou escrito. É uma proposta para executar a decisão do comandante. Embora seja baseado em condições específicas ou hipóteses, não é rígido, podendo ser alterado, aperfeiçoado e atualizado.

**2.3.4.3** Quando uma operação ofensiva ou defensiva tiver de ser executada imediatamente, a ordem completa ou uma série de ordens fragmentárias são preparadas tendo por base a decisão do comandante. Para uma execução futura, a ordem de operações pode ser a evolução de um plano de operações, que entrará em vigor mediante instrução apropriada.

**2.3.4.4** A preparação da F Ter para os conflitos contemporâneos baseia-se na obtenção de capacidades operativas, desde o tempo de paz, incluindo todos os fatores determinantes: doutrina, organização, adestramento, material, educação, pessoal e infraestrutura (DOAMEPI).

**2.3.4.5** A evolução dos acontecimentos leva os tomadores de decisão a alterações de planeamentos. Nesse contexto, o adequado acompanhamento da execução das ações planejadas somente será possível mediante a previsão de um efetivo processo de controle e avaliação contínua, que deve ser iniciado por ocasião do desencadeamento da operação propriamente dita.

## **CAPÍTULO III**

### **OPERAÇÕES OFENSIVAS**

#### **3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

**3.1.1** A ofensiva é a ação decisiva de emprego da força militar no campo de batalha, para impor a nossa vontade sobre o inimigo que se concentra para o combate de alta intensidade, representando o melhor caminho para se obter a vitória.

**3.1.2** As operações ofensivas têm as seguintes finalidades:

- a) destruir forças inimigas;
- b) conquistar áreas ou pontos importantes do terreno que permitam a obtenção de vantagens para futuras operações;
- c) obter informações sobre o inimigo, particularmente sobre a situação e o poder de combate;
- d) adquirir ou comprovar dados referentes ao terreno e às condições meteorológicas;
- e) confundir e distrair a atenção do inimigo sobre o esforço principal, desviando-o para outras áreas;
- f) antecipar-se ao inimigo para obter a iniciativa, aproveitando qualquer oportunidade que se apresente, negando-lhe qualquer tipo de vantagem;
- g) fixar o inimigo, restringindo-lhe a liberdade de movimento e manobra, mediante diferentes esforços e apoio de fogo, com o objetivo de permitir concentrar o máximo poder de combate sobre ele no ponto selecionado;
- h) privar o inimigo de recursos essenciais com os quais sustente suas ações, realizando atividades e operações em profundidade; e
- i) desorganizar o inimigo mediante ataques sobre meios e/ou instalações essenciais para geração e emprego do seu poder de combate.

**3.1.3** O comandante visualiza operações ofensivas em termos de tempo e espaço. O seu exame de situação indica a melhor combinação dos fatores que oferecem maiores possibilidades de sucesso. Esse exame inclui, também, uma avaliação dos elementos pertinentes ao poder de combate.

**3.1.4** As operações ofensivas exigem superioridade de poder de combate no local selecionado para a ação. Tal fato e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito implicam aceitar riscos em outras partes não selecionadas da frente. Deve-se procurar obter poder de combate superior em seu ataque principal, a fim de obter sucesso no momento e local escolhido.

**3.1.5** O comandante tático deve evitar a parte mais forte do dispositivo inimigo, atraí-lo para fora de suas posições defensivas, isolá-lo de suas linhas de suprimento e forçá-lo a lutar numa direção não planejada e em terreno não preparado para a defesa. Sempre que possível, deve-se procurar atuar sobre o flanco e a retaguarda do inimigo. Somente em situações excepcionais devem ser realizadas manobras frontais.

**3.1.6** As partes importantes do terreno são designadas como objetivos; entretanto, forças oponentes podem ser escolhidas como tal. A destruição do inimigo é desgastante e pode ser contraproducente, pois o interesse não é, necessariamente, derrotá-lo e sim conquistar os objetivos. O êxito será obtido no momento em que se consiga neutralizar a sua vontade de combater com as menores perdas amigas possíveis.

**3.1.7** Os resultados mais decisivos são alcançados por forças potentes e altamente móveis. Os confrontos tendem a ser continuados, podendo prolongar-se por grande período de tempo, mantendo o inimigo sob pressão contínua e apresentando-lhe poucas opções de intervir no combate.

**3.1.8** Os êxitos iniciais devem ser aproveitados instantaneamente e na maior profundidade possível, com a finalidade de acentuar o desequilíbrio inicial do inimigo, restringindo-lhe a capacidade de reagir, cerceando-lhe a liberdade de ação e comprometendo sua vontade de lutar.

**3.1.9** Operações móveis, profundas e ininterruptas produzem, com frequência, por meio de uma pressão constante e potente, o colapso do inimigo e sua iminente destruição.

## **3.2 FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS**

**3.2.1** São fundamentos das operações ofensivas:

- a) manutenção do contato;
- b) esclarecimento da situação;
- c) exploração das vulnerabilidades do inimigo;
- d) controle dos acidentes capitais do terreno;
- e) iniciativa;
- f) neutralização da capacidade de reação do inimigo;
- g) fogo e movimento;
- h) impulsão;
- i) concentração do poder de combate;
- j) aproveitamento do êxito; e
- k) segurança.

**3.2.2 MANUTENÇÃO DO CONTATO** – a manutenção do contato é um fundamento da ofensiva que garante ao comandante de qualquer escalão a obtenção de informações sobre o inimigo, a liberdade de ação e a conservação

da iniciativa, evitando a surpresa. O contato com o inimigo deve ser estabelecido e mantido o mais cedo possível.

**3.2.3 ESCLARECIMENTO DA SITUAÇÃO** – este fundamento está associado ao anterior. Consiste em uma série de medidas adotadas com a finalidade de determinar o valor, o dispositivo, a composição, as atividades recentes, as principais deficiências, o posicionamento e as possibilidades e limitações dos sistemas de armas do inimigo.

**3.2.4 CONTROLE DOS ACIDENTES CAPITAIS DO TERRENO** – o êxito no cumprimento de uma missão ofensiva depende, basicamente, do controle oportuno de acidentes capitais do terreno. O comandante concentra sua atenção sobre os acidentes capitais que, se conquistados ou impedidos de serem utilizados pelo inimigo (neutralizados), proporcionam vantagens decisivas na manobra, favorecendo o cumprimento da missão.

**3.2.5 EXPLORAÇÃO DAS VULNERABILIDADES DO INIMIGO** – estabelecido o contato, é fundamental que o comandante da força evite a maioria de meios operativos do inimigo e reaja com o máximo de presteza, para explorar as vulnerabilidades identificadas durante o exame de situação, induzindo-o a dissipar suas forças em frentes secundárias e iludindo-o quanto à verdadeira localização da área em que se pretende buscar a decisão. As ações de flanco, conduzidas sobre a retaguarda do dispositivo defensivo inimigo, são normalmente decisivas.

**3.2.6 NEUTRALIZAÇÃO DA CAPACIDADE DE REAÇÃO DO INIMIGO** – todo esforço deve ser feito para eliminar a capacidade de reação do inimigo à manobra planejada. A cobertura e a dissimulação, as operações de interdição, de guerra psicológica e de guerra eletrônica constituem alguns dos processos utilizados para reduzir o poder de combate do inimigo. O foco deve estar nas capacidades críticas do inimigo, identificadas durante o exame de situação.

**3.2.7 INICIATIVA** – permite ao comandante impor sua vontade para a decisão do combate e, conseqüentemente, deve ser sempre buscada e conservada. O atacante pode escolher a hora, o local, a direção e o valor das forças empregadas no ataque, mantendo sempre a iniciativa das ações.

**3.2.8 FOGO E MANOBRA** – o ataque é caracterizado pela combinação do fogo e da manobra, culminando com o assalto violento à área decisiva. O atacante manobra para explorar os efeitos obtidos pelos fogos, para evitar o grosso do inimigo ou para cerrar sobre ele e destruí-lo pelo assalto. A manobra é a ação decisiva do combate.

**3.2.9 IMPULSÃO** – tem por objetivo fazer com que a missão seja cumprida no mais curto prazo possível. A impulsão do ataque é mantida por meio da máxima rapidez na progressão, do emprego de reservas, da continuidade do apoio de fogo e do pronto atendimento às necessidades logísticas e de outros apoios ao combate.

**3.2.10 CONCENTRAÇÃO DO PODER DE COMBATE** – o êxito na ação ofensiva requer a reunião da maioria dos meios no local e no momento decisivos, e a sua rápida aplicação.

**3.2.11 APROVEITAMENTO DO ÊXITO** – caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das forças, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se.

**3.2.12 SEGURANÇA** – a segurança é necessária, esteja a força estacionada, em deslocamento ou em combate. Na ofensiva, ela deve ser buscada, sem, no entanto, tolher a iniciativa das ações ou desviar um poder de combate exagerado em seu benefício.

### **3.3 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS**

**3.3.1** As operações ofensivas, normalmente, ocorrerão ao mesmo tempo que outras operações. Isso se dá em função do ambiente operacional e das características dos conflitos contemporâneos, nos quais os combates ocorrem prevalentemente em áreas humanizadas.

**3.3.2** Os tipos de operações ofensivas, em função de suas finalidades específicas, são:

- a) marcha para o combate;
- b) reconhecimento em força;
- c) ataque;
- d) aproveitamento do êxito; e
- e) perseguição.

### **3.4 MARCHA PARA O COMBATE**

**3.4.1** A marcha para o combate (M Cmb) (Fig 3-1) é um movimento tático na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato com este e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras.



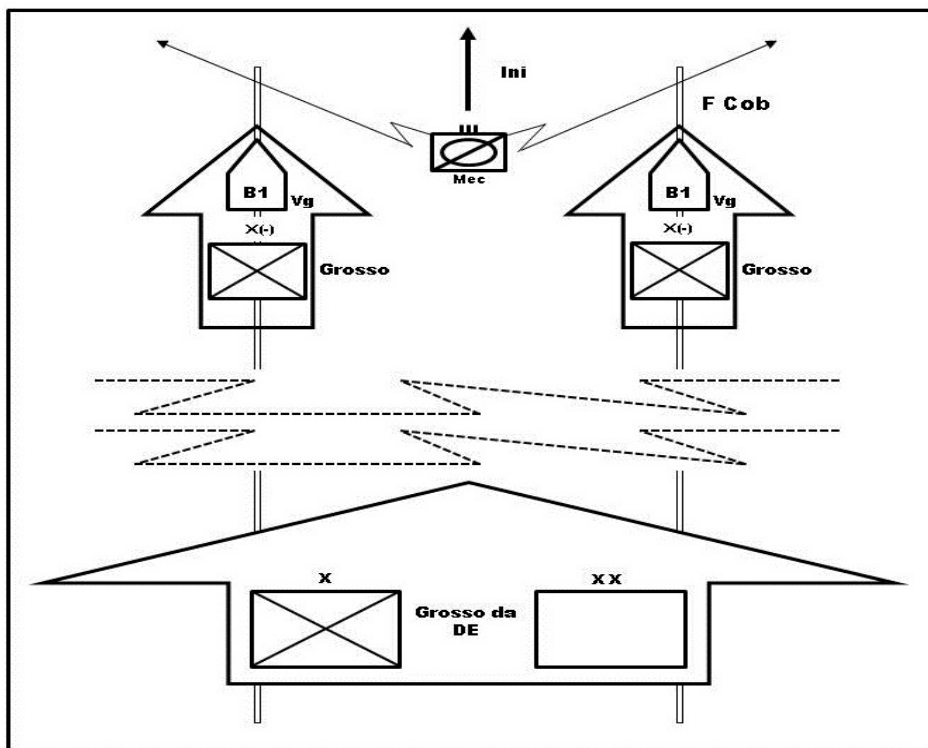


Fig 3-1 – Marcha para o combate

**3.4.2** O melhor aproveitamento do dispositivo no momento do contato é obtido pela apropriada organização da força para o combate e pela manobra dos seus componentes na aproximação para os objetivos.

**3.4.3** Esse tipo de operação ofensiva é executado para se apossar do objetivo antes que o inimigo possa reagir. Todos os órgãos de inteligência e de segurança são empregados, de modo que a força principal possa engajar-se nas condições mais favoráveis.

**3.4.4** O grosso do poder de combate da força deve permanecer intacto, para permitir a flexibilidade de seu emprego após o contato com o inimigo. A execução deve ser descentralizada, mas deve ser mantido um controle suficiente para permitir o efetivo emprego dos fogos de apoio de longo alcance.

**3.4.5** Em geral, a M Cmb é realizada em colunas múltiplas. O dispositivo é constituído por forças de segurança (forças de cobertura e de proteção) e pelo grosso.

**3.4.6** A marcha para o combate caracteriza-se pela execução descentralizada e pelo emprego parcelado das forças. Termina, normalmente, quando a

resistência inimiga exige o desdobramento e o esforço coordenado numa ação centralizada.

**3.4.7** A iminência do contato e o terreno são fatores importantes, que determinam o grau de controle necessário. O controle deve permitir a pronta reação das unidades subordinadas quando das mudanças de missão, de normas de marcha, de organização e de medidas de coordenação e controle.

**3.4.8** As unidades do grosso são organizadas para o combate e colocadas em posições que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o avanço como depois de estabelecido o contato.

### **3.4.9 CLASSIFICAÇÃO DA MARCHA PARA O COMBATE**

**3.4.9.1** A M Cmb é classificada quanto à segurança, ao dispositivo e à possibilidade de contato.

**3.4.9.2** Quanto à segurança:

- a) coberta – quando, entre o inimigo e a tropa que a realiza, existe uma força amiga capaz de lhe proporcionar a necessária segurança; e
- b) descoberta – quando não há tropa amiga interposta ou quando a segurança por ela proporcionada não for suficiente.

**3.4.9.3** Quanto ao dispositivo:

- a) coluna – facilita o controle e proporciona flexibilidade, impulsão e segurança ao deslocamento; e
- b) linha – O dispositivo em linha dificulta as mudanças de direção e restringe a capacidade de manobra, mas aumenta a rapidez do deslocamento e permite atribuir à força um poderio de fogo à frente.

**3.4.9.4** Quanto à possibilidade de contato:

- a) contato remoto – situação em que o inimigo terrestre não pode atuar sobre a força;
- b) contato pouco provável – situação que ocorre na transição entre o contato remoto e o iminente; e
- c) contato iminente – situação em que a força pode a qualquer momento sofrer ação terrestre do inimigo. O contato torna-se iminente a partir da linha de provável encontro, linha do terreno onde se estima que possa haver o encontro inicial ou o restabelecimento do contato com os primeiros elementos das forças inimigas.

## **3.5 RECONHECIMENTO EM FORÇA**

**3.5.1** O reconhecimento em força (Rec F) é uma ação executada por uma força com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações.

**3.5.2** Permite, normalmente, a obtenção de informes de maneira mais rápida e pormenorizada do que outros tipos de reconhecimento. O comandante que conduz tal operação deve estar preparado para explorar prontamente a descoberta de pontos fracos no dispositivo inimigo.

**3.5.3** Se a situação do inimigo precisa ser esclarecida em uma larga frente, o Rec F deve ser realizado por meio de ações potentes, em pontos selecionados da frente.

**3.5.4** O comandante (Cmt) ao decidir pela execução de um Rec F deverá considerar:

- a) o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo;
- b) a urgência e importância das informações desejadas;
- c) a eficiência, a rapidez e a disponibilidade de outros órgãos de busca;
- d) até que ponto a realização do Rec F poderá comprometer o sigilo das operações de seu escalão e do superior; e
- e) a possibilidade de arriscar-se a um engajamento decisivo com o inimigo.

**3.5.5** O valor da força de reconhecimento deve levar o inimigo a revelar a localização de suas forças em primeiro escalão, o seu dispositivo, o valor e a localização de suas reservas e seus fogos de apoio.

**3.5.6** Quando são buscados dados sobre uma área particular, o reconhecimento em força é planejado e executado como um ataque com objetivo limitado. O objetivo deve ser de importância tal que, quando ameaçado, force o inimigo a reagir.

**3.5.7** A manutenção de um objetivo não é por si só uma finalidade do Rec F. A profundidade da ação depende da finalidade do Rec F. Quando os dados sobre o inimigo são obtidos, pode ser dada outra missão à força de reconhecimento, tais como: retrair, manter o contato, realizar o aproveitamento do êxito ou apoiar a ultrapassagem de outra força.

## **3.6 ATAQUE**

**3.6.1** O ataque (Atq) é o ato ou efeito de conduzir uma ação ofensiva contra o inimigo, tendo por finalidade a sua destruição ou neutralização. Pode ser de oportunidade ou coordenado. A diferença entre eles reside no tempo disponível ao comandante e seu estado-maior (EM) para o planejamento, para a coordenação e para a preparação antes da sua execução.

### **3.6.2 ATAQUE DE OPORTUNIDADE**

**3.6.2.1** Pode ser executado na sequência de um combate de encontro ou de uma defesa exitosa. Caracteriza-se por trocar tempo de planejamento por rapidez de ação.

**3.6.2.2** A fim de manter a impulsão ou reter a iniciativa inimiga, é dedicado um tempo mínimo para o planeamento e para a preparação. As forças destinadas ao ataque são aquelas que estão imediatamente disponíveis.

**3.6.2.3** O ataque de oportunidade procura tirar partido da falta de preparação do inimigo e envolve audácia, surpresa e rapidez para alcançar o sucesso, antes que o inimigo tenha tempo para melhorar sua defesa. Se houver perda de impulsão, pode ser necessária a realização de um ataque coordenado.

**3.6.2.4** O princípio básico na condução de um ataque de oportunidade é a obtenção e a manutenção da iniciativa, por meio da qual o comandante pode, na sequência, adotar a melhor forma de cumprir a missão.

**3.6.2.5** O ataque de oportunidade caracteriza-se pela imediata expedição de ordens fragmentárias (O Frag), destinadas aos elementos de manobra e de apoio de fogo. Crescem de importância a atribuição de missões pela finalidade e a necessidade de um perfeito entendimento da intenção do comandante.

### **3.6.3 ATAQUE COORDENADO**

**3.6.3.1** Quando, após a análise dos fatores de decisão, o comandante concluir que necessita de mais tempo para esclarecer a situação e se organizar para o combate, poderá optar por um ataque coordenado.

**3.6.3.2** Caracteriza-se pelo emprego coordenado da manobra e do apoio de fogo, para cerrar sobre as forças inimigas em posições defensivas, com o objetivo de destruí-las ou neutralizá-las.

**3.6.3.3** É uma operação planejada que pode ser precedida por uma marcha para o combate, por um reconhecimento em força ou por um ataque de oportunidade, exigindo um estudo de situação completo e minucioso.

**3.6.3.4** Requer tempo suficiente para permitir o planeamento, o reconhecimento e a consequente avaliação tática.

### **3.6.4 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO ATAQUE**

#### **3.6.4.1 Planejamento do Ataque**

##### **3.6.4.1.1 Esquema de Manobra**

a) Os esquemas de manobra correspondentes às linhas de ação formuladas são elaborados, inicialmente, de forma bastante genérica.

b) No decurso do estudo de situação, entretanto, a análise de seus prováveis efeitos, ante as possibilidades do inimigo, permite aperfeiçoá-los, além de estabelecer-lhes parâmetros para posterior comparação. Nesta oportunidade são discriminados, detalhadamente, os agrupamentos de forças a serem

compostos, os objetivos, as medidas de coordenação e controle, além dos apoios ao combate e apoio logístico necessários.

#### **3.6.4.1.2 Forças em 1º Escalão e Reserva**

a) A análise dos fatores da decisão determinará a distribuição dos meios das forças em 1º escalão e da reserva. Normalmente, deve-se realizar um ataque principal e um ou mais ataques secundários.

b) O ataque previsto para produzir os resultados mais decisivos e que tem a maior probabilidade de sucesso é designado como ataque principal, que deve receber a preponderância de forças de combate e de apoio.

c) Os ataques secundários, empregados com o objetivo de favorecer o êxito do ataque principal, recebem apenas os meios necessários e suficientes.

d) Uma parte do poder de combate deve ser mantida em reserva, a fim de ser empregada em local e momento decisivos para a obtenção de um resultado favorável.

e) A reserva é empregada para aproveitar o êxito do ataque, para manter a sua impulsão ou para proporcionar segurança, constituindo-se num dos principais meios com que o comandante conta para influir na ação, uma vez iniciada a operação.

f) O valor e a composição da reserva variam com:

- o tipo de operação ofensiva a ser conduzida; a missão prevista; os meios disponíveis; a forma de manobra tática ofensiva adotada;
- as características da área de operações (A Op);
- as possíveis reações do inimigo; e
- o grau de conhecimento da situação por parte do comandante e de seu estado-maior.

g) Quando a situação é relativamente clara e as possibilidades do inimigo são limitadas, a reserva pode constituir-se de uma pequena fração da força. Do contrário, a reserva pode constituir-se, inicialmente, do grosso da unidade, preparada para o emprego em qualquer local.

h) Embora a reserva deva ser de valor suficiente para obter uma decisão quando empregada, as forças que lhe são atribuídas não devem enfraquecer demasiadamente o ataque principal. A reserva deve receber adequado apoio ao combate, para dispor da mobilidade desejada. Uma vez empregada, uma nova reserva deve ser constituída o mais cedo possível.

#### **3.6.4.1.3 Medidas de Coordenação e Controle**

a) Os planos de ataque incluem medidas de coordenação e controle para os vários tipos de operações. No mínimo, devem ser fixados os objetivos, o ponto ou a linha de partida e a hora do ataque.

b) As medidas complementares podem incluir a designação de zonas de ação, limites e eixos de progressão, direções de ataque e linhas ou pontos de controle. Devem ser evitadas restrições exageradas à liberdade de ação dos comandantes subordinados, embora o comando superior deva manter o controle adequado para assegurar a coordenação de esforços.

c) Durante a batalha, a sincronização da manobra com os elementos de apoio ao combate transforma-se num verdadeiro multiplicador do poder relativo de combate, no local e no momento desejados.

d) O inimigo terá muito maior dificuldade em resistir ao ataque se tiver que enfrentar, simultaneamente, o ataque terrestre e o aéreo, os fogos diretos e indiretos, a interferência eletrônica em suas redes de comando, a contrabateria, um assalto aeromóvel a suas instalações logísticas e de comando, bombardeio por lançadores múltiplos, incursões de comandos em sua retaguarda e outras ações. A simultaneidade dessas ações pode levar o inimigo ao colapso em curto prazo.

#### **3.6.4.1.4 Direção Tática de Atuação (DTA)**

a) Direção tática de atuação (DTA) é aquela que permite chegar ao objetivo ou atingir a finalidade fixada pelo escalão superior. Uma DTA compreende uma faixa no terreno, contando com um ou mais eixos, cuja amplitude permite o devido apoio logístico (Ap Log). Deve admitir mais de uma via de acesso (VA) de valor brigada.

b) O escalão que normalmente mobilia uma DTA é a divisão de exército (DE).

c) Na avaliação das características do terreno e dos seus efeitos sobre as operações, são visualizadas, durante o estudo de situação, as DTA que permitem o cumprimento da missão. Na análise de uma DTA, deve ser levado em conta:

- a amplitude de sua área de influência, caracterizada pelas VA de valor brigada que comportar;
- a capacidade da(s) via(s) de transporte, definindo o suporte logístico disponível para o apoio das forças empregadas; e
- a sua importância para a manobra, imaginada em função da finalidade a ser atingida e das regiões a que conduz.

d) A divisão de exército pode, excepcionalmente, utilizar mais de uma DTA, dependendo dos meios de comando e controle (C<sup>2</sup>) e de Ap Log disponíveis.

#### **3.6.4.1.5 Objetivos**

a) A marcação de objetivos é de grande importância para a manobra. Quando o objetivo final, imposto pelo escalão superior, não puder ser atingido em um único ataque devido aos fatores da decisão, pode-se estabelecer objetivos intermediários a fim de se cumprir a missão.

b) A identificação do objetivo decisivo é um fator importante durante o planejamento da manobra. Sua conquista facilita o cumprimento da missão, não estando, necessariamente, entre os objetivos finais recebidos. Para ele deve ser dirigido o ataque principal em todas as linhas de ação consideradas.

#### **3.6.4.1.6 Zonas de Ação**

a) Zona de ação (Z Aç) é a delimitação de área e do espaço aéreo correspondente, com a finalidade de atribuir responsabilidades operativas à determinada força ou unidade, em um espaço de manobra adequado e compatível com suas possibilidades.

b) Durante a atribuição das Z Aç, deve-se procurar destinar aos escalões subordinados, além do suficiente espaço de manobra, um adequado sistema

viário, proporcionando-lhes a flexibilidade necessária para executar os seus planeamentos.

c) Frente é a extensão compreendida entre dois limites, ou seja, a largura da zona de ação. Diz-se, normalmente, frente de ataque.

d) Quando da seleção de frente, uma parte receberá a maioria dos meios, visando a obtenção do resultado decisivo para o cumprimento da missão. No restante da frente, serão aplicados meios mínimos, onde, de acordo com a situação, serão realizadas ações secundárias, tais como fixação, dissimulação, manutenção do contato e vigilância.

### **3.6.4.2 Execução do Ataque**

**3.6.4.2.1** O plano é colocado em ação para cumprir a missão, aplicando os elementos do poder de combate terrestre (liderança, informações, comando e controle, movimento e manobra, inteligência, fogos, logística e proteção).

**3.6.4.2.2** O ataque caracteriza-se pelo fogo e pela manobra, combinados e controlados, originando uma preponderância de poder de combate de tal ordem que permita uma progressão rápida e agressiva, coroada por um assalto violento sobre os objetivos impostos.

**3.6.4.2.3** Se durante o ataque o avanço se tornar lento, o esforço deverá ser rapidamente mudado para outra parte da Z Aç que ofereça maior oportunidade para o sucesso.

**3.6.4.2.4** O ataque deve manter uma impulsão contínua e não deve ser retardado para preservar o alinhamento das forças ou para manter estreita concordância com o plano de ataque preconcebido.

**3.6.4.2.5** A impulsão do ataque é mantida:

a) pelo avanço, tão rápido quanto possível, dos escalões de ataque para seus objetivos. As resistências inimigas devem ser desbordadas, a menos que possam ser rapidamente sobrepujadas;

b) em função das características da área de operações e da organização do terreno efetuada pelo inimigo;

c) pelo oportuno apoio de fogo ao prosseguimento do ataque, o que exige sincronização da manobra desde as fases iniciais do planeamento;

d) pelo oportuno apoio logístico, a fim de prover a continuidade das operações; e

e) pelo emprego oportuno e sincronizado de reservas, transporte aéreo de elementos de combate e reorganização das forças nos objetivos intermediários. Em algumas circunstâncias, o emprego de uma parte da reserva pode ser suficiente para se obter o efeito desejado.

**3.6.4.2.6** O comandante deve manter-se informado sobre a progressão do ataque, sobre as reações do inimigo e sobre a situação em que se encontram as unidades subordinadas, a fim de manobrar as forças e empregar os

elementos de apoio ao combate e Ap Log para a conquista de seus objetivos, com maior eficiência.

**3.6.4.2.7** Durante o ataque, o controle pode ser progressivamente descentralizado para os comandantes subordinados, a fim de permitir-lhes reagir mais rapidamente às mudanças de situação. O comandante subordinado modifica ou complementa o plano de ataque, valendo-se do conhecimento da situação, do conceito da operação e da intenção do comandante superior.

**3.6.4.2.8** Quando encontrada uma resistência inimiga, a primeira consideração do comandante é reduzi-la, acionando seus elementos de primeiro escalão, apoiados pelos elementos de apoio ao combate.

**3.6.4.2.9** O escalão de ataque desloca-se sob a proteção dos elementos de apoio ao combate, até a distância de assalto à posição inimiga. Em um ataque rápido, violento e bem coordenado, a força de assalto destrói o inimigo pelo movimento, pelo fogo, pela ação de choque, ou por uma combinação destes, atuando preferencialmente sobre seu flanco ou retaguarda.

**3.6.4.2.10** A segurança proporcionada ao ataque não deve prejudicar sua impulsão. O risco é aceito, desde que os ganhos prováveis o justifiquem e o planejamento elaborado preveja alternativas para reduzi-lo ou neutralizá-lo. Planos e normas devem prescrever ações a serem executadas no caso de um contra-ataque inimigo.

**3.6.4.2.11** Os elementos inimigos ultrapassados devem ser fixados ou mantidos sob vigilância, até que sejam posteriormente vencidos. As forças de cobertura, as patrulhas, as flancoguardas, as reservas escalonadas e os fogos protegem os flancos expostos e os intervalos entre as forças. A proteção contra os ataques terrestres pode ser necessária para as unidades de apoio ao combate e de Ap Log, quando as áreas de retaguarda dos elementos que compõem o escalão de ataque não estiverem seguras.

**3.6.4.2.12** As paradas no desenrolar das operações devem ser evitadas, pois permitem ao inimigo reorganizar-se e podem sacrificar a impulsão do ataque.

**3.6.4.2.13** O ataque deve prosseguir à noite, sem interrupção, sempre que possível. Quando as forças necessitarem repousar, devem ser substituídas por outras forças descansadas, a fim de preservar o ímpeto do ataque.

**3.6.4.2.14** Para as forças autorizadas a interromper o ataque, as ordens devem incluir a hora e a área da interrupção, as novas missões, a localização das unidades de apoio e as medidas de comando e controle (C<sup>2</sup>). Essas forças devem ser deslocadas para outras áreas, a fim de não interferirem no prosseguimento do ataque.



**3.6.4.2.15** As diferentes áreas devem ser escolhidas de forma a proporcionar cobertas, auxiliar a defesa e reduzir ao mínimo a vulnerabilidade aos ataques inimigos. Nessas áreas, as medidas de proteção são tomadas pelas próprias unidades que as ocupam.

**3.6.4.2.16** Para a manutenção de um objetivo conquistado, deve ser designada uma fração mínima com elementos de apoio ao combate. O restante da força prossegue no ataque sem perda de tempo. Elementos de combate designados mantêm o contato e obtêm informes, com base nos quais o comandante planeja as ações futuras.

**3.6.4.2.17** A continuação do ataque com tropas descansadas, uma nova direção de ataque, ou o aproveitamento do êxito pela reserva, podem exigir uma operação de ultrapassagem.

**3.6.4.2.18** Devem ser evitados horários padronizados para a realização do ataque, principalmente o início do crepúsculo matutino náutico (ICMN).

**3.6.4.2.19** A reserva é constituída, normalmente, por elementos de combate. Em situações extremas, ditadas pelos fatores da decisão, podem ser utilizados elementos de apoio ao combate e logístico no seu emprego.

**3.6.4.2.20** A reserva permite ao comandante escolher onde explorar o sucesso obtido ou obtê-lo pela aplicação do poder de combate adicional; manobrar face uma situação imprevista; prover a continuidade do esforço ou a segurança em determinadas regiões e oportunidades, entre outros.

**3.6.4.2.21** A reserva é localizada onde melhor possa influir na ação, considerados os fatores da decisão. Dependendo da situação, a reserva pode ser:

- a) fracionada;
- b) articulada; ou
- c) reunida.

### **3.7 APROVEITAMENTO DO ÊXITO**

**3.7.1** O aproveitamento do êxito (Fig 3-2) é a operação que se segue a um ataque exitoso e, normalmente, tem início quando a força inimiga se encontra em dificuldades para manter suas posições. É executada com base na seguinte divisão de forças:

- a) força de aproveitamento do êxito, que é a força que realiza o esforço principal neste tipo de operação; e
- b) força de acompanhamento e apoio, que dá suporte à força de aproveitamento do êxito.

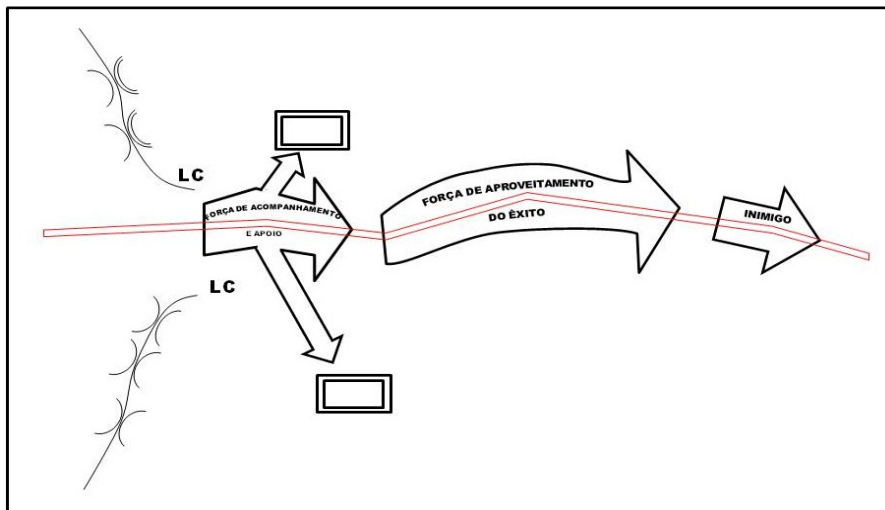


Fig 3-2 – Aproveitamento do êxito

**3.7.2** Caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou realizar um movimento retrógrado ordenado.

**3.7.3** Das operações ofensivas, é a que obtém os resultados mais decisivos, pois permite a destruição do inimigo e de seus recursos com o mínimo de perdas para o atacante.

**3.7.4** O planejamento para o aproveitamento do êxito deve proporcionar um avanço contínuo e rápido, prever adequado apoio de fogo, eficiente Ap Log e selecionar objetivos profundos na retaguarda do inimigo.

**3.7.5** Devem ser feitas prescrições para o reagrupamento dos elementos subordinados, enquanto outros elementos continuam o avanço. O reconhecimento aéreo e os elementos de segurança devem ser empregados na busca de informes.

**3.7.6** Nas missões de aproveitamento do êxito, a marcação de zonas de ação pode ser substituída por outras medidas de coordenação e controle, tais como eixos de progressão, objetivos, linhas de controle, pontos de controle, pontos de ligação, entre outros.

**3.7.7** As missões da força de aproveitamento do êxito incluem a conquista de objetivos profundos para cortar as vias de fuga do inimigo, desorganizar instalações de C<sup>2</sup> e destruí-lo.

**3.7.8** O planejamento do comandante de uma força de aproveitamento do êxito deve ser suficientemente flexível para permitir que sejam exploradas as oportunidades de desorganizar, ultrapassar e destruir o inimigo.

**3.7.9** A oportunidade para o desencadeamento do aproveitamento do êxito pode ser indicada pelo aumento do número de prisioneiros capturados e de material abandonado; e pela ultrapassagem de posições de artilharia, de instalações de comando, de comunicações e de depósitos de suprimento do inimigo.

**3.7.10** Uma vez iniciado, o aproveitamento do êxito deve ser executado ininterruptamente, sem conceder ao inimigo qualquer alívio da pressão ofensiva, até a conquista do objetivo final.

**3.7.11** A força de aproveitamento do êxito deve possuir velocidade, elevado poder de combate e, sempre que possível, avançar em larga frente. Carros de combate, infantaria blindada e cavalaria mecanizada constituem, normalmente, o escalão avançado de uma força de aproveitamento do êxito. O segundo escalão assegura a flexibilidade, a impulsão e a segurança da operação.

**3.7.12** Forças aeromóveis e aeroterrestres podem ser empregadas na conquista de objetivos críticos para o avanço e para interromper as vias de retirada do inimigo. As incursões rápidas, os ataques e os desbordamentos realizados por forças terrestres e aeromóveis retardam e impedem a reorganização inimiga.

**3.7.13** O comandante da força de aproveitamento do êxito deve estar alerta para impedir o fracionamento do poder de combate na obtenção de pequenos sucessos locais. A finalidade é atingir o objetivo com o máximo de poder de combate, tão rápido quanto possível.

**3.7.14** O controle é essencial para impedir o desdobramento extenso da força de aproveitamento do êxito, particularmente quando o inimigo for capaz de reagrupar-se rapidamente e constituir-se em séria ameaça. Os fogos disponíveis são empregados para destruir as forças inimigas que não possam ser ultrapassadas ou contidas.

**3.7.15** A eficiência da operação é aumentada pelo emprego da força de acompanhamento e apoio, cuja missão é seguir e apoiar aquela designada para realizar o aproveitamento do êxito.

**3.7.16** A força de acompanhamento e apoio assume as tarefas que possam retardar o avanço da força de aproveitamento do êxito, tais como:

- a) evitar que o inimigo feche as brechas na penetração;
- b) manter acidentes capitais conquistados durante o ataque;
- c) manter livres as vias de comunicações e de suprimento;
- d) destruir resistências inimigas ultrapassadas; e

e) substituir elementos da força de aproveitamento do êxito que estejam contendo resistências inimigas desbordadas.

**3.7.17** Normalmente, a força de acompanhamento e apoio não se subordina à força de aproveitamento do êxito. As relações de comando são semelhantes àquelas do apoio direto prestado por uma unidade de apoio ao combate a uma unidade de combate.

**3.7.18** Elementos da força de acompanhamento e apoio podem reforçar a força de aproveitamento do êxito a fim de, em determinadas situações, assegurar a unidade de comando. As ligações entre os elementos das duas forças devem ser mantidas em todos os escalões.

**3.7.19** As unidades empregadas como força de acompanhamento e apoio, sempre que possível, devem possuir ou serem providas do mesmo grau de mobilidade da força de aproveitamento do êxito.

### **3.8 PERSEGUIÇÃO**

**3.8.1** A perseguição é a operação destinada a cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou que tenta fugir (Fig 3-3). Ocorre, normalmente, logo em seguida ao aproveitamento do êxito e difere deste pela não previsibilidade de tempo e lugar de emprego, e por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da força inimiga.

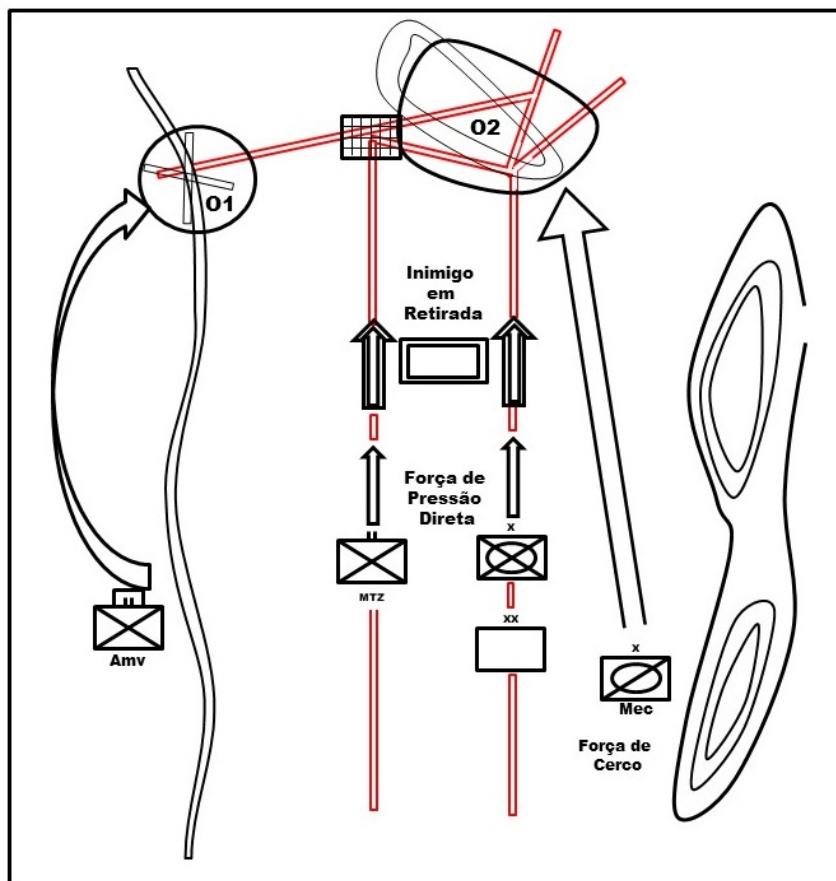


Fig 3-3 – Perseguição

**3.8.2** Não há planejamento prévio, tampouco a designação antecipada de forças específicas para a sua execução. Embora um objetivo no terreno possa ser designado, a força inimiga é o objetivo principal.

**3.8.3** Quando o inimigo apresenta indícios de desmoralização e suas forças desintegram-se sob pressão ininterrupta, o aproveitamento do êxito pode transformar-se em perseguição.

**3.8.4** A perseguição ocorre, também, em qualquer operação na qual o inimigo tenha perdido a capacidade de operar eficientemente e tente desengajar-se do combate. Na perseguição o inimigo age de acordo com as ações da força perseguidora.

**3.8.5** Semelhante ao aproveitamento do êxito, a marcação de zonas de ação pode ser substituída por outras medidas de coordenação e controle, tais como: eixos de progressão, objetivos, linhas de controle, pontos de controle, pontos de ligação, entre outros.

**3.8.6** A força que executa a perseguição é dividida em força de cerco e força de pressão Direta. A de pressão direta é empregada contra as forças inimigas que se retiram, devendo o contato ser mantido permanentemente. Enquanto isso, a de cerco corta-lhes as vias de retirada, empregando-se ao máximo elementos aeromóveis e aeroterrestres.

**3.8.7** Uma vez ordenada a perseguição, o comandante deve impulsionar suas forças para manter a continuidade da operação, observando o pleno emprego das capacidades do pessoal e do material.

**3.8.8** O apoio de fogo (aéreo, naval e terrestre) inflige o máximo de danos ao inimigo que procura a retirada, devendo concentrar-se sobre os pontos críticos ao longo das suas vias de retirada, sobre as colunas que se retiram e sobre as reservas.

**3.8.9** Medidas de ataque eletrônico são empregadas para confundir o inimigo, para impedi-lo de utilizar suas redes de C<sup>2</sup> e para prejudicar suas tentativas de reorganização. A continuidade do Ap Log é vital para o sucesso da operação.

### **3.9 FORMAS DE MANOBRA DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS**

**3.9.1** Ao escolher a forma de manobra, um dos objetivos é iludir o inimigo, fazendo-o acreditar em seus planejamentos e concentrar o poder de combate sobre suas vulnerabilidades.

**3.9.2** Para selecionar a forma de manobra, o comandante tem de utilizar parâmetros opostos, tais como: velocidade face ao tempo; frente versus profundidade; concentração face à dispersão; dentre outros.

**3.9.3** O comandante pode empregar cinco formas de manobra tática nas operações ofensivas, todas relativas ao ataque (Tab 3-1):

- a) o desbordamento;
- b) o envolvimento;
- c) a penetração;
- d) a infiltração; e
- e) o ataque frontal.

| OPERAÇÕES OFENSIVAS     |                   |
|-------------------------|-------------------|
| TIPOS DE OPERAÇÕES      | FORMAS DE MANOBRA |
| MARCHA PARA O COMBATE   | -                 |
| RECONHECIMENTO EM FORÇA | -                 |
| ATAQUE                  | ENVOLVIMENTO      |
|                         | DESBORDAMENTO     |
|                         | PENETRAÇÃO        |
|                         | INFILTRAÇÃO       |
|                         | ATAQUE FRONTAL    |
| APROVEITAMENTO DO ÊXITO | -                 |
| PERSEGUIÇÃO             | -                 |

Tab 3-1 – Formas de manobra das operações ofensivas

### 3.9.4 DESBORDAMENTO

**3.9.4.1** É uma manobra ofensiva dirigida para a conquista de um objetivo à retaguarda do inimigo ou sobre seu flanco, evitando sua principal posição defensiva, cortando seus itinerários de fuga e sujeitando-o ao risco da destruição na própria posição (Fig 3-4).

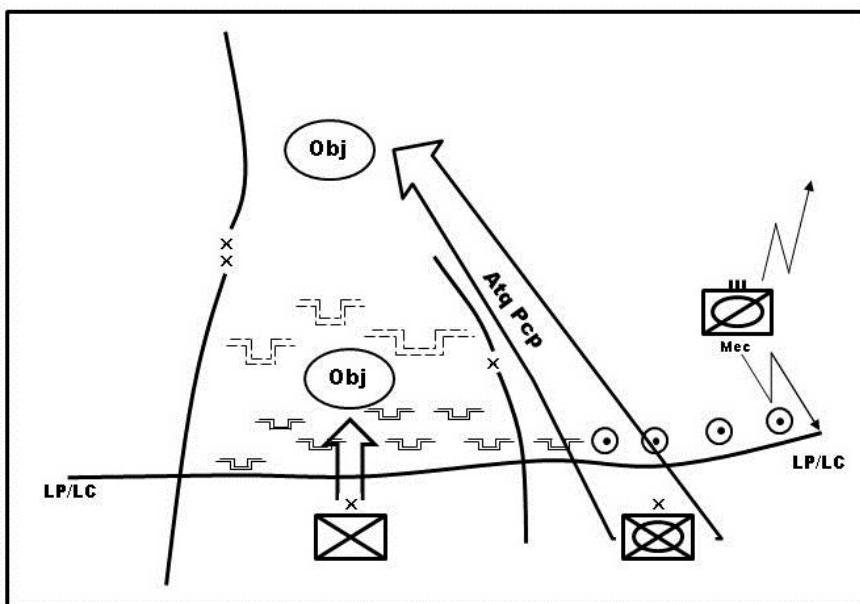


Fig 3-4 – Desbordamento

**3.9.4.2** O desbordamento é executado sobre um flanco vulnerável do inimigo, a fim de evitar o engajamento decisivo com a sua principal força defensiva. Um ou mais ataques secundários fixam o inimigo para impedir seu retraimento e para reduzir sua possibilidade de reagir contra o ataque principal, forçando-o a combater simultaneamente em duas direções.

**3.9.4.3** O(s) ataque(s) secundário(s), sempre que possível, deve(m) iludir o inimigo quanto à localização ou à existência do ataque principal. O sucesso do desbordamento depende da surpresa, da mobilidade e da capacidade do(s) ataque(s) secundário(s) de fixar o inimigo.

**3.9.4.4** Os meios aéreos são de particular valor para aumentar a mobilidade da força de desbordamento, fornecendo condições para um assalto aeromóvel, por exemplo, a fim de facilitar a conquista rápida dos objetivos de desbordamento. Manobras desta natureza, em larga escala, podem caracterizar um desbordamento vertical.

**3.9.4.5** Quando a situação permitir a escolha da forma de manobra tática, o desbordamento é normalmente preferido à penetração ou ao ataque frontal, uma vez que oferece melhor oportunidade para a aplicação do poder de combate com o máximo de vantagens.

**3.9.4.6** Uma variante do desbordamento é o duplo desbordamento, onde o ataque procura contornar simultaneamente ambos os flancos do inimigo. Exige uma grande superioridade do poder de combate e de mobilidade e é difícil de ser controlado. A deficiência em qualquer um desses fatores pode submeter a força atacante à derrota por partes. A força que executa um duplo desbordamento deve ser capaz de se desdobrar em uma larga frente, contra um inimigo que esteja em uma frente mais estreita, ou que tenha limitada mobilidade.

**3.9.4.7** A fase final da manobra de desbordamento é caracterizada pelo cerco aproximado. Este se caracteriza pela conquista e manutenção de regiões que cortam as principais vias de comunicações terrestres, por onde o inimigo possa retirar meios ou carrear novos recursos em pessoal e material.

**3.9.4.8** No cerco aproximado, o espaço de manobra deixado ao inimigo é tão reduzido que, frequentemente, ele perde a capacidade de reorganizar seus meios e, em consequência, de reagir. Esta manobra oferece a melhor possibilidade para a fixação do inimigo na posição e permite sua captura ou destruição.

**3.9.4.9** O cerco aproximado é de difícil execução, pois requer da força executante superioridade numérica e mobilidade muito acima do normal. Esta superioridade amplia a ação de surpresa dos elementos que realizam o cerco.



**3.9.4.10** Na execução de um cerco, é preferível a ocupação de todo o perímetro, simultaneamente. Se isso não for possível, as melhores vias de fuga são ocupadas inicialmente.

### 3.9.5 ENVOLVIMENTO

**3.9.5.1** No envolvimento, a força atacante contorna a principal força inimiga, para conquistar objetivos profundos em sua retaguarda, forçando-a a abandonar sua posição ou a deslocar forças ponderáveis para fazer face à ameaça envolvente (Fig 3-5).

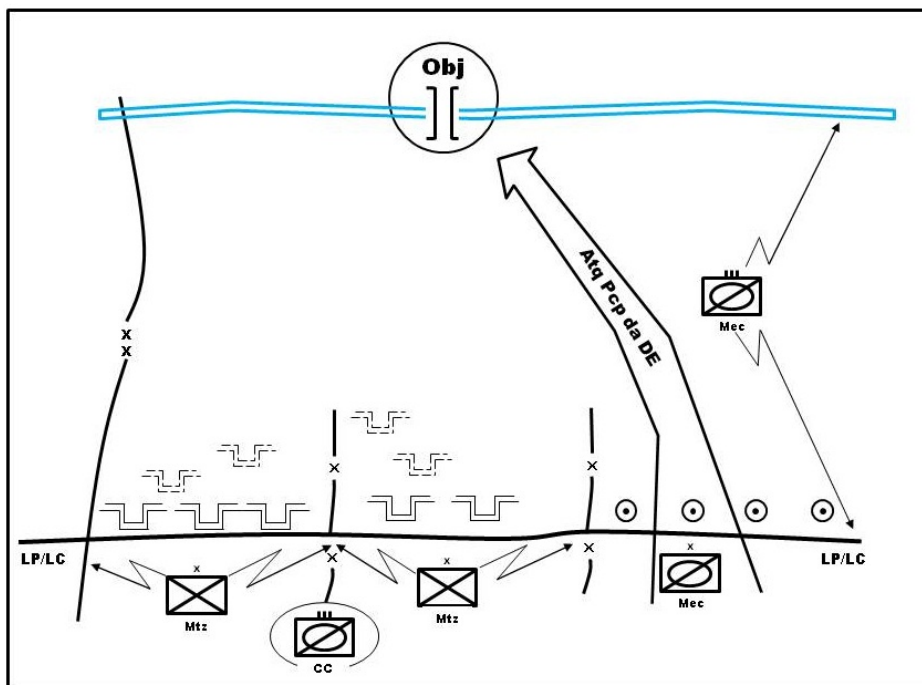


Fig 3-5 – Envolvimento

**3.9.5.2** Difere do desbordamento por não ser dirigido para destruir o inimigo em sua posição defensiva. Normalmente, a força envolvente fica fora da distância de apoio de qualquer outra força terrestre atacante, devendo ter mobilidade e poder de combate suficientes para executar operações independentes.

**3.9.5.3** Mobilidade superior à do inimigo, bem como o sigilo e a dissimulação, aumentam a possibilidade de êxito na realização de um envolvimento.

**3.9.5.4** A fase final do envolvimento configura o cerco afastado. Nessa modalidade de cerco, deixa-se considerável espaço de manobra para o inimigo.

Normalmente, torna-se necessária a realização de ações complementares para a sua destruição.

### 3.9.6 PENETRAÇÃO

**3.9.6.1** É a forma de manobra que busca romper a posição defensiva inimiga, atravessar e desorganizar seu sistema defensivo, para atingir objetivos em profundidade (Fig 3-6). A finalidade é dividir o inimigo e derrotá-lo por partes.

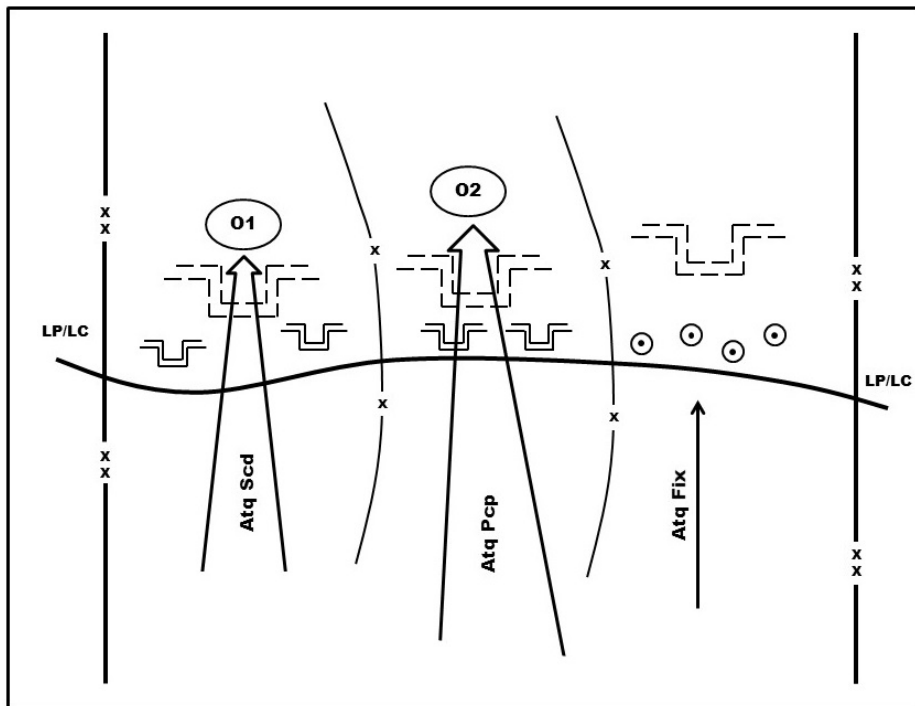


Fig 3-6 – Penetração

**3.9.6.2** Para ser bem-sucedida, exige a concentração de forças superiores no local selecionado para romper a defesa do adversário. É indicada, principalmente, quando:

- a) os flancos do inimigo são inacessíveis;
- b) o inimigo está em larga frente;
- c) o terreno e a observação são favoráveis; e
- d) a força atacante dispõe de forte apoio de fogo.

**3.9.6.3** Se houver flagrante superioridade no poder de combate, uma múltipla penetração pode ser realizada. Em tal caso, as forças atacantes podem convergir para um objetivo único e profundo ou conquistar objetivos independentes. Quando for impraticável prosseguir com mais de uma penetração, a que apresentar maior possibilidade de sucesso deve ser explorada.

**3.9.6.4** Depois do rompimento da posição avançada inimiga, forças são empregadas para alargar a brecha, destruir as guarnições de defesa e aproveitar o êxito por meio da conquista de objetivos vitais na retaguarda inimiga.

### 3.9.7 INFILTRAÇÃO

**3.9.7.1** É a forma de manobra ofensiva tática na qual se procura desdobrar uma força à retaguarda da posição inimiga, por meio de um deslocamento dissimulado, com a finalidade de cumprir missão que contribua diretamente para o sucesso da manobra do escalão que enquadra a força que se infiltra (Fig 3-7).

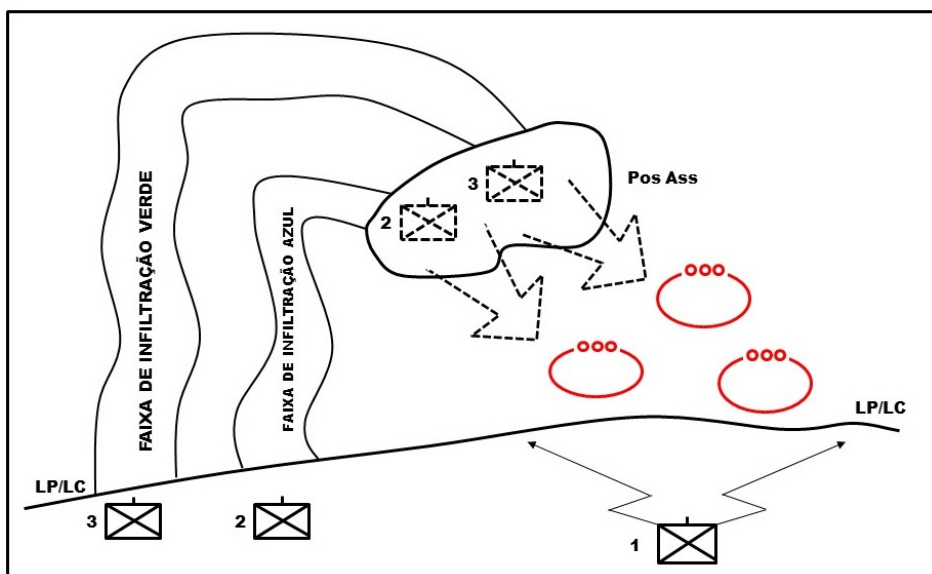


Fig 3-7 – Infiltração

**3.9.7.2** A infiltração é utilizada, normalmente, em conjunto com outras formas de manobra, até o escalão brigada, sendo o batalhão de infantaria ou escalões menores os mais indicados para sua execução.

**3.9.7.3** Efetivos serão infiltrados em pequenos grupos, a pé, por via aérea (preferencialmente por helicópteros) ou por embarcações. Após realizada a infiltração destes, as peças de manobra serão reorganizadas em pontos preestabelecidos, para o cumprimento da missão na retaguarda do inimigo.

**3.9.7.4** Uma infiltração bem planejada e conduzida permite a colocação de uma força com certo poder de combate na retaguarda do inimigo, sem que este

perceba o movimento. Para a execução da infiltração é fundamental a obtenção da surpresa.

**3.9.7.5** Nas operações ofensivas, a infiltração é empregada apoiando a ação principal. Para isso é direcionada:

- a) contra posições sumariamente organizadas, pontos fortes no flanco ou retaguarda do dispositivo inimigo e outras posições importantes que contribuam para a ação principal;
- b) para conquistar terreno decisivo para o contexto geral da operação; e
- c) para conduzir operações de inquietação e desgaste na área de retaguarda do inimigo.

**3.9.7.6** Os objetivos a serem atribuídos a uma força que se infiltra devem contribuir diretamente para o cumprimento da missão do escalão superior, sem dispersar desnecessariamente o poder de combate.

**3.9.7.7** A infiltração será facilitada quando realizada em terreno que limite a observação e a vigilância do inimigo sobre as vias de acesso. Zonas arborizadas, pântanos e terrenos difíceis para a progressão são áreas adequadas à infiltração terrestre.

**3.9.7.8** O planejamento de uma operação de infiltração deverá prever a utilização de ações de dissimulação e um cuidadoso posicionamento das peças de manobra e meios de apoio de fogo, além de atentar para os efeitos dos fogos de apoio à infiltração.

**3.9.7.9** Todo o cuidado deve ser tomado para não alertar o inimigo sobre as intenções da força que se infiltrará. Devem ser previstas medidas que assegurem o apoio e o resgate da força infiltrada, sua junção com outras forças e o prosseguimento das operações.

**3.9.7.10** Deverão ser estabelecidas medidas de coordenação especiais como faixas de infiltração, número código e sequência de infiltração para os pequenos grupos que se infiltrarão, pontos e linhas de controle e zonas de reunião.

**3.9.7.11** A profundidade será definida em função das possibilidades e do alcance do apoio de fogo, dos meios de guerra eletrônica disponíveis, do tempo necessário para realizar a infiltração e reunião das forças e dos meios a serem utilizados para o deslocamento.

**3.9.7.12** O desencadeamento de uma operação de infiltração requer rigorosa sincronização das ações de todos os escalões presentes no campo de batalha. É uma operação de difícil realização, exigindo medidas eficientes de coordenação e controle. Uma vez desencadeada, será dificultada a introdução de modificações no planejamento inicial.

### **3.9.8 ATAQUE FRONTAL**

**3.9.8.1** Consiste em um ataque incidindo ao longo de toda a frente, com a mesma intensidade, sem que isto implique o emprego de todos os elementos em linha.

**3.9.8.2** É a forma de manobra menos desejável; todavia, deve ser considerada quando:

- a) o inimigo for reconhecidamente fraco, não possuindo forças concentradas à retaguarda;
- b) for determinada a conquista de objetivos pouco profundos e possuidores de mesma importância;
- c) a força atacante possuir poder relativo de combate muito superior;
- d) o tempo e a situação exigirem uma reação imediata à ação do inimigo; e
- e) a missão for iludir o inimigo quanto ao ataque principal do escalão superior.

### **3.10 OUTRAS TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS**

**3.10.1** Durante a execução de operações ofensivas e nas fases de transição entre as mesmas, é comum a realização de outras ações que se valem de táticas, técnicas e procedimentos ofensivos que não caracterizam formas de manobra ou tipos de operações ofensivas.

**3.10.2** Essas ações podem ocorrer em um ou mais tipos de operações ofensivas, podendo representar parte importante de seu desenvolvimento. São elas o combate de encontro e a incursão.

#### **3.10.3 COMBATE DE ENCONTRO**

**3.10.3.1** É a ação que ocorre quando uma força em deslocamento, ainda não completamente desdobrada para o enfrentamento, engaja-se com uma força inimiga, em movimento ou parada, sobre a qual dispõe de poucas informações. Sua possibilidade deve ser sempre prevista.

**3.10.3.2** No combate de encontro o comandante da força que se desloca defronta-se, normalmente, com três linhas de ação:

- a) procurar romper o contato e desbordar a força inimiga;
- b) atacar diretamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo as forças possam ser lançadas ao combate (ataque de oportunidade); e
- c) reconhecer e conter a força inimiga, retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em um esforço coordenado, seja ofensiva, seja defensivamente (ataque coordenado ou defensiva).

**3.10.3.3** O objetivo principal do comandante é a obtenção e a manutenção da iniciativa. Sem a iniciativa ele poderá, apenas, reagir às ações inimigas. O sucesso exige que o inimigo seja mantido em uma situação de desequilíbrio para as ações ofensivas.

### 3.10.4 INCURSÃO

**3.10.4.1** É uma ação ofensiva que se caracteriza por rápidas ações em área controlada pelo inimigo, contra objetivos específicos importantes, desorganizando-o e infligindo-lhe perdas na sua capacidade operativa (Fig 3-8).

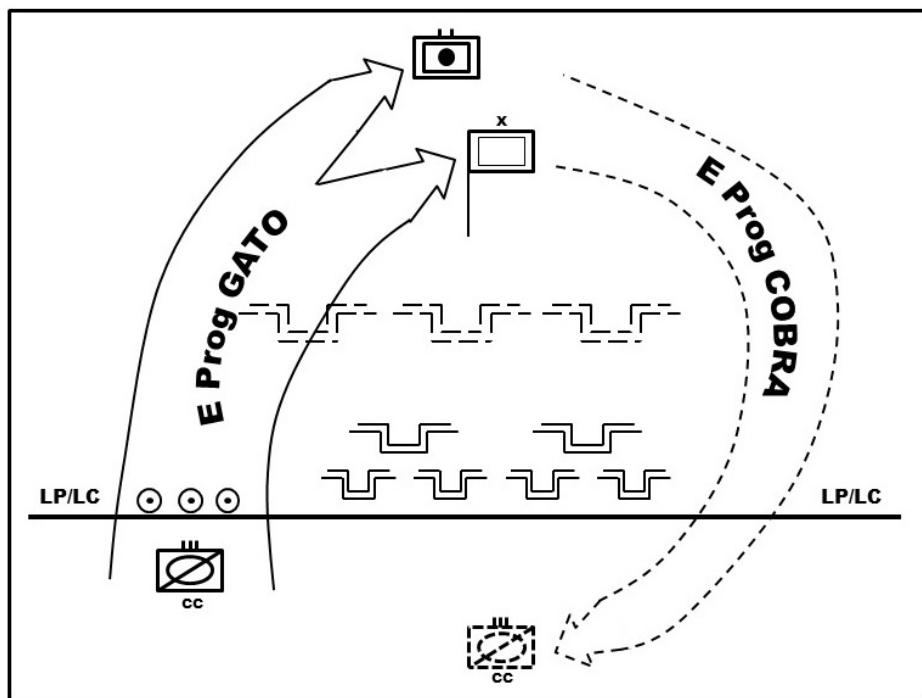


Fig 3-8 – Incursão

**3.10.4.2** A incursão é uma ação ofensiva de pequena escala, onde não há ideia de conquista ou manutenção de terreno.

**3.10.4.3** Após a ação no objetivo a tropa é retirada mediante uma exfiltração aeromóvel ou terrestre, previamente planejada. A recuperação de pessoal e/ou captura de prisioneiros poderão também ser realizadas.

**3.10.4.4** Pode ocorrer em qualquer tipo de operação ofensiva, particularmente no ataque, no reconhecimento em força e no aproveitamento do êxito.

**3.10.4.5** Uma situação favorável ao emprego de ações de incursão poderá surgir quando:

- a) existir espaço suficiente para a manobra;
- b) for identificada uma baixa densidade ou inexistência de forças inimigas em determinado local do campo de batalha, permitindo a infiltração ou desbordamento do inimigo;

- c) os eixos de comunicações e suprimento do inimigo estiverem muito distendidos;
- d) houver disponibilidade de apoio aéreo e/ou aeromóvel e apoio de fogo de artilharia; e
- e) a disponibilidade de informações sobre o inimigo permitir um planejamento detalhado e metuculoso da ação.

**3.10.4.6** Os requisitos básicos para uma ação de incursão são a surpresa, a dissimulação, a mobilidade e a existência de superioridade aérea local.

**3.10.4.7** Neste tipo de ação é necessária uma cuidadosa coordenação da força de incursão com os meios de apoio de fogo.

**3.10.4.8** Uma ação de incursão poderá ser empreendida com as seguintes finalidades:

- a) fixar as reservas do inimigo, impedindo que possam intervir no combate;
- b) impedir ou dificultar o desengajamento ou retraimento da força principal do inimigo, ocupando temporariamente posições importantes à retaguarda daquela força;
- c) realizar junção, apoiar, reforçar ou contribuir para a exfiltração de forças aeromóveis ou paraquedistas;
- d) bloquear vias de acesso importantes no campo de batalha, à retaguarda ou nos flancos do inimigo ou em profundidade, impedindo ou dificultando o movimento de suas reservas;
- e) cobrir o flanco de uma outra força durante uma ação ofensiva de desbordamento ou envolvimento;
- f) iludir ou desgastar o poder de combate do inimigo;
- g) obter informações para o planejamento do escalão superior (Esc Sp);
- h) destruir instalações de C<sup>2</sup>, instalações logísticas, posições de artilharia de campanha e antiaérea e meios de engenharia na área de retaguarda do inimigo; e
- i) atuar contra os eixos de suprimento e de comunicações do inimigo.





## **CAPÍTULO IV**

### **OPERAÇÕES DEFENSIVAS**

#### **4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

**4.1.1** As operações defensivas (Op Def) são operações terrestres normalmente realizadas sob condições adversas, como a inferioridade de meios ou a limitada liberdade de ação, em que se procura utilizar integralmente o terreno e as capacidades disponíveis para impedir, resistir ou se sobrepor a um ataque inimigo, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições favoráveis para a retomada da ofensiva.

**4.1.2** Estas operações devem ser encaradas como transitórias. A defesa é uma postura temporária adotada por uma força e serve como um recurso para criar as condições adequadas para passar à ofensiva, com vistas à obtenção dos resultados decisivos desejados. Nela, a força inimiga atacante é inquietada continuamente pelos fogos e por ações ofensivas, conforme for apropriado.

**4.1.3** Nas operações defensivas o conceito guerra de movimento é caracterizado pelas ações dinâmicas da defesa e pela adoção de um dispositivo de expectativa em larga frente, em que tropas com alta mobilidade serão empregadas em locais decisivos e oportunos.

**4.1.4** As Op Def empregam todos os meios disponíveis para buscar uma vulnerabilidade inimiga e devem manter suficiente flexibilidade em seu planejamento para explorá-la, tendo por finalidades principais:

- a) ganhar tempo, criando condições mais favoráveis às operações futuras;
- b) impedir o acesso do inimigo a determinada área ou infraestrutura;
- c) destruir forças inimigas ou canalizá-las para uma área onde possam ser neutralizadas;
- d) reduzir a capacidade de combate do inimigo;
- e) economizar meios em benefício de operações ofensivas em outras áreas;
- f) produzir conhecimento necessário ao processo decisório;
- g) proteger a população, ativos e infraestruturas críticas;
- h) obrigar uma força inimiga a concentrar-se, tornando-a mais vulnerável às forças empregadas na defesa; e
- i) distrair a atenção do atacante, enquanto se preparam operações em outras áreas.

**4.1.5** As Op Def podem ser executadas, momentaneamente, pela impossibilidade de se realizar ações ofensivas contra um inimigo em presença.

Entretanto, o comandante pode empreender operações defensivas em combinação com a dissimulação, por exemplo, para destruir o inimigo.

**4.1.6** A utilização dos meios e a aplicação de métodos, com oportunidade e segurança, são a essência da manobra defensiva, que não obedece a formas rígidas e procura ser o menos estática possível, tornando-se uma defesa dinâmica ou potencialmente dinâmica.

**4.1.7** O defensor esforça-se para diminuir as vantagens pertinentes ao atacante, escolhendo uma área de engajamento, forçando-o a reagir em conformidade com o plano defensivo e explorando suas vulnerabilidades e insucessos. Deve utilizar todas as vantagens que possua ou que possa vir a criar, assumindo riscos calculados, economizando forças para utilizá-las no momento e no local oportunos.

**4.1.8** Apesar de a iniciativa das ações estar com o inimigo, o comandante deve procurar obtê-la, o que pode ser conseguido particularmente pela seleção das áreas onde irá se travar o combate defensivo.

**4.1.9** A mudança deliberada da defensiva para a ofensiva, ou vice-versa, pode ocorrer rapidamente e com frequência considerável. Uma operação defensiva normalmente é constituída por um conjunto de ações e engajamentos de maior ou menor vulto. Os elementos de uma força podem estar defendendo, retardando, contra-atacando, realizando fintas ou executando fogos, como parte do esforço da defesa.

**4.1.10** Quando o inimigo dispõe de carros de combate (CC), o planejamento da defesa anticarro (DAC) constitui preocupação fundamental do comando defensor.

**4.1.11** O incremento da capacidade dos meios de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos (IRVA), aliado ao rápido processamento e difusão de informações, bem como a disponibilidade de sistemas de armas e munições de precisão, têm obrigado o aumento da mobilidade das forças encarregadas da defesa e da dispersão de meios, proporcionando a sobrevivência das forças terrestres que adotam uma postura defensiva.

**4.1.12** Em geral, o defensor defronta-se com um atacante que dispõe de iniciativa na seleção do momento, forma e local onde concentrará sua capacidade de combate.

**4.1.13** O defensor deve, portanto, aproveitar as vantagens que lhe proporcionem o plano de dissimulação adotado pelo escalão superior, suas próprias forças de segurança, sua ocultação, o posicionamento adiantado de suas armas, suas vias de transportes mais curtas e o fato de ele encontrar-se em um terreno selecionado, conhecido e organizado para a defesa.

**4.1.14** Os fundamentos das operações defensivas são os mesmos para um ambiente rural (regiões de campos) e para áreas edificadas (humanizadas). As diferenças entre elas se encontram nas técnicas, táticas e procedimentos (TTP) a serem adotados.

**4.1.15** Normalmente, a amplitude dos espaços operacionais permite grande liberdade de ação para conduzir a manobra ou escolher a região onde se deverá travar o combate defensivo. Esta circunstância, desde que os fatores da decisão permitam, possibilita a combinação de tipos de operações defensivas.

**4.1.16** A análise dos fatores da decisão pode resultar na seleção de mais de uma posição defensiva (P Def) para a condução da operação, caracterizando a defesa em mais de uma posição.

**4.1.17** Durante o planejamento da P Def, são selecionadas as diversas linhas nas quais se deve conduzir o combate defensivo. A última dessas linhas, que ainda permite ao defensor o cumprimento da missão recebida, é denominada última linha a defender (ULD). Quando ocupada, constituir-se-á no último limite da área de defesa avançada (ADA).

**4.1.18** Em largas frentes, a adoção de um dispositivo de expectativa pode constituir-se em um fator decisivo de compatibilização entre os meios disponíveis e a área a defender.

## **4.2 FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS**

**4.2.1** São fundamentos das operações defensivas:

- a) apropriada utilização do terreno;
- b) segurança;
- c) apoio mútuo;
- d) defesa em todas as direções;
- e) defesa em profundidade;
- f) flexibilidade;
- g) máximo emprego de ações ofensivas;
- h) dispersão;
- i) utilização do tempo disponível; e
- j) integração e coordenação das medidas de defesa.

### **4.2.2 APROPRIADA UTILIZAÇÃO DO TERRENO**

**4.2.2.1** O terreno é fator importante na seleção das áreas de defesa e na localização e distribuição das forças. É necessário um estudo judicioso do terreno, para se organizarem forças suficientes e adequadas à sua defesa. Nas partes que favorecem a defesa, são economizados meios, liberando parte significativa deles para as áreas mais vulneráveis ao ataque.

**4.2.2.2** As características defensivas naturais do terreno são exploradas por intermédio das tarefas das funções de combate proteção e movimento e manobra, levantadas durante o estudo de situação.

### **4.2.3 SEGURANÇA**

**4.2.3.1** O atacante pode escolher a hora, o local, a direção e o valor do ataque. Em consequência, o defensor deve adotar todas as medidas possíveis para não ser surpreendido.

**4.2.3.2** Tais medidas compreendem o estabelecimento de meios para proporcionar o alerta sobre a aproximação do inimigo e o emprego de forças de segurança à frente, na direção provável de atuação do inimigo, nos flancos e na retaguarda, para manter a segurança em todas as direções.

### **4.2.4 APOIO MÚTUO**

**4.2.4.1** As forças de defesa são localizadas no terreno de tal forma que possam apoiar-se mutuamente. Esse apoio mútuo completa-se pelos fogos, pela observação e por elementos de manobra, tanto à frente como em profundidade. O sistema de núcleos é concebido de forma a garantir que a queda de um deles não provoque o rompimento da posição, ficando o inimigo submetido aos fogos dos núcleos vizinhos e da retaguarda.

**4.2.4.2** O apoio mútuo dificulta a infiltração inimiga entre os núcleos, pois o espaço entre eles fica permanentemente sob observação e batido por fogos. Se há espaços vazios entre os diferentes núcleos, estes devem ser controlados. O apoio mútuo entre os núcleos de defesa é considerado no escalão batalhão e inferiores.

### **4.2.5 DEFESA EM TODAS AS DIREÇÕES**

**4.2.5.1** No planeamento da defesa, considera-se que o inimigo pode atacar de qualquer direção. Os flancos e a retaguarda da posição podem ser atingidos por meio de desbordamento terrestre, infiltração, assalto aeromóvel ou aeroterrestre, ou ainda, por meio de ações de guerrilha em larga escala. O defensor dispõe suas forças para impedir que o inimigo, utilizando a surpresa, obtenha uma vantagem decisiva ou marcante, quanto à direção ou ao local do ataque.

**4.2.5.2** O planeamento deve permitir a economia de meios, pela disposição apropriada no terreno dos elementos de defesa e de segurança, e por meio da manutenção de uma reserva, com adequada mobilidade, em condições de deslocar-se por toda a posição defensiva.

**4.2.5.3** Normalmente, em regiões amplas as frentes a defender são extensas, o que acentua a necessidade de judiciosa seleção dos locais em que se pretende

articular os meios. Os obstáculos devem ser explorados ao máximo, contribuindo para o fortalecimento da posição defensiva, proporcionando, assim, economia de meios e maior grau de segurança em todas as direções.

#### **4.2.6 DEFESA EM PROFUNDIDADE**

**4.2.6.1** As forças de defesa são dispostas em profundidade, à frente da região que deve ser mantida. É essencial uma profundidade adequada para que o inimigo seja detido, canalizado, destruído (sempre que possível) ou repellido pelas forças de defesa, caso force a entrada ou penetre na região a ser defendida.

**4.2.6.2** A profundidade da defesa é obtida pelo(a):

- a) adequado desdobramento das forças;
- b) utilização de posições de bloqueio, de fortificações de campanha e de obstáculos em profundidade;
- c) manobra; e
- d) emprego adequado de reservas e de fogos.

**4.2.6.3** Em regiões amplas, com o combate predominantemente ao longo dos eixos rodoviários, é mais importante dispor as forças em profundidade do que dispersá-las num dispositivo linear.

#### **4.2.7 FLEXIBILIDADE**

**4.2.7.1** A disposição das forças de defesa e o planejamento de seus fogos e deslocamentos têm por objetivo fazer face ao maior número possível de situações. A posição defensiva é organizada de forma a permitir a mudança da manobra planejada.

**4.2.7.2** A mobilidade da reserva, os fogos e os meios de guerra eletrônica fornecem ao comandante a liberdade necessária para conduzir o combate defensivo. Em regiões amplas, a flexibilidade é obtida, também, pela adoção do dispositivo de expectativa.

#### **4.2.8 MÁXIMO EMPREGO DE AÇÕES OFENSIVAS**

**4.2.8.1** As forças defensivas mantêm-se alertas para aproveitar todas as oportunidades de retomar a iniciativa e destruir o inimigo pela ação ofensiva.

**4.2.8.2** Patrulhamento agressivo, incursões, contra-ataques de desorganização e outros, apoiados por fogos e pela guerra eletrônica, são meios pelos quais o espírito ofensivo é mantido.

#### **4.2.9 DISPERSÃO**

**4.2.9.1** A dispersão é essencial para reduzir a vulnerabilidade das forças. Ao organizar-se a defesa, as forças são dispersas o quanto lhe permitam as

imposições dos fatores da decisão, evitando que se constituam alvos compensadores ou, pelo menos, reduzindo sua vulnerabilidade.

**4.2.9.2** A dispersão em profundidade é preferível à dispersão em largura, pois evita que as frentes se tornem muito extensas para o defensor. Proporciona mais meios para a reserva, evita movimentos laterais em presença de um ataque inimigo, facilita a descoberta e a destruição de elementos de infiltração, e proporciona um melhor dispositivo de forças para a realização de contra-ataques.

**4.2.9.3** A dispersão em largura leva as forças avançadas a se arriscarem ao isolamento e, em consequência, a serem batidas por partes, após a penetração inimiga.

#### **4.2.10 UTILIZAÇÃO DO TEMPO DISPONÍVEL**

**4.2.10.1** A utilização judiciosa do tempo e uma cuidadosa seleção de tarefas a serem executadas são essenciais para o cumprimento de uma missão defensiva.

**4.2.10.2** Todo o tempo disponível é utilizado na preparação da posição defensiva e, após a sua ocupação, os trabalhos ou os melhoramentos da posição prosseguem, mesmo durante as ações de defesa.

#### **4.2.11 INTEGRAÇÃO E COORDENAÇÃO DAS MEDIDAS DE DEFESA**

**4.2.11.1** O plano geral de defesa envolve a integração e a coordenação cuidadosa de todas as medidas defensivas.

### **4.3 O ESCALONAMENTO DA ÁREA DE DEFESA**

**4.3.1** A área de defesa (posição defensiva) é escalonada em (Fig 4-1):

- a) área de segurança;
- b) área de defesa avançada; e
- c) área de reserva.

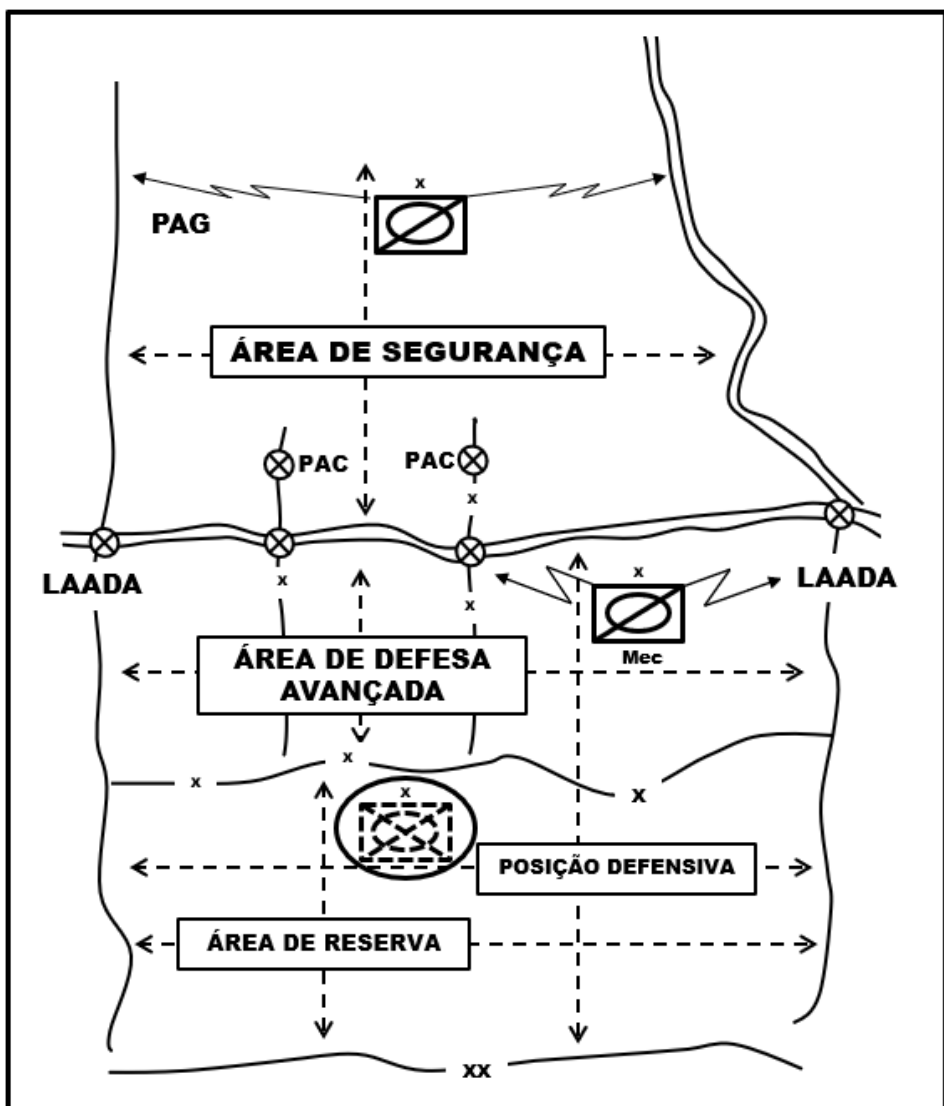


Fig 4-1 – Escalonamento da área de defesa

**4.3.2** A **ÁREA DE SEGURANÇA** é a região situada à frente da área de defesa avançada, onde atuam as forças do escalão de segurança da defesa.

**4.3.3** A **ÁREA DE DEFESA AVANÇADA** está compreendida entre o limite anterior da área de defesa avançada e o limite de retaguarda dos elementos diretamente subordinados, empregados em primeiro escalão.

**4.3.4** A **ÁREA DE RESERVA** está compreendida entre o limite de retaguarda dos elementos empregados em primeiro escalão e o limite de retaguarda do escalão considerado.

## 4.4 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

**4.4.1** As Op Def, em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem certo grau de resistência a uma força atacante.

**4.4.2** Os graus de resistência oferecidos a uma força atacante são os seguintes:

- a) **Defender** – ação tática que implica empregar uma força para conservar a posse de uma área ou para conservar a integridade de uma unidade ou conjunto de unidades, por meio do estabelecimento de uma posição defensiva.
- b) **Retardar** – ação tática que implica trocar espaço por tempo, obrigando o inimigo a desdobrar-se e a manobrar, procurando infligir-lhe o maior desgaste possível, sem que a força que retarda se engaje decisivamente no combate.
- c) **Vigiar** – ação tática que visa proporcionar segurança à determinada região ou força, pelo estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações, que procuram detectar a presença do inimigo assim que o mesmo entre no raio de ação ou campo dos instrumentos do elemento que executa a vigilância. Não se destina à manutenção de terreno ou à destruição do inimigo.

**4.4.3** São dois os tipos de operações defensivas: defesa em posição e movimento retrógrado. Normalmente, ambos os tipos se combinam entre si. Em cada um deles alternam-se elementos estáticos e dinâmicos, que proporcionam a constante e flexível atividade que caracteriza a defensiva.

## 4.5 DEFESA EM POSIÇÃO

**4.5.1** Na defesa em posição, uma força procura contrapor-se à força inimiga atacante numa área organizada em largura e em profundidade e ocupada, total ou parcialmente, por todos os meios disponíveis, com a finalidade de:

- a) dificultar ou deter a progressão do atacante, em profundidade, impedindo o seu acesso a uma determinada área;
- b) aproveitar todas as oportunidades para desorganizar, desgastar ou destruir as forças inimigas; e
- c) assegurar condições favoráveis para o desencadeamento de uma ação ofensiva.

**4.5.2** A possibilidade de emprego da dissimulação tática por parte do inimigo deve ser considerada por ocasião do exame de situação.

**4.5.3** O terreno se presta a ser utilizado contra o inimigo, compensando determinadas deficiências do defensor, sem a ideia de sua ocupação permanente. Tal procedimento dá à defesa em posição um caráter de dinamismo, que visa aperfeiçoar o emprego dos meios geralmente escassos em relação às frentes. Desta maneira, é muito importante, na organização da defesa, a adoção de um dispositivo altamente flexível.



**4.5.4** Alguns meios são aplicados desde o início, ocupando posição na defesa das principais direções de atuação do inimigo, enquanto que nas direções secundárias é empregado um mínimo de forças ou mesmo nenhuma, mantendo-se nessa região uma permanente vigilância terrestre ou aérea.

**4.5.5** Meios capazes de se deslocarem à parte da frente do dispositivo defensivo ficam em posições recuadas, em regiões criteriosamente escolhidas. A necessidade de liberdade de movimento determina que tais meios disponham de grande mobilidade.

## **4.6 MOVIMENTO RETRÓGRADO**

**4.6.1** É qualquer movimento tático organizado, de parte de uma força terrestre, para a retaguarda ou para longe do inimigo, seja forçado por este, seja executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra, quando uma vantagem marcante possa ser obtida.

**4.6.2** Em qualquer caso, deve ser aprovado pelo comandante do escalão imediatamente superior e é planejado com a antecedência devida. O movimento retrógrado (Mov Rtg) é caracterizado pelo planejamento centralizado e pela execução descentralizada. Devido ao seu efeito sobre o moral da tropa, exige liderança e iniciativa em todos os escalões.

**4.6.3** O Mov Rtg visa a preservar a integridade da força, a fim de que, em uma ocasião futura, a ofensiva seja retomada. Pode ter uma ou mais das seguintes finalidades:

- a) inquietar, exaurir e retardar o inimigo, infligindo-lhe o máximo de baixas;
- b) conduzir o inimigo a uma situação desfavorável;
- c) permitir o emprego da força ou de uma parte da mesma em outro local;
- d) evitar o combate sob condições desfavoráveis;
- e) ganhar tempo, sem se engajar decisivamente em combate;
- f) desengajar-se ou romper o contato;
- g) adaptar-se ao movimento de outras tropas amigas; e
- h) encurtar os eixos de transporte e suprimento.

**4.6.4** Havendo dificuldades para a defesa de largas frentes, é mais apropriado atrair o inimigo a uma situação desfavorável, utilizando-se o Mov Rtg para o estabelecimento de uma P Def em melhores condições, partindo-se então para uma contraofensiva.

## **4.7 FORMAS DE MANOBRA DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS**

**4.7.1** O comandante pode empregar cinco formas de manobra tática defensiva (Tab 4-1):

- a) defesa de área e defesa móvel, na defesa em posição; e
- b) retraimento, ação retardadora e retirada, no movimento retrógrado.

| OPERAÇÕES DEFENSIVAS |                  |
|----------------------|------------------|
| TIPOS DE OPERAÇÕES   | FORMA DE MANOBRA |
| DEFESA EM POSIÇÃO    | DEFESA DE ÁREA   |
|                      | DEFESA MÓVEL     |
| MOVIMENTO RETRÓGRADO | AÇÃO RETARDADORA |
|                      | RETRAIMENTO      |
|                      | RETIRADA         |

Tab 4-1 – Formas de manobra das operações defensivas

#### 4.7.2 DEFESA DE ÁREA

**4.7.2.1** Tem por objetivo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica, por um determinado período de tempo. O comandante deve tomar por base a capacidade dos fogos e das forças empregadas na área de defesa avançada (ADA), para engajar e repelir o atacante (Fig 4-2).

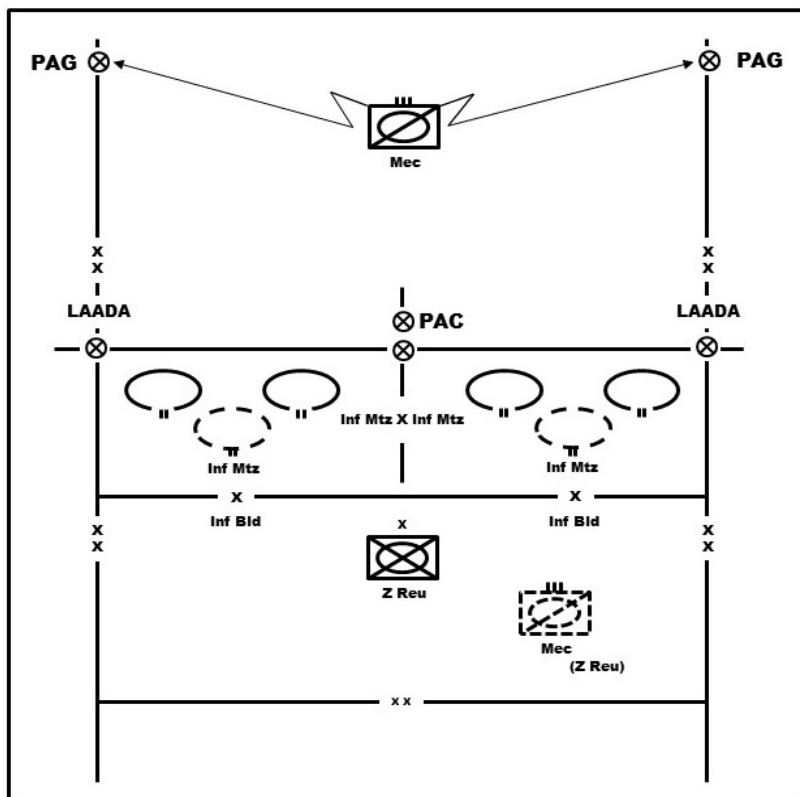


Fig 4-2 – Defesa de área

**4.7.2.2** Adota-se uma defesa de área quando as forças terrestres disponíveis ou o terreno não reúnem as características ou estruturas adequadas para a adoção de outras formas de manobra defensiva.

**4.7.2.3** Fatores que dificultam a ocupação do terreno a defender, bem como o estabelecimento linear de posições:

- a) as capacidades do atacante relacionadas aos sistemas de inteligência, de vigilância, de reconhecimento e de aquisição de alvos, conjugadas com armas de longo alcance e de acurada precisão;
- b) a possibilidade do inimigo de obter e difundir informações em tempo real; e
- c) a possibilidade do inimigo de concentrar um significativo poder de combate em um curto espaço de tempo – mediante a combinação de manobras de superfície com o envolvimento ou desbordamento verticais (aeromóvel ou aeroterrestre).

**4.7.2.4** Na defesa de área, o defensor aceita o engajamento decisivo na faixa do terreno selecionada para a condução da defesa, priorizando cumprir sua missão ao longo do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA), contando com um grande volume e variedade de fogos. Na distribuição dos meios de combate, a área de defesa avançada tem maior prioridade.

**4.7.2.5** A reserva é empregada, principalmente, para bloquear e eliminar as penetrações ou reforçar as regiões ameaçadas. O planejamento defensivo exige planos de fogos detalhados, organização da posição para ampliar o valor defensivo do terreno, planos para emprego da reserva e plano de barreiras.

**4.7.2.6** A defesa de área tira o máximo proveito dos obstáculos existentes, reduzindo o perigo do ataque à noite ou da infiltração, e força o atacante a empregar o máximo de poder de combate para realizar a penetração.

**4.7.2.7** A defesa de área deve tirar vantagem da profundidade da zona de ação, ocupando posições ao longo do campo de batalha, que proporcionem apoio mútuo e forcem o atacante a expor suas tropas ao realizar sucessivos ataques.

**4.7.2.8** Sempre que possível, são realizados contra-ataques, visando os flancos da tropa inimiga, sem que isto coloque em risco a área a ser mantida.

### **4.7.3 DEFESA MÓVEL**

**4.7.3.1** Emprega uma combinação de ações ofensivas, defensivas e retardadoras. Nela o comandante utiliza um menor poder de combate à frente, na ADA, e vale-se da manobra, dos fogos e da organização do terreno para recuperar a iniciativa (Fig 4-3).

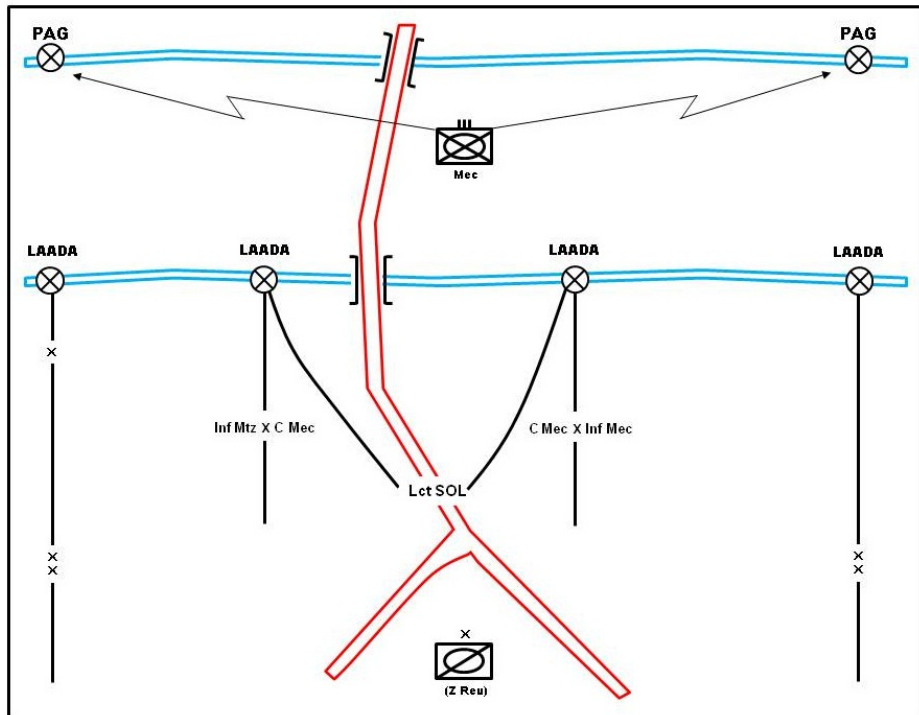


Fig 4-3 – Defesa móvel

**4.7.3.2** A defesa móvel (Def Mv) visa à destruição das forças inimigas e, para isso, apoia-se no emprego de forças ofensivas dotadas de elevada mobilidade e poder de choque (forças blindadas).

**4.7.3.3** Normalmente, parte dos meios opera como na defesa de área e outra, como força de fixação, com a missão de retardar o inimigo, atraindo-o para uma situação que favoreça o desencadeamento de um contra-ataque de destruição, dentro de uma linha de controle-limite da penetração na ADA.

**4.7.3.4** As forças da ADA realizam o combate defensivo, retardam o inimigo ou executam operações ofensivas limitadas, sempre que for necessário tornar o atacante vulnerável ao contra-ataque.

**4.7.3.5** A reserva recebe maior prioridade na distribuição dos meios, sendo empregada em vigorosa ação ofensiva, para destruir o inimigo em momento e local mais oportunos. É desejável que a força amiga disponha de superioridade aérea local no momento adequado.

**4.7.3.6** Requer da força defensora mobilidade igual ou superior à do inimigo. A disponibilidade de forças aeromóveis e de meios da Aviação do Exército (Av Ex) aumenta a flexibilidade e a presteza da força para reagir às situações táticas.

**4.7.3.7** O emprego bem-sucedido da defesa móvel depende da força defensora ceder terreno de forma controlada, a fim de obter resultados decisivos com o emprego da reserva como força de choque.

**4.7.3.8** As forças da ADA não devem ficar dispersas ou expostas, o que possibilitaria ao inimigo batê-las por partes. Devem possuir poder de combate suficiente para levar o inimigo a concentrar suas forças para o ataque, em locais onde possam ser destruídas pela potência do fogo e pela manobra.

**4.7.3.9** Quando as circunstâncias determinarem que parte da força conduza uma defesa móvel, enquanto os elementos vizinhos realizam uma defesa de área, as forças da área de defesa avançada das unidades que realizam a defesa móvel não podem expor os flancos dos elementos vizinhos.

**4.7.3.10** Em geral, tanto a defesa de área (Def A) como a Def Mv, se aplicadas isoladamente, não são adequadas para determinadas situações ou missões. Assim, deve ser encontrada uma variante que incorpore partes importantes de cada uma delas. Esta variante, por conservar a intenção de destruir o inimigo, é ainda considerada Def Mv.

#### **4.7.4 RETRAIMENTO**

**4.7.4.1** É um movimento retrógrado, por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do escalão superior. Parte das forças permanece em contato, para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e infligir-lhe danos, pelo fogo e por uma manobra adequada.

**4.7.4.2** O retraimento (Ret) pode ser diurno ou noturno, podendo, ainda, ser executado sob pressão ou sem pressão do inimigo. É preferível que o retraimento seja conduzido durante a noite ou sob condições de reduzida visibilidade.

**4.7.4.3** O retraimento sem pressão (Fig 4-4) exige uma contrainteligência eficaz e depende, primordialmente, do controle, da segurança e da dissimulação. O controle e a segurança são proporcionados pela preparação completa e minuciosa de planos que devem incluir previsões para a eventualidade de detecção e de interferência por parte do inimigo. A dissimulação é proporcionada pela simulação de tráfego rádio, de fogos, dentre outras atividades. Pode ser prevista a interferência do inimigo, por meio do emprego de tropas aeroterrestres, aeromóveis ou infiltradas.

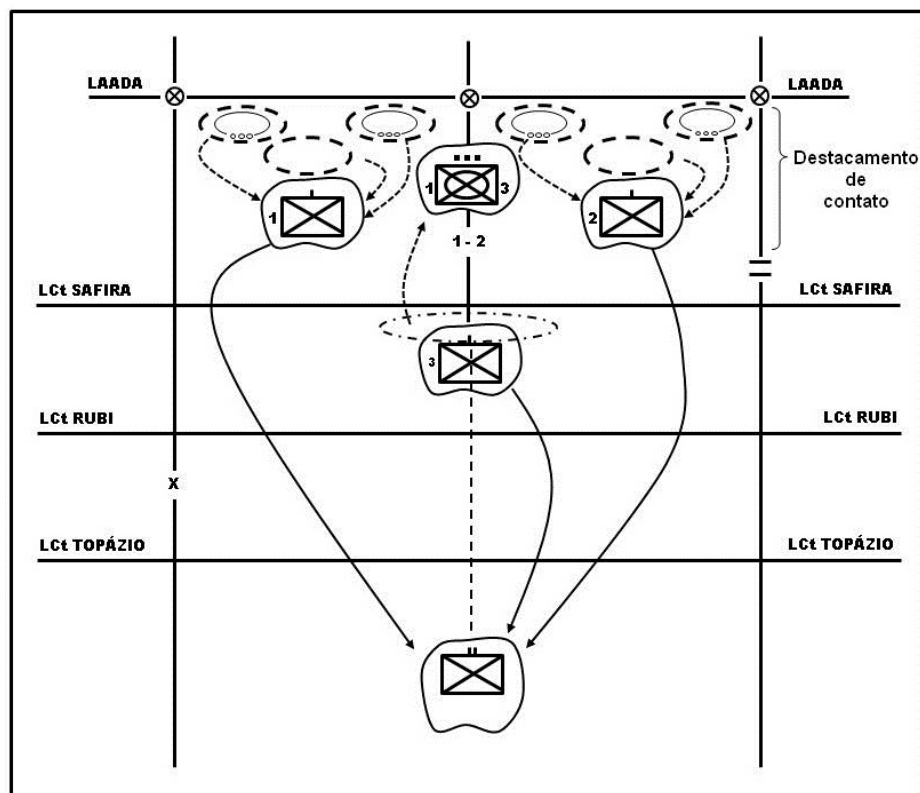


Fig 4-4 – Retraimento sem pressão

**4.7.4.4** O retratamento sob pressão (Fig 4-5) exige mobilidade, meios de guerra eletrônica, apoio de fogo, controle, emprego de forças de cobertura e superioridade aérea local. Em tais circunstâncias são essenciais o alto grau de coordenação e o judicioso emprego de obstáculos. Todos os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do inimigo que estejam engajados com as forças de retardamento. As forças mais avançadas deslocam-se para a retaguarda pelo emprego dos princípios da ação retardadora.

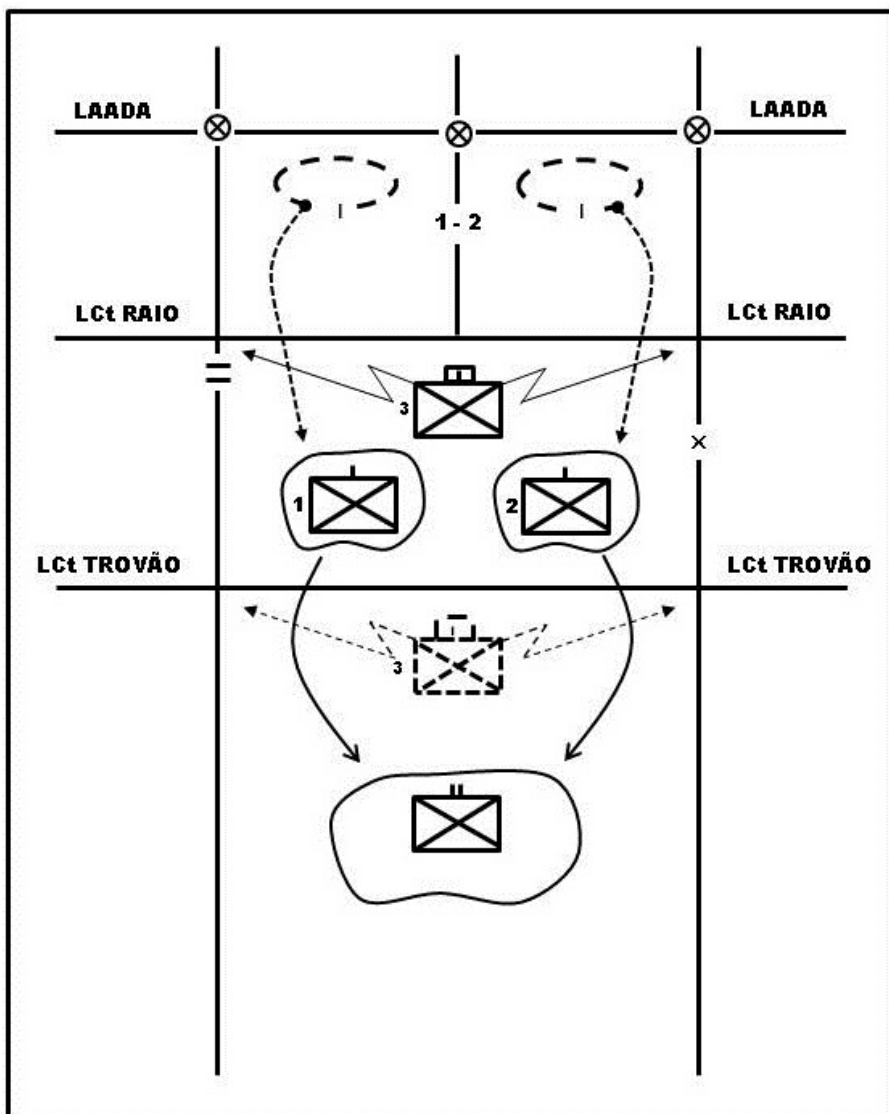


Fig 4-5 – Retraimento sob pressão

**4.7.4.5** É desejável que o retratamento de todas as unidades seja simultâneo. Quando isto não for possível, as unidades menos engajadas retraem antes.

**4.7.4.6** No retratamento sob pressão, as reservas são desdobradas bem à frente, para proporcionar cobertura ao retratamento das forças avançadas, ou mesmo para auxiliar tais forças a romperem o contato com o inimigo e a executarem o retardamento entre as posições.

#### **4.7.5 AÇÃO RETARDADORA**

**4.7.5.1** É um movimento retrógrado, no qual uma força terrestre, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate. Na execução de uma ação retardadora (Aç Rtrd), o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.

**4.7.5.2** Na execução de uma Aç Rtrd são realizadas ações ofensivas. A defesa em cada posição deve obrigar o inimigo a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.

**4.7.5.3** As posições de retardamento das unidades normalmente não são organizadas em grande profundidade. O grosso da força, concentrado em primeiro escalão, utiliza ao máximo a potência de fogo sobre as prováveis VA do inimigo, como medida inicial para evitar o engajamento decisivo no combate.

**4.7.5.4** Alguns princípios que devem ser aplicados no planejamento e na condução da Aç Rtrd:

- a) **CONTROLE CENTRALIZADO E AÇÃO DESCENTRALIZADA** – uma Aç Rtrd é caracterizada por operações em larga frente, com o máximo de forças em contato e um mínimo em reserva. Disto resulta uma série de ações independentes de unidades ao longo de toda a frente, nas quais os Cmt devem ter liberdade de ação para conduzi-las. Na conduta do retardamento, o movimento para a retaguarda das unidades deve ser coordenado meticulosamente. Isto assegura que o inimigo não ultrapasse, desborde ou envolva qualquer elemento da força de retardamento, ou obtenha uma penetração que possa comprometer o sucesso da missão de retardamento;
- b) **MÁXIMO EMPREGO DO TERRENO** – deve ser feito o máximo de aproveitamento do terreno, não permitindo à força inimiga que avance grandes distâncias sem resistência. As posições de retardamento são selecionadas em regiões que permitam o domínio das prováveis vias de acesso do inimigo;
- c) **FORÇAR O INIMIGO A DESDOBRAR-SE E A MANOBRAR** – o inimigo deve ser engajado no alcance máximo de todas as armas de tiro indireto e no alcance útil das armas de tiro direto. Esta ação obriga o inimigo a perder tempo no desdobramento, no esclarecimento da situação e em movimentos ofensivos. O emprego repetido desta técnica retarda a progressão do inimigo e troca espaço por tempo. Em algumas situações, no entanto, os fogos de longo alcance podem ser deliberadamente contidos para fins de dissimulação;
- d) **MÁXIMO EMPREGO DE OBSTÁCULOS** – é explorado ao máximo o emprego de obstáculos naturais e artificiais para retardar o inimigo. Obstáculos são empregados para canalizar e retardar a progressão e proporcionar segurança de flancos à força que retarda. Para se obter a máxima eficiência, os obstáculos devem ser batidos por fogos;
- e) **MANUTENÇÃO DO CONTATO COM O INIMIGO** – contínuos reconhecimentos devem ser conduzidos, visando estabelecer e manter o contato com o inimigo. O



contato deve ser mantido com a força inimiga para evitar penetrações ou desbordamentos; e

f) EVITAR O ENGAJAMENTO DECISIVO – posições são ocupadas por determinados períodos de tempo para obrigar o inimigo a desdobrar seus meios, esclarecer a situação e manobrar para atacar cada posição. A força retardadora deve retrair para posição seguinte antes de tornar-se decisivamente engajada com o inimigo.

**4.7.5.5** As posições de retardamento são selecionadas pelo Cmt da força que executa a Aç Rtrd, que pode receber do Esc Sp a localização da posição inicial de retardamento (PIR). A PIR deve ser apoiada em um obstáculo de vulto.

**4.7.5.6** Uma posição ideal é aquela que, com um mínimo de forças desdobradas, força o inimigo a concentrar-se e apresentar-se como alvo compensador. O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve oferecer uma ou mais das características abaixo:

- a) linha de alturas transversal às prováveis vias de acesso do inimigo;
- b) obstáculos naturais, tais como rios, pântanos, lagos etc, tanto à frente quanto nos flancos;
- c) elevações que permitam boa observação e campos de tiro profundos;
- d) itinerários desenhados para o Ret; e
- e) rede de estradas em boas condições de trafegabilidade, através do campo, para o Ret.

**4.7.5.7** A tarefa principal do desgaste do inimigo é atribuída aos fogos de longo alcance de artilharia e à cortina de fogos das armas de primeiro escalão. O combate decisivo deve ser evitado. O emprego da Aviação do Exército aumenta a segurança e a flexibilidade da ação retardadora.

**4.7.5.8** Uma ação retardadora é conduzida, a princípio, em mais de uma posição. O retardamento, normalmente, é conseguido tanto nas posições como entre elas. A força de retardamento mantém o contato permanente com o inimigo e o retarda continuamente. Pode-se empregar as seguintes técnicas de retardamento:

- a) em posições alternadas;
- b) em posições sucessivas; ou
- c) a adequada combinação de ambas.

**4.7.5.9** O retardamento em posições alternadas (Fig 4-6) é utilizado quando estiver atuando em uma frente estreita ou quando as posições de retardamento forem razoavelmente próximas umas das outras. Ao empregar esta técnica, a força que executa a Aç Rtrd é dividida em dois grupamentos. O primeiro organiza e ocupa a posição inicial de retardamento enquanto o segundo ocupa e organiza a segunda posição de retardamento.

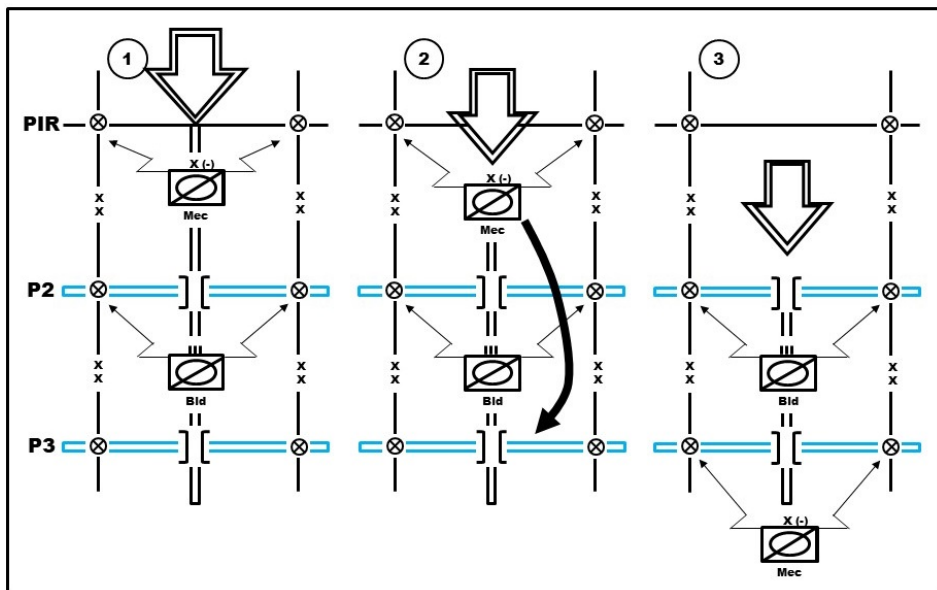


Fig 4-6 – Ação retardadora em posições alternadas

**4.7.5.10** A força que conduz um retardamento em posições alternadas normalmente não constitui uma reserva específica. As forças que não estão em contato, enquanto organizam a próxima posição de retardamento, ficam em condições de serem empregadas como reserva durante a condução da Aç Rtrd.

**4.7.5.11** O retardamento em posições alternadas tem as vantagens de proporcionar maior prazo para a melhoria das posições de retardamento e para a execução da manutenção do material. Também permite que as tropas tenham períodos de descanso entre os combates, diminuindo a fadiga. Como desvantagem, exige a repartição dos meios, reduzindo o poder de combate disponível para a defesa de cada posição.

**4.7.5.12** O retardamento em posições sucessivas (Fig 4-7) se processa ocupando-se e melhorando-se cada posição de retardamento natural. Entretanto, o retardamento é imposto não apenas nas posições sucessivas, mas, também, entre as mesmas. Nunca é cedido terreno desnecessariamente e toda oportunidade de retardar é aproveitada.

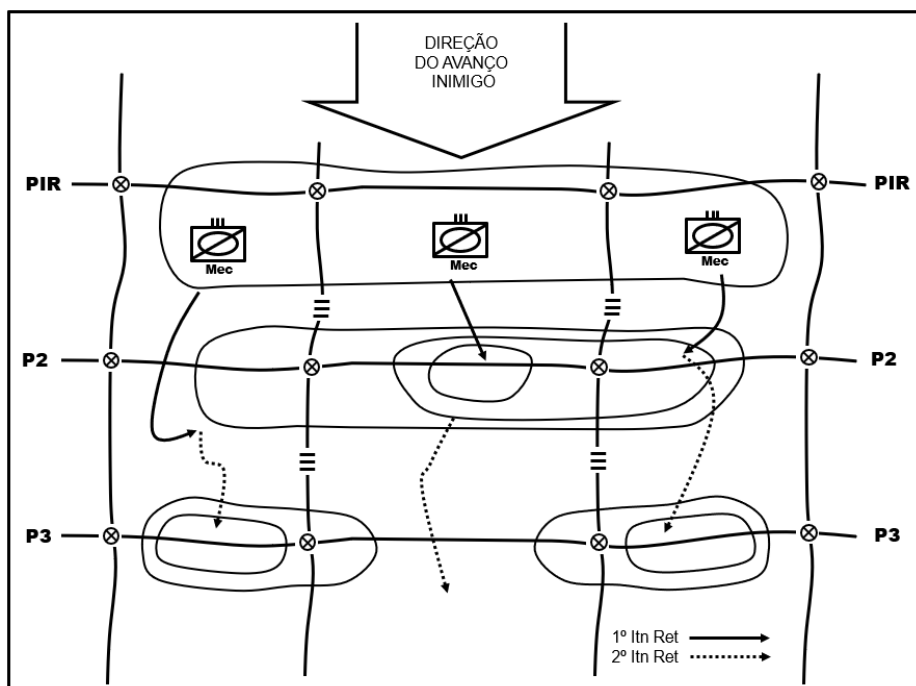


Fig 4-7 – Ação retardadora em posições sucessivas

**4.7.5.13** É desejável que a posição inicial de retardamento seja ocupada antes do contato com o inimigo. Em tais casos, elementos de cada fração de primeiro escalão são enviados à frente para estabelecer contato e retardar o inimigo que avança sobre a posição inicial.

**4.7.5.14** A artilharia de longo alcance e as unidades da posição inicial de retardamento mantêm o inimigo sob seus fogos o mais longe possível. Este fogo inflige baixas ao inimigo, força seu desdobramento prematuro e exige que ele tome outras medidas que consomem tempo para cerrar sobre a posição.

**4.7.5.15** Quando for conseguido o máximo de retardamento e existir a possibilidade de aferramento dessa força, o Ret é iniciado mediante ordem do Cmt do Esc Sp.

## 4.7.6 RETIRADA

**4.7.6.1** É um movimento retrógrado realizado sem contato com o inimigo, com a finalidade de evitar um combate decisivo, em face da situação existente. Pode ser executada em seguida a um retraimento ou quando não houver contato físico com o inimigo.

**4.7.6.2** A força em retirada pode ser submetida a ataques de forças irregulares, a incursões aeromóveis e/ou aeroterrestres, a fogos de longo alcance e a operações de informação do inimigo.

**4.7.6.3** Deve ser dada ênfase aos movimentos noturnos, devendo realizar os diurnos apenas pela exfiltração de pequenos grupos. No início da retirada, elementos da força podem separar-se e deslocar-se em grupos dispersos para zonas de reunião preestabelecidas. A força em retirada combate apenas quando isso for exigido pela missão. As medidas de segurança das comunicações e eletrônica, especialmente o silêncio rádio, devem ser empregadas ao máximo.

## **4.8 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA DEFESA**

### **4.8.1 PLANEJAMENTO DA DEFESA**

**4.8.1.1** O desenvolvimento do plano de defesa exige a consideração dos fatores da decisão:

- a) missão – atividades e tarefas defensivas e sua finalidade;
- b) inimigo – hipóteses de atuação do inimigo terrestre;
- c) terreno – características da área de operações;
- d) meios – poder de combate necessário para a adoção dos graus de resistência adequados às diversas partes da frente a defender, meios necessários para a condução do combate defensivo em profundidade, valor desejável das forças de segurança e da reserva, mobilidade dos meios disponíveis, situação relativa aérea e possibilidade de fornecer apoio logístico nos diversos planos;
- e) tempo – prazo disponível para a organização da posição defensiva; e
- f) considerações civis.

**4.8.1.2** Após a seleção do tipo de operação defensiva, ou da combinação deles, são desenvolvidos estudos no sentido de definirem-se alguns elementos da manobra, tais como a linha da força de cobertura (F Cob), se for o caso, o LAADA, as linhas de rebatimento e a ULD, na defesa em posição, ou a PIR e as posições de retardamento, no movimento retrógrado.

**4.8.1.3** No planejamento de um movimento retrógrado, o mais alto escalão realizando a operação defensiva prescreve o tempo a ser ganho durante a operação e a ocasião em que seus elementos subordinados devem ocupar a posição inicial de retardamento. Para executar seus planos táticos, cada elemento subordinado recebe suficiente espaço de manobra, com uma rede de estradas compatível. São estabelecidos linhas e pontos de controle, pontos de ligação e outras medidas para facilitar a coordenação durante a execução da ação.

**4.8.1.4** A tarefa do defensor é combinar os meios disponíveis de modo sincronizado e em proporções que atendam ao cumprimento da missão. Determinadas considerações devem ser levadas em conta:

- a) facilitar o emprego dos meios pelo aproveitamento das características defensivas naturais do terreno, as quais podem ser agravadas pela adequada organização do terreno (OT). Normalmente, um defensor pode selecionar e reconhecer a área a defender, antes de sua organização e, assim, adotar um dispositivo que favoreça a retomada da iniciativa, o mais cedo possível;
- b) o atrativo operacional existente para o atacante, em determinadas partes da frente, deve merecer consideração prioritária, quando o propósito essencial da manobra defensiva for a destruição do inimigo; busca-se, assim, aproveitar a própria impulsão do oponente para destruí-lo, em melhores condições, no interior da posição defensiva; e
- c) o terreno é analisado para que seja determinado o valor relativo defensivo das vias de acesso para o interior da área de defesa, as áreas favoráveis para ações ofensivas e os obstáculos, existentes ou em potencial que, se agravados, fortalecem a defesa ou contribuem para canalizar o inimigo, restringindo-lhe a capacidade de manobra.

**4.8.1.5** Durante o planejamento, deve-se procurar preservar a liberdade de ação pela adoção de um dispositivo flexível, que permita o aproveitamento de todas as oportunidades para desgastar ao máximo ou destruir as forças atacantes.

**4.8.1.6** O conhecimento que se tem do inimigo, possibilitando a determinação do poder relativo de combate, inclusive o seu grau de mobilidade, tem grande influência na seleção do tipo de operação defensiva. Não existe um dado numérico da relação de forças, que, de maneira absoluta, determine a realização de um dos tipos de operação.

**4.8.1.7** Consideradas as possibilidades gerais de defesa, pode-se tomar como dado para início do planejamento, uma relação de um para três, como aceitável para uma defesa em posição. O terreno e a natureza dos meios em presença podem alterar esta relação. Quando tal relação é acentuadamente menor, pode ser imposta a adoção de um movimento retrógrado, pela necessidade de se evitar o combate em condições desfavoráveis.

**4.8.1.8** Ao analisar o terreno, deve-se identificar a região capital de defesa, que é uma região de interesse vital e cuja perda compromete o dispositivo defensivo.

**4.8.1.9** Informações de combate eficientes são de difícil obtenção, pelo fato da iniciativa não pertencer ao defensor e em razão de sua inferioridade em poder de combate e em meios de reconhecimento. Essa desvantagem é compensada pelo conhecimento detalhado da área operacional e, eventualmente, por sua capacidade de perceber a aproximação do atacante.

**4.8.1.10** No estudo das possíveis DTA a serem utilizadas pelo inimigo, devem ser considerados os seguintes aspectos:

- a) importância para as possíveis manobras do inimigo, dentro da(s) hipótese(s) formulada(s);
- b) importância das regiões para onde conduzem, tendo em vista a manobra defensiva planejada; e
- c) vias de acesso de valor brigada existentes.

**4.8.1.11** Como consequência desse estudo e considerando o tipo de operação que será executada, bem como o grau de intensidade de defesa em cada uma das direções, chega-se a uma primeira ideia do valor necessário para antepor-se ao inimigo.

**4.8.1.12** A composição das forças da área de defesa avançada varia com a finalidade defensiva. Quando a defesa é baseada na manutenção do terreno, a maioria das forças é utilizada na sua organização. É necessário organizar uma reserva para manter a continuidade da defesa. As forças designadas para a ADA, em uma defesa móvel, devem ser capazes de forçar o desdobramento do inimigo, ter possibilidade de executar fogos de longo alcance e devem ser dotadas de uma mobilidade igual ou superior a do inimigo.

**4.8.1.13** As forças da área da reserva são utilizadas para o defensor reconquistar a iniciativa. A manutenção de uma reserva permite a ação ofensiva, tanto no interior como à frente da área de defesa avançada.

**4.8.1.14** Quando for empregada a defesa móvel, a reserva é o elemento mais forte e decisivo da força. Embora possa ser empregada para realizar ações defensivas, sua missão principal é derrotar o inimigo pelo combate ofensivo. A possibilidade de a reserva concentrar, rapidamente, um poder de combate superior em uma dada área, aumenta consideravelmente sua capacidade ofensiva.

**4.8.1.15** A reserva é empregada para:

- a) reforçar ou substituir elementos empregados na área de defesa avançada;
- b) assegurar a manutenção de regiões importantes do terreno;
- c) auxiliar o desengajamento de forças;
- d) proteger os flancos;
- e) fornecer segurança contra assaltos aeroterrestres e aeromóveis;
- f) realizar operações contra infiltrações e forças irregulares, sempre que o valor do inimigo ultrapasse as possibilidades da força de defesa da área de retaguarda do escalão considerado; e
- g) destruir o inimigo.

**4.8.1.16** O contra-ataque é um elemento básico da defesa. Sua finalidade varia de acordo com a forma de manobra tática defensiva.

**4.8.1.17** Os princípios do combate ofensivo são aplicáveis na execução do contra-ataque.

**4.8.1.18** Na defesa da área, a finalidade do contra-ataque é repelir a força que penetrou na posição e reconquistar o controle da área de defesa avançada.

**4.8.1.19** Na defesa móvel, o contra-ataque é o elemento decisivo por meio do qual o comandante cumpre sua missão. O objetivo principal é a destruição da força inimiga e o aproveitamento das oportunidades para a reconquista da iniciativa e para a retomada, em curto prazo, de uma atitude ofensiva, dependendo do escalão que conduz a manobra.

**4.8.1.20** Os planos de barreiras são preparados simultaneamente com os outros planos. É importante obter a máxima vantagem dos obstáculos naturais e agravá-los. A eficiência de um obstáculo é limitada quando ele não estiver coberto pela observação e pelo fogo. São necessárias passagens e brechas para o movimento de reservas e outras forças na área de defesa. Os planos de barreiras estabelecem a localização das barreiras, a responsabilidade e a prioridade para a sua construção. O plano de barreiras deve ser cuidadosamente coordenado com os planos de contra-ataque.

**4.8.1.21** A eficiência das operações contra um inimigo que tenha a possibilidade de empregar blindados exige a defesa anticarro em toda a área de operações.

**4.8.1.22** Se os blindados inimigos ultrapassarem a área de defesa avançada, as armas anticarro localizadas em profundidade devem procurar deter o seu avanço. As forças na ADA devem permanecer o maior tempo possível em posição para impedir que os fuzileiros inimigos acompanhem os blindados e para cooperar na destruição dos carros de combate. Devem ser então empregadas forças de reserva fortes em blindados, para repelir ou destruir o inimigo no interior da penetração.

**4.8.1.23** O comandante que, numa defesa em posição, deseja a destruição das forças atacantes que penetrarem na posição, deve determinar a condução de uma defesa móvel. Na parte da frente, na qual não deseja que o inimigo realize uma penetração significativa, deve determinar a condução de uma defesa de área.

**4.8.1.24** A determinação da última linha a defender está diretamente vinculada à missão recebida. Essa missão fixa, entre outras condições, a região ou regiões a defender. A missão é o fator preponderante na sua determinação, mas os outros fatores da decisão condicionam, também, a escolha da última linha a defender.

**4.8.1.25** Caso se opte pelo cumprimento da missão em mais de uma posição defensiva, a ULD fica localizada na última dessas posições. Nas demais, são

estabelecidas linhas de rebatimento na área da reserva. As principais consequências do posicionamento relativo do LAADA e da ULD são:

- a) ULD coincidindo com o LAADA – nenhuma flexibilidade para conduzir a defesa em profundidade (condução da defesa em profundidade, na região dos elementos da área de defesa avançada). A reserva deve ser forte;
- b) ULD coincidindo em parte com o LAADA – nenhuma flexibilidade para, na parte da frente em coincidência, conduzir a defesa em profundidade. A reserva deve ser forte;
- c) ULD próxima ao LAADA – pouca flexibilidade para conduzir a defesa em profundidade. A reserva deve ser forte; e
- d) ULD distante do LAADA – boa flexibilidade para conduzir a defesa em profundidade; possibilidade de seleção de outras linhas de rebatimento; maior segurança e possibilidade de se empregar menos forças na reserva.

**4.8.1.26** Na conduta da defesa, as penetrações admitidas dependem do grau de risco a ser aceito pela força que executa a operação, em função dos fatores da decisão. Podem ser admitidas penetrações maiores:

- a) se as regiões a manter estiverem longe da ULD;
- b) se a ULD apresentar boas características defensivas;
- c) se uma reserva forte estiver disponível; e
- d) se o valor e a natureza do inimigo permitirem.

**4.8.1.27** Com base nos fatores da decisão, a determinação do LAADA é feita em conjunto com a determinação da ULD, guardando uma posição que permita à força de segurança, quando existir, cumprir sua missão. Há uma interdependência, em termos de localização, entre as linhas da força de segurança, do LAADA e da ULD.

**4.8.1.28** A determinação das linhas de rebatimento deve permitir às forças conduzir, com liberdade de ação, o combate defensivo, mantendo, em última instância, região ou regiões de seu interesse ou do interesse do escalão superior. Essa característica fornece a flexibilidade para organizar linhas sucessivas que asseguram a continuidade das ações em qualquer tipo de defesa da posição.

**4.8.1.29** Na execução da manobra defensiva, as linhas de rebatimento vão se constituir em LAADA sucessivos, à medida que forem ocupadas. A força que executa a operação continuará defendendo e seus elementos em primeiro escalão apresentarão nova defesa.

**4.8.1.30** É importante não confundir retardamento com rebatimento. A ocupação de linhas de retardamento é a manobra planejada e desejada em um movimento retrógrado. Visa a desgastar o inimigo, retardá-lo e/ou canalizá-lo para uma região desfavorável.

**4.8.1.31** O rebatimento, ou seja, o abandono de um LAADA para estabelecer-se em outra linha mais à retaguarda, é uma decisão adotada para se ter



flexibilidade na condução da defesa. Esta decisão, em princípio, é tomada quando os elementos que executam a defesa já tiverem esgotado todos os meios para continuarem a manter o LAADA até então estabelecido.

**4.8.1.32** A repartição de forças entre as áreas de segurança, de defesa avançada e da reserva vai depender do grau de risco a ser aceito em função dos fatores da decisão. O Processo das 5 Fases é uma metodologia para realizar essa repartição.

#### **4.8.2 EXECUÇÃO DA DEFESA**

**4.8.2.1** A execução da defesa é realizada executando, simultaneamente ou não, rebatimentos, contra-ataques, retardamentos, substituições, reajustamentos de limites e de apoios, mudanças na sua composição de meios e hipotecando reserva(s) do(s) escalão(ões) subordinado(s).

**4.8.2.2** A condução da defesa não tem como objetivo somente a manutenção das linhas avançadas do terreno, ela deve se contrapor à ação ofensiva do inimigo. Para isso pode reforçar seus elementos subordinados com meios ou com fogos, conduzir o combate defensivo em profundidade (através de rebatimentos) ou até mesmo conduzir contra-ataques diretamente.

**4.8.2.3** Na defesa, é essencial a determinação provável do valor e composição do inimigo e da direção, local e hora do seu ataque.

**4.8.2.4** A ação das forças de combate pode variar desde a vigilância até a manutenção do terreno. As forças de combate empregadas em posições defensivas cumprem suas missões repelindo o inimigo para destruí-lo pelo fogo e pela manobra. As forças de combate devem ficar em condições de desengajar-se e mudar rapidamente da defensiva para as ações ofensivas.

**4.8.2.5** Se a surpresa oferecer uma maior oportunidade para o sucesso, as forças atacantes devem ser engajadas pelos fogos, tão cedo quanto possível.

**4.8.2.6** A medida que o inimigo avança, é batido pelos fogos dos elementos da área de segurança. As forças de segurança alertam sobre a presença do inimigo, iludem-no, obtêm informações e, dependendo da missão, executam o máximo de retardamento, sem se engajarem decisivamente. Elas procuram infligir o máximo de perdas ao inimigo, forçando-o a desdobrar-se no terreno.

**4.8.2.7** Na defesa móvel, os elementos da força de fixação executam a ação retardadora. Eles devem estar preparados para interromper o movimento e manter o terreno a fim de cooperar com o sucesso do contra-ataque.

**4.8.2.8** Para desencadear o contra-ataque, deve-se considerar o grau de sucesso obtido pelas forças da ADA. É desejável que o inimigo seja detido, tenha sua velocidade de progressão diminuída ou esteja desorganizado.

**4.8.2.9** Não deve ser cogitada a possibilidade de contra-ataque contra elementos não significativos do inimigo. O contra-ataque deve ser executado rápida e violentamente, empregando todo o poder de combate necessário para assegurar o sucesso.

**4.8.2.10** Em certas ocasiões, pode ser necessário desencadear contra-ataques independentes contra duas ou mais forças inimigas. Os contra-ataques simultâneos por elementos da reserva dividem o poder de combate disponível e devem ser evitados.

**4.8.2.11** Podem ser empregados contra-ataques locais em pequena escala para ajudar o desengajamento de uma força, ou para obrigar o inimigo a mudar seus planos.

## **4.9 O PROCESSO DAS 5 FASES**

**4.9.1** O Processo das 5 Fases é uma metodologia para realizar a repartição de forças entre as áreas de defesa avançada, da reserva e de segurança, em função dos fatores da decisão.

**4.9.2** O processo para formulação e aperfeiçoamento de linhas de ação na defensiva não substitui o exame de situação do comandante.

**4.9.3** O Processo das 5 Fases é desenvolvido na seguinte sequência:

- a) 1ª fase – determinação do grau de resistência a ser adotada em cada DTA, ou via de acesso, e seleção das regiões de bloqueio em profundidade;
- b) 2ª fase – determinação do poder de combate a ser empregado na área de defesa avançada;
- c) 3ª fase – determinação do poder de combate da reserva e sua localização;
- d) 4ª fase – determinação do poder de combate das forças de segurança e sua localização; e
- e) 5ª fase – ajustamento das linhas de ação.

**4.9.4** Normalmente, haverá necessidade de economia de meios. Neste caso, busca-se encontrar outros graus de resistência admissíveis, como o retardar e o vigiar para determinadas partes da frente. Considerando os fatores da decisão, seleciona-se para cada linha de ação a resistência que deverá ser adotada em cada DTA, ou via de acesso, permitindo a economia de meios em determinadas partes da frente.

**4.9.5** É possível admitir uma penetração inimiga na posição defensiva, desde que permita ao escalão considerado contra-atacar com seus próprios meios.

Esta penetração é conhecida como penetração máxima admitida (PMA). Tal penetração deve ser bloqueada na região da ruptura da posição defensiva. A profundidade da PMA é baseada no terreno, particularmente nos aspectos favoráveis à defesa e no valor do inimigo no interior da penetração.

**4.9.6** Para a determinação da resistência a ser adotada em cada DTA, ou via de acesso, e seleção das regiões de bloqueio em profundidade, considera-se a importância relativa entre elas, baseando-se nos fatores da decisão e nos princípios de guerra. Ressaltam-se as considerações sobre o valor do terreno para as ações do inimigo e sobre a hipótese de planejamento da sua atuação.

**4.9.7** Mesmo que se conclua que determinada DTA, ou via de acesso, oferece condições para retardar ou vigiar, sua importância para as operações deve decidir pelo defender.

**4.9.8** O grau de resistência independe da forma de manobra defensiva adotada. Quanto à PMA, deve-se levar em conta o poder de combate atribuído à reserva. Uma reserva mais potente pode admitir maior penetração e maior força inimiga no seu interior.

**4.9.9** Para a determinação do poder de combate a ser empregado na área de defesa avançada, considera-se o valor que o inimigo pode apresentar em cada DTA, ou via de acesso, e o grau de resistência visualizado em cada via de acesso componente das diversas DTA.

**4.9.10** O estudo prossegue buscando-se visualizar o valor e a natureza dos meios a serem empregados em cada faixa de terreno. Nas frentes secundárias, são empregados os elementos de economia de forças.

**4.9.11** Para fazer face à dificuldade ou mesmo à impossibilidade da realização de defesas em largas frentes e grandes profundidades, deve-se adotar dispositivos flexíveis, com defesa a cavaleiro dos eixos e espaços apenas vigiados.

**4.9.12** Por meio da montagem das linhas de ação, visualiza-se o poder de combate a ser empregado, o emprego de outros meios na ADA e os limites laterais e de retaguarda para os elementos subordinados.

**4.9.13** Ao compor os elementos de 1<sup>a</sup> escalão, procura-se fazer o jogo entre as necessidades e as disponibilidades, levando-se em conta o poder de combate que se pretende manter em reserva. Faz-se uma visualização da 3<sup>a</sup> fase.

**4.9.14** Para a determinação do poder de combate da reserva e sua localização, considera-se o emprego em cada forma de manobra. Na defesa móvel, a reserva recebe a maior prioridade na distribuição de poder de combate,

enquanto que na defesa de área esta prioridade fica com a área de defesa avançada.

**4.9.15** São aspectos importantes para a determinação do poder de combate da reserva: a amplitude das penetrações máximas admissíveis, a duração provável da missão e a disponibilidade de meios.

**4.9.16** A localização da reserva é em função dos estudos realizados, principalmente nas funções de combate movimento e manobra, comando e controle e proteção.

**4.9.17** A reserva pode estar reunida, fracionada ou articulada. Sempre que possível, deverá ser localizada numa parte central da zona de ação ou eixada para a região mais importante da defesa, abrigada e coberta, e próxima a eixos que favoreçam o seu deslocamento.

**4.9.18** Para a determinação do poder de combate das forças de segurança e sua localização, consideram-se os fatores da decisão, principalmente no que tange a prazos necessários a serem ganhos, hipóteses sobre a atuação do inimigo, características do terreno na área de segurança e o valor e natureza dos meios disponíveis.

**4.9.19** Os postos avançados gerais (PAG) são posições estabelecidas à frente da área de defesa avançada, com a principal missão de, sem chegar ao engajamento decisivo das forças que a ocupam, provocar o desdobramento prematuro do inimigo, retardar e desorganizar a sua progressão e iludi-lo quanto à verdadeira localização da posição defensiva.

**4.9.20** A organização dos PAG assemelha-se a de uma posição de retardamento. São estabelecidos a partir da DE, por se tratarem de forças com certa autonomia de emprego. Estas forças, quando acolhidas no LAADA, são designadas para uma parte da frente ou para compor a reserva.

**4.9.21** Os postos avançados de combate (PAC) são posições estabelecidas imediatamente à frente da área de defesa avançada, com a finalidade principal de alertar quanto à aproximação do inimigo e proteger a posição defensiva da observação direta do inimigo. São de responsabilidade das brigadas (Bda), podendo, quando julgado necessário, ser de responsabilidade das unidades e das subunidades.

**4.9.22** A linha dos PAC é localizada à frente do LAADA e deve procurar atender aos seguintes requisitos:

- a) favorecer a observação e possuir campos de tiro de longo alcance;
- b) proporcionar obstáculos na frente e nos flancos, e posições cobertas e abrigadas;

- c) proporcionar itinerários de retraimento cobertos e abrigados;
- d) negar ao inimigo observação terrestre aproximada e fogos diretos sobre a área de defesa avançada; e
- e) estar dentro da distância de apoio da área de defesa avançada.

**4.9.23** Para o ajustamento das linhas de ação, considera-se a realização do jogo da guerra e a comparação entre as nossas linhas de ação.

## **4.10 OUTRAS TÁTICAS, TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS**

**4.10.1** As operações defensivas não se limitam aos tipos e formas de manobra clássicas. Valendo-se de táticas, técnicas e procedimentos diversos, outras ações podem ser executadas tais como:

- a) ações dinâmicas da defesa;
- b) dispositivo de expectativa;
- c) defesa elástica;
- d) defesa em ponto forte;
- e) defesa circular; defesa contra tropa aeroterrestre; e
- f) assalto aeromóvel.

### **4.10.2 AÇÕES DINÂMICAS DA DEFESA**

**4.10.2.1** As forças defensivas devem se manter alertas para aproveitar todas as oportunidades de retomar a iniciativa e destruir o inimigo pela ação ofensiva. As principais ações dinâmicas são o patrulhamento agressivo, a incursão e, principalmente, o contra-ataque, apoiados por fogos e pela guerra eletrônica.

**4.10.2.2** Ao invés de esperar passivamente em sua posição, o defensor procura realizar manobras para colocar o inimigo em desvantagem, atacando-o em todas as oportunidades por meio de fogos cinéticos e não cinéticos, utilizando o apoio aéreo aproximado, se disponível.

**4.10.2.3** Podem ser realizadas ações para dificultar a concentração do poder de combate nas posições de ataque, destruir as forças de reconhecimento, isolar unidades e desorganizar os sistemas e formações em profundidade. Os contra-ataques (C Atq), realizados antes que o inimigo consolide qualquer ganho inicial e possa explorar o êxito de sua ação ofensiva, classificam-se em:

- a) para restabelecimento da posição;
- b) de desaferamento;
- c) de desorganização; e
- d) de destruição.

**4.10.2.4** O C Atq PARA RESTABELECIMENTO DA POSIÇÃO tem por finalidade restabelecer o LAADA pela destruição ou expulsão dos elementos inimigos que tenham penetrado numa determinada parte da ADA.

**4.10.2.5** O C Atq DE DESAFERRAMENTO busca permitir o desengajamento de forças amigas cerradamente engajadas pelo inimigo. Embora típico dos movimentos retrógrados, também é utilizado na defesa em posição, particularmente na Def Mv.

**4.10.2.6** O C Atq DE DESORGANIZAÇÃO tem por finalidade impedir ou retardar os ataques inimigos. Esses, normalmente, são realizados por uma força defensora contra forças inimigas que se preparam para um ataque. É uma ação ofensiva dirigida para um objetivo limitado, à frente da P Def. Tem, ainda, a finalidade de destruir parte da força atacante (material e pessoal), desarticular o dispositivo inimigo, conquistar terreno do qual possa ser desencadeado um ataque ou impedir a observação e a vigilância terrestres inimigas sobre a ADA.

**4.10.2.7** NO C Atq DE DESTRUIÇÃO a finalidade é destruir o inimigo. Este é o principal tipo de C Atq para o sucesso da Def Mv. É confeccionado um planejamento separado para o C Atq na mais importante penetração inimiga. O escalão que executa a defesa móvel baixa diretriz contendo, no mínimo, a indicação da área prevista para a penetração inimiga e a prioridade de preparação de planos para cada previsão feita. Planos detalhados são desenvolvidos pela Força que executa o C Atq.

**4.10.2.8** Normalmente, o C Atq de destruição é lançado contra um objetivo limitado. O ideal é que incida sobre o inimigo à frente do novo LAADA após a força de fixação tê-lo forçado a se emassar.

### **4.10.3 DISPOSITIVO DE EXPECTATIVA**

**4.10.3.1** O dispositivo de expectativa implica em preservar, inicialmente, na área de reserva, o grosso do poder de combate da força, a fim de empregá-lo no momento e local decisivos e com adequado poder relativo de combate, tão logo seja possível detectar a orientação da maioria dos meios do inimigo.

**4.10.3.2** O dispositivo de expectativa permite que os meios necessários sejam orientados, em curto prazo, na direção para a qual o inimigo tenha dirigido seu esforço. Essa técnica é particularmente útil quando se opera em largas frentes e onde há muitos espaços vazios.

**4.10.3.3** Uma força de segurança (F Seg) exerce o papel fundamental de emitir o alerta antecipado quanto aos eixos de aproximação selecionados pelo inimigo e orientados para o dispositivo defensivo. O dispositivo de expectativa, em sua situação final, evolui para uma defesa de área ou uma defesa móvel.

**4.10.3.4** Na área de defesa avançada, devem ser preparados, e não ocupados, núcleos defensivos bloqueando cada eixo de progressão de provável utilização pelo inimigo. Inicialmente, serão ocupadas apenas as posições de bloqueio avançadas, com o mínimo de meios suficientes para barrar, por tempo limitado,

as forças atacantes, até que cheguem os reforços previstos para ocupar a posição defensiva como um todo.

**4.10.3.5** O defensor deve articular seus meios blindados de tal forma que lhe seja possível empregá-los, quer no interior da posição defensiva, para destruir parcelas significativas do poder de combate do oponente, quer em ações profundas sobre o eixo de comunicações e suprimentos do maior escalão inimigo em presença, a fim de reassumir plenamente a iniciativa das operações.

#### **4.10.4 DEFESA ELÁSTICA**

**4.10.4.1** A defesa elástica é a técnica de defesa que admite a penetração do inimigo em uma região selecionada para emboscá-lo e atacá-lo pelo fogo em todo seu dispositivo. A posição é ocupada por tropas desdobradas em profundidade para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga.

**4.10.4.2** Essa técnica visa limitar a possibilidade de o inimigo explorar um desbordamento de uma posição defensiva ou uma penetração por meio de sucessivas posições instaladas em profundidade, e mutuamente apoiadas. O cerne dessa técnica está em enfraquecer as forças inimigas à frente do LAADA para depois destruí-las enquanto progridem no interior da ADA.

**4.10.4.3** A adoção de uma defesa elástica está condicionada, preponderantemente, às características do terreno. Deve permitir o estabelecimento de áreas de engajamento (AE) sem, contudo, indicar a realização de uma defesa móvel.

**4.10.4.4** A AE é uma área crítica, selecionada ao longo das VA do inimigo, onde suas formações de ataque tornam-se vulneráveis ao efeito dos fogos diretos e indiretos. Uma AE deve dispor de posições de tiro e de observação que permitam otimizar o poder de destruição dos fogos. Deve contar, ainda, com obstáculos naturais e artificiais para reduzir a mobilidade do inimigo.

**4.10.4.5** Deve-se buscar a separação dos fuzileiros e dos carros de combate inimigos, facilitando a destruição do inimigo por partes.

#### **4.10.5 DEFESA EM PONTO FORTE**

**4.10.5.1** Um ponto forte (PF) é uma posição de combate (P Cmb) altamente fortificada e apoiada em um acidente natural do terreno para deter, dividir ou desviar a direção de forças inimigas de valor ponderável, ou impedir o seu acesso a determinada área ou infraestrutura.

**4.10.5.2** Pode ser estabelecido um ponto forte quando existe a possibilidade de uma força que mantém uma posição chave no terreno ficar isolada em virtude da ação inimiga.

**4.10.5.3** O ponto forte é uma posição defensiva circular de difícil conquista, com grande apoio mútuo, menor dispersão e com consideráveis trabalhos de organização do terreno. O inimigo não pode ultrapassar um ponto forte sem sofrer grande desgaste.

**4.10.5.4** A instalação do PF requer grande quantidade de mão-de-obra, recursos de engenharia para obras de fortificação, construção de obstáculos anticarro, espaldões para viaturas, armas e pessoal.

#### **4.10.6 DEFESA CIRCULAR OU DEFESA EM PERÍMETRO**

**4.10.6.1** Sua finalidade é impedir o acesso do inimigo à área defendida, sendo orientada em todas as direções (360°). Esse dispositivo é adotado para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas, como, por exemplo, numa cabeça de ponte aérea (aeroterrestre ou aeromóvel), pontes, pistas de pouso, zonas de reunião, zonas de pouso de helicópteros, ou quando uma unidade é cercada pelo inimigo.

**4.10.6.2** A tropa nessa situação normalmente não dispõe de apoio mútuo com outra tropa amiga, defende com a maioria dos meios na periferia, enquanto a reserva fica no centro para atender qualquer direção. A tropa ou a reserva executa um patrulhamento agressivo em torno do perímetro e observa uma rigorosa coordenação dos fogos para evitar o fratricídio ou causar baixas civis.

**4.10.6.3** Em princípio, o perímetro da posição defensiva circular será dividido em setores para os escalões subordinados. Normalmente, os elementos de comando, de apoio ao combate e apoio logístico são localizados no interior do perímetro defensivo.

**4.10.6.4** Quando não for conhecida a provável direção do inimigo, o Cmt organiza a defesa através de uma distribuição homogênea dos elementos subordinados no perímetro. As armas de apoio ficam em condições de apoiar igualmente todo o perímetro defensivo.

**4.10.6.5** Quando for conhecida a direção provável do ataque inimigo ou quando parte do perímetro for particularmente perigosa para a defesa, o Cmt atribui uma frente mais estreita para o elemento que defende a VA mais importante. Neste caso, procura dar maior profundidade ao dispositivo nesta parte do perímetro e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nesta direção.

#### **4.10.7 DEFESA CONTRA TROPA AEROTERRESTRE E AEROMÓVEL**

**4.10.7.1** Deve ser estabelecido um sistema de alarme, utilizando elementos de segurança. Devem ser realizados reconhecimentos detalhados para localizar zonas de lançamento e de desembarque de tropas. Podem ser empregadas



patrulhas, dispositivos de alarme, bloqueios de estrada, postos de observação e radares para cobrir toda a área.

**4.10.7.2** Os elementos paraquedistas e aeromóveis são vulneráveis durante a aterragem e o desembarque, particularmente em face de elementos blindados. Por esse motivo, deve-se lançar o mais rápido possível um vigoroso e violento ataque sobre essas forças de modo a desarticulá-las de imediato. Quando o poder de combate das forças de defesa da área de retaguarda (DEFAR) não for suficiente para neutralizar essas ações, toda ou parte da reserva deve ser empregada para destruir o inimigo.



## **CAPÍTULO V**

### **OPERAÇÕES COMPLEMENTARES E AÇÕES COMUNS NAS OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS**

#### **5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

**5.1.1** As operações complementares destinam-se a apoiar as operações básicas e a contribuir para o incremento de seus resultados.

**5.1.2** Neste capítulo não serão abordadas todas as operações complementares que tenham estreita relação com as operações ofensivas e defensivas, pois serão abordadas em manuais específicos.

**5.1.3** As ações comuns apoiam e facilitam a consecução dos objetivos de uma operação, assim como o desenvolvimento de atividades e tarefas no nível tático.

**5.1.3.1** Incluem ações destinadas a estabelecer o contato com o inimigo, ou a favorecer a realização de operações ofensivas e defensivas.

**5.1.3.2** As ações comuns se caracterizam por não serem dirigidas diretamente à imposição da derrota ou do desgaste do inimigo, nem à defesa do terreno, mas sim à consecução de condições mais favoráveis ao sucesso das operações. Devem estar totalmente integradas às operações do escalão superior.

**5.1.3.3** Da mesma forma que nas operações complementares, só serão apresentadas aquelas ações que guardam um estreito vínculo com as operações ofensivas e defensivas.

#### **5.2 OPERAÇÕES COMPLEMENTARES**

##### **5.2.1 OPERAÇÃO DE JUNÇÃO**

**5.2.1.1** Envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam se ligar diretamente. Pode ser realizada entre uma força em deslocamento e outra estacionária, ou entre duas forças em movimentos convergentes.

**5.2.1.2** A operação de junção pode ocorrer nas seguintes situações:

- a) em operações aeroterrestres ou aeromóveis;
- b) na substituição de uma força isolada;

- c) em um ataque para juntar-se à força de infiltração;
- d) na ruptura do cerco a uma força;
- e) no auxílio a uma força dividida;
- f) na convergência de forças independentes; e
- g) no encontro com forças de guerrilha amigas.

**5.2.1.3** Quando uma operação de junção ocorre entre uma força estacionária e uma força móvel (força de junção), ela decorre de uma ação ofensiva da força de junção que procura o contato físico com a força estacionária. Tal ação é executada simultaneamente a uma ação predominantemente defensiva, realizada pela força estacionária, com a finalidade de manter a posse da região onde será feita a junção.

**5.2.1.4** O planejamento de uma operação de junção deve privilegiar o detalhamento das medidas de coordenação e controle, considerando o elevado risco de fratricídio em operações desta natureza. Serão adotadas, dentre outras, as seguintes medidas:

- a) definição das relações e responsabilidades de comando;
- b) ligações de comando e de estado-maior;
- c) coordenação dos esquemas de manobra;
- d) medidas de coordenação de fogos;
- e) compatibilização dos sistemas de comando e controle;
- f) coordenação e troca de planos de comunicações;
- g) estabelecimento de um sistema de reconhecimento mútuo; e
- h) ações a serem realizadas após a junção.

#### **5.2.1.5 Relações e Responsabilidades de Comando Durante a Operação de Junção**

**5.2.1.5.1** O comando (Cmdo) que dirige a junção estabelece as relações e as responsabilidades de comando das duas forças.

**5.2.1.5.2** As relações de comando das forças envolvidas na operação de junção devem ser estabelecidas antes da operação, com definição clara de responsabilidades.

**5.2.1.5.3** Após a junção, as duas forças podem ser grupadas e formar uma única, sob controle de um dos Cmt, ou ambas podem permanecer sob o controle de um Cmt superior.

#### **5.2.1.6 Ligações de Comando e de Estado-Maior Entre as Forças Que Participam da Operação**

**5.2.1.6.1** A ligação de Cmdo e de EM entre as duas forças é essencial. Deve ser estabelecida, inicialmente, durante a fase de planejamento e mantida durante a operação.

**5.2.1.6.2** À medida que a junção se torna iminente, deve haver troca de pessoal de ligação. Isso assegura coordenação de fogos e de quaisquer modificações nos planos táticos.

**5.2.1.6.3** Quando a operação envolve a junção com forças aliadas ou de guerrilha amigas, devem ser adotadas prescrições relativas a intérpretes ou a oficiais de ligação (O Lig) com suficiente conhecimento da língua a ser utilizada.

**5.2.1.6.4** O emprego de meios aéreos facilita as ligações.

### **5.2.1.7 Coordenação dos Esquemas de Manobra Entre as Forças Que Executam a Operação**

**5.2.1.7.1** Medidas de controle para a operação são estabelecidas pelas forças que participam da junção e os esquemas de manobra devem ser permutados com antecedência. Tais medidas compreendem, dentre outras:

- a) pontos de junção;
- b) limites;
- c) eixos de progressão; e
- d) objetivos.

**5.2.1.7.2** Poderão ser empregadas, também, linhas de controle para facilitar o controle, a coordenação e a localização das forças.

### **5.2.1.8 Medidas de Coordenação do Apoio de Fogo**

**5.2.1.8.1** A coordenação de fogos é obtida pela troca de planos de apoio de fogo e pelo emprego de medidas de controle, tais como:

- a) linha de segurança de apoio de artilharia (LSAA);
- b) linha de coordenação de fogo (LCF); e
- c) linha de coordenação de apoio de fogo (LCAF).

**5.2.1.8.2** As medidas de coordenação de fogos são estabelecidas pelo comando que dirige a operação e devem permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção.

**5.2.1.8.3** Após a junção, a responsabilidade pela coordenação do apoio de fogo, para as forças como um todo, deve ser claramente estabelecida. A responsabilidade por tal coordenação é, normalmente, atribuída ao Cmt mais antigo na área ou à força que tenha interesse principal nas operações que se seguem à junção. O comando que dirige a junção designará o Cmt que assumirá essa responsabilidade.

### **5.2.1.9 Coordenação dos Planejamentos de Comunicações entre as Forças que Executam a Operação**

**5.2.1.9.1** O estabelecimento de um sistema de comunicações para a operação de junção impõe a coordenação feita pelo Esc Sp através de uma diretriz e das instruções para a exploração das comunicações.

**5.2.1.9.2** O planejamento de comunicações para a operação de junção estabelece os canais e as frequências a serem utilizadas para as comunicações rádio entre as duas forças, nos níveis grande unidade (GU), unidade (U) e subunidade (SU) e os procedimentos para a identificação de tropas, a serem usados durante o dia e à noite, ou em condições de visibilidade reduzida.

**5.2.1.9.3** As instruções para exploração das comunicações (IECom), ou um extrato das mesmas, são trocadas entre as forças, de modo a permitir, até o nível pelotão, o conhecimento do que elas contêm.

**5.2.1.9.4** São estabelecidas, no mínimo, as seguintes redes-rádio especiais:

- a) rede de junção Nr 1 – com equipamento de longo alcance, para as ligações entre os comandos das forças de junção;
- b) rede de junção Nr 2, 3 e 4 – com rádios de menor alcance, para ligações entre as unidades, subunidades e pelotões de primeiro escalão, diretamente envolvidos na junção; e
- c) rede de tiro de junção – fazem parte dessa rede os elementos de apoio de fogo de ambas as forças.

**5.2.1.9.5** Os sistemas de comunicações das forças envolvidas na operação, incluindo a força aérea (F Ae), devem ser passíveis de interligação. Os equipamentos rádio devem possuir frequências que permitam tais ligações.

#### **5.2.1.10 Estabelecimento de um Sistema de Reconhecimento Mútuo entre as Forças que Executam a Operação**

**5.2.1.10.1** O plano de identificação mútua é estabelecido de forma pormenorizada, para evitar a possibilidade de hostilidades entre as forças amigas ou de fratricídio.

**5.2.1.10.2** O plano pode incluir o emprego de:

- a) artifícios pirotécnicos;
- b) identificação ar-terra de zonas de lançamento, zonas de aterragem e limite anterior da área de defesa;
- c) identificação terra-terra de viaturas e de pessoal, através do emprego de painéis, marcação de viaturas, dispositivos coloridos, fumaças coloridas, meios infravermelhos, radar e sinais por gestos;
- d) autenticação de redes rádio e de mensagens;
- e) código de mensagens preestabelecidas;
- f) sinalização dos pontos de junção e dos itinerários que a eles conduzam; e
- g) sistema de senhas e contrassenhas.

#### **5.2.2 OPERAÇÃO DE INTERDIÇÃO**

**5.2.2.1** É executada para dificultar ou impedir que o inimigo se beneficie de determinada região, de instalações ou de materiais. Em geral, as ações realizadas nesta operação abrangem o emprego de fogos aéreos e de

artilharia, ocupação da área por forças terrestres, infiltração de tropas de operações especiais, sabotagens, barreiras e ações de guerrilha.

**5.2.2.2** A interdição restringe o movimento e desorganiza a manobra do inimigo, interferindo, significativamente, no seu sistema de comando e controle e impede o reforço às suas ações principais. Isola a área de operações (A Op), garantindo às forças amigas um poder relativo de combate extremamente favorável, no momento e local desejados. Contribui, ainda, para a segurança das forças amigas.

**5.2.2.3** O comandante do teatro de operações (TO)/A Op estabelece as diretrizes para as operações de interdição e delega o planejamento aos comandos das forças componentes (F Cte) subordinadas, determinando áreas, prioridades, prazos e graus de interdição a serem alcançados.

**5.2.2.4** Os planos de interdição contêm as operações de interdição inerentes a cada força componente (F Cte) do comando conjunto, que seleciona seus objetivos e estabelece os meios para atingi-los. Os planos são executados mediante ordem do Cmt do teatro de operações ou área de operações (TO/A Op).

**5.2.2.5** As operações de interdição devem ser realizadas, desde o mais distante possível do inimigo, concentrando-se sobre os eixos que incidem no TO/A Op.

**5.2.2.6** As ações de interdição devem concentrar-se sobre os eixos que incidem sobre a área selecionada, com o objetivo de interditar o movimento das reservas inimigas e prejudicar seus sistemas de logística e de comando e controle.

#### **5.2.2.7 Alvos de Interdição**

**5.2.2.7.1** Basicamente, os alvos de interdição são estratégicos e visam impedir a utilização, pelo inimigo, de áreas, instalações e equipamentos. Estes alvos são, entre outros: represas, entroncamentos rodoferroviários, centros industriais, postos de radar, centros de comunicações (C Com), portos, pontes, aeródromos, túneis, canais, instalações de tratamento e distribuição de água e depósitos de suprimentos.

**5.2.2.7.2** O alvo de uma interdição, dependendo de suas características, não necessita ser destruído totalmente. Um componente básico ou um ponto crítico, sendo inutilizado, pode manter todo o alvo inoperante pelo tempo necessário.

#### **5.2.2.8 Planejamento e Execução da Interdição**

**5.2.2.8.1** O planejamento de uma operação de interdição é iniciado no nível operacional e parte de um estudo metuculoso das vulnerabilidades do inimigo e dos recursos militares disponíveis. Este estudo estabelece a política a ser

adotada, o alcance e a amplitude das operações, tipos de alvos, prioridades, oportunidade e intensidade de execução, bem como os comandos responsáveis pelo planejamento específico e a execução.

**5.2.2.8.2** No planejamento, deve ser levado em conta:

- a) a missão, as atividades, as tarefas e a oportunidade de execução;
- b) instruções e diretrizes baixadas pelo Esc Sp;
- c) planos de operações existentes e projeções futuras;
- d) possibilidades e limitações do inimigo e seus efeitos nas operações de interdição;
- e) condições meteorológicas presentes e futuras na área dos alvos;
- f) efeitos estimados sobre a população civil local e seus prováveis efeitos nas operações;
- g) duração eficaz da interdição;
- h) disponibilidade de tempo e meios;
- i) proteção dos alvos, para evitar sua neutralização prematura pelo inimigo;
- j) existência de forças irregulares na área e possibilidade de lançamento de forças especiais para enquadrá-las;
- k) existência de alvos alternativos;
- l) possibilidade de atuação da Força Naval Componente (FNC) e da Força Aérea Componente (FAC); e
- m) limitações e restrições ao emprego de munição (Mun) química, biológica, radiológica e nuclear (QBRN).

**5.2.2.8.3** Na ofensiva, as operações de interdição são desencadeadas na retaguarda do inimigo, visando impedir a movimentação de suas forças que possam se opor ao esforço ofensivo, em todos os níveis. As barreiras são empregadas para impedir a movimentação tática do inimigo, barrando suas vias de acesso de contra-ataque ou protegendo o flanco desguarnecido do atacante.

**5.2.2.8.4** Na defensiva, as operações de interdição são desencadeadas visando evitar que o inimigo utilize determinadas vias de acesso ou que cerre à frente novos meios. Barreiras são empregadas para dificultar o movimento inimigo para o interior das posições defensivas ou mesmo canalizá-lo para áreas previamente selecionadas (Def Mv).

**5.2.2.8.5** O trabalho de destruição necessário às operações de interdição não deve ser confundido com um sistema de barreiras. Ambos são de grande amplitude e podem prever a destruição de uma mesma instalação. Em consequência, pode haver uma superposição quanto aos objetivos nos dois planos.

## **5.2.3 OPERAÇÕES DE SEGURANÇA**

**5.2.3.1** Compreendem o conjunto de atividades e tarefas realizadas por elementos da F Ter, que têm por objetivo a prevenção e a proteção contra



ações ofensivas, de inquietação, a surpresa e a observação por parte do oponente.

**5.2.3.2** A finalidade precípua das operações de segurança (Op Seg) é proteger forças, as infraestruturas, as atividades e, dentro do possível, a população local, negando ao oponente posições vantajosas e consolidando êxitos. A segurança permite, também, conservar a iniciativa das ações, preservar o sigilo das operações e obter a liberdade de ação.

**5.2.3.3** A força que proporciona segurança a outra deve ser suficientemente forte e apropriada, para fornecer o tempo necessário à reação desta. De acordo com suas possibilidades, as forças de segurança engajam o inimigo apenas o tempo suficiente para cumprirem suas missões. Contudo, medidas de segurança não devem ser tomadas desnecessariamente, de tal forma que desviem o esforço do real cumprimento de sua missão.

**5.2.3.4** A segurança é obtida, dentre outras, pelas seguintes ações:

- a) correta análise do nível de influência da ameaça;
- b) adoção de dispositivo adequado ao contexto das operações;
- c) detecção antecipada de uma ameaça, valendo-se de conhecimentos precisos e oportunos;
- d) definição de tempo e espaço suficientes para a manobra;
- e) movimento apropriado das forças;
- f) emprego de forças de segurança; e
- g) adoção de medidas ativas e passivas contra a observação e ataques de qualquer natureza.

**5.2.3.5** Os graus de segurança proporcionados a uma força ou região são os seguintes:

- a) COBERTURA – ação com elementos distanciados ou destacados, orientados na direção do inimigo e que procuram interceptá-lo, engajá-lo, desorganizá-lo ou iludi-lo, antes que o mesmo possa atuar sobre a região ou força coberta;
- b) PROTEÇÃO – atuação de elementos no flanco, frente ou retaguarda imediatos, com a finalidade de impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque surpresa do inimigo; e
- c) VIGILÂNCIA – estabelecimento de uma série de postos de observação, complementados por adequadas ações que procuram detectar a presença do inimigo tão logo entre no raio de ação ou campo dos instrumentos óticos ou sensores eletrônicos do elemento que a executa.

### **5.2.3.6 Fundamentos das Operações de Segurança**

**5.2.3.6.1 PROPORCIONAR ALERTA PRECISO E OPORTUNO AO ESCALÃO SUPERIOR** – a F Seg deve informar ao Esc Sp sobre a localização ou movimento das forças inimigas que possam constituir uma ameaça à missão deste escalão. Somente pelo alerta oportuno e dados precisos, fornecidos

pela força de segurança ao Esc Sp, seu Cmt pode decidir sobre a aplicação de seus meios, prazo e local para engajar-se com o inimigo e manobrar suas forças, a fim de obter a surpresa e vantagens táticas.

**5.2.3.6.2 GARANTIR ESPAÇO PARA MANOBRA** – a F Seg atua suficientemente distante da tropa em proveito da qual opera, de modo a garantir-lhe o prazo e o espaço suficientes para manobrar, buscando ou evitando o contato com o inimigo. A distância entre ambas é função da análise judiciosa dos fatores da decisão.

**5.2.3.6.3 ORIENTAR A EXECUÇÃO DA MISSÃO EM FUNÇÃO DA FORÇA EM PROVEITO DA QUAL OPERA** – uma F Seg manobra de acordo com a localização ou movimento da tropa em proveito da qual opera, interpondo-se entre ela e a conhecida ou provável ameaça do inimigo.

**5.2.3.6.4 EXECUTAR UM CONTÍNUO RECONHECIMENTO** – toda F Seg deve executar um reconhecimento contínuo e agressivo, capaz de fornecer ao comandante dados sobre o terreno e o inimigo e, ainda, possibilitar a localização adequada da força de segurança em relação à tropa em proveito da qual opera e à ameaça inimiga.

**5.2.3.6.5 MANTER O CONTATO COM O INIMIGO** – o contato com o inimigo deve ser mantido até que este não constitua mais uma ameaça ou que se afaste da Z Aç da tropa em proveito da qual a F Seg opera. O Cmt de uma F Seg somente poderá romper o contato com o inimigo quando determinado pelo comando superior. Se a força inimiga, ou parte da mesma, abandonar a Z Aç sob responsabilidade da F Seg, as unidades amigas interessadas devem ser informadas imediatamente, auxiliando-as no estabelecimento do contato com o inimigo.

### **5.2.3.7 Forças de Segurança**

**5.2.3.7.1** As missões de segurança são realizadas, basicamente, por forças de cobertura, de proteção e de vigilância. Também estão incluídos em tais missões, os elementos que estabelecem a ligação entre duas outras forças de maior valor, visando, principalmente, preencher áreas não ocupadas e aqueles que realizam a segurança da área de retaguarda (A Rtgd).

**5.2.3.7.2** Os PAG e os PAC incluem-se entre as forças de segurança que atuam na área de segurança à frente do LAADA.

#### **5.2.3.7.3 Força de Cobertura (F Cob)**

a) É uma força de segurança taticamente autônoma, que opera a uma considerável distância à frente (avançada) ou no flanco de uma tropa amiga (grosso) estacionada ou em movimento.

b) A força de cobertura avançada na ofensiva é conduzida empregando-se técnicas semelhantes às das operações de reconhecimento de zona ou de

eixo. A progressão é feita em larga frente, aproveitando ao máximo a rede de estradas.

c) Na defensiva, a força de cobertura avançada procede, inicialmente, como na ofensiva. Não tendo mais condições de prosseguir no movimento ou tendo ganhado o tempo e o espaço necessários à manobra do grosso, passa a realizar uma ação retardadora.

d) Força de cobertura de flanco é uma força de segurança que opera a uma considerável distância, no flanco de uma força estacionada ou em movimento. A F Cob de flanco pode ser fixa ou móvel, dependendo da situação da força coberta.

#### **5.2.3.7.4 Força de Proteção**

a) É a força de segurança que opera à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento, a fim de protegê-la contra a observação terrestre, os tiros diretos e os fogos de surpresa do inimigo.

b) Suas missões são repelir, destruir ou retardar, de acordo com suas possibilidades, os elementos inimigos que ameaçam a força segurada. A força de proteção opera dentro do alcance dos fogos de apoio da força protegida.

c) A força de proteção é constituída, normalmente, de unidades da força protegida (grosso) ou que a estejam reforçando.

#### **5.2.3.7.5 Força de Vigilância**

a) É a força de segurança que opera pelo estabelecimento de uma cortina de vigilância (fixa ou móvel), materializada pela instalação de uma série de postos de observação, cabendo-lhe:

- alertar sobre a aproximação do inimigo;
- manter o contato visual e informar sobre todos os movimentos e valor do inimigo;
- destruir ou repelir os elementos de reconhecimento inimigos (ação de contrarreconhecimento); e
- dificultar o avanço das forças inimigas pelo emprego de fogos de longo alcance, tanto os de apoio como os orgânicos.

b) Proporciona o alerta, o mais cedo possível, pela observação sobre uma área estendida à frente, no flanco ou à retaguarda de uma força estacionada ou em movimento.

c) A missão de vigilância é executada quando uma extensa área deve ser mantida sob observação e há poucos meios disponíveis para tal. Patrulhas a pé, motorizadas ou aeromóveis reconhecem aquelas áreas que não podem ser observadas dos postos de observação ou por outros meios.

d) O Cmt da força que está sendo protegida designa o traçado geral da linha de vigilância, as unidades a serem protegidas e a responsabilidade pela área entre a força de vigilância e a(s) força(s) protegida(s).

e) Uma vez estabelecido o contato visual com o inimigo, o mesmo deve ser mantido. Os postos de observação devem informar com precisão e oportunidade, e podem conduzir os fogos para destruir as forças inimigas. Se for autorizado o retraimento, a força de vigilância desloca-se por lanços, mantendo o contato visual com o inimigo e o ajuste dos fogos de apoio.

- f) Sob determinadas circunstâncias, a força de vigilância pode permitir infiltrações de pequenas frações, para que forças inimigas de grande valor possam ser observadas. Precauções devem ser tomadas para assegurar que os elementos que se infiltrarem não se reúnam com outras forças infiltradas e, desta forma, ameacem a força de vigilância.
- g) A força de vigilância combate para sua própria segurança e somente procura destruir ou repelir forças inimigas de pequeno valor, quando necessário ao prosseguimento da missão.

5.3 AÇÕES COMUNS (Tab 5-1)

| AÇÕES COMUNS                        |                                 |                   |
|-------------------------------------|---------------------------------|-------------------|
| Ações de segurança                  | Reconhecimento                  | Eixo              |
|                                     |                                 | Zona              |
|                                     |                                 | Área              |
|                                     |                                 | Ponto             |
|                                     | Vigilância                      | Visual            |
|                                     |                                 | Eletrônica        |
|                                     |                                 | Videofotográfica  |
|                                     | Contrarreconhecimento           | Ofensivo          |
|                                     |                                 | Defensivo         |
| Substituição de unidades de combate | Segurança da área de retaguarda | Defesa da A Rtgd  |
|                                     |                                 | Controle de danos |
|                                     | Substituição em posição         | -                 |
|                                     | Ultrapassagem                   | -                 |
| Dissimulação                        | Acolhimento                     | -                 |
|                                     |                                 | -                 |
|                                     | Dissimulação tática             | Fintas            |
|                                     |                                 | Demonstrações     |
|                                     | Despistamento                   | -                 |
|                                     |                                 | -                 |

Tab 5-1 – Ações comuns às operações ofensivas e defensivas

5.3.1 AÇÕES DE SEGURANÇA

5.3.1.1 Reconhecimento

5.3.1.1.1 Ação conduzida em campanha, empregando-se meios terrestres e/ou aéreos, com o propósito de obter informações sobre o inimigo e/ou a área de operações.

5.3.1.1.2 Por intermédio do reconhecimento, também se levantam os dados que permitirão ao comando realizar seu exame de situação e formular seus planos de manobra.

5.3.1.1.3 Os tipos de reconhecimento são:

- a) reconhecimento de eixo – tem por objetivo a obtenção de dados sobre um

determinado eixo, o terreno a ele adjacente e/ou inimigo que dele se utiliza;

b) reconhecimento de zona – busca obter dados detalhados sobre o inimigo e/ou região de operações, ao longo de uma faixa do terreno definida em largura e profundidade;

c) reconhecimento de área – tem por objetivo a coleta de dados detalhados sobre o inimigo e/ou terreno, dentro de uma área específica, de perímetro perfeitamente definido; e

d) reconhecimento de ponto – busca a coleta de dados detalhados sobre o inimigo e/ou terreno, em um ponto específico (Ex: ponte, desfiladeiro, instalação logística ou de infraestrutura).

**5.3.1.1.4** O tipo de reconhecimento a ser realizado é determinado pelo comandante da força, após serem considerados os seguintes aspectos:

- a) natureza dos dados desejados, quando e onde obtê-los;
- b) conhecimento da situação do inimigo;
- c) características do terreno e condições meteorológicas existentes;
- d) composição e valor da força de reconhecimento; e
- e) tempo calculado como necessário para a obtenção dos dados desejados.

**5.3.1.1.5** As ações de reconhecimento são executadas de acordo com os seguintes fundamentos:

- a) **ORIENTAR-SE SEGUNDO OS OBJETIVOS DE INFORMAÇÕES** – o reconhecimento deve ser orientado para tropas inimigas, acidentes capitais do terreno, pontos sensíveis, localidades, direções de atuação, zonas ou áreas específicas. Diferente do que se observa nas missões de segurança, os elementos que realizam um reconhecimento atuam de acordo com a localização ou o movimento dos objetivos de informações, condicionante essencial para o adequado cumprimento da missão;
- b) **INFORMAR TODOS OS DADOS OBTIDOS, COM RAPIDEZ E PRECISÃO** – os dados, sejam eles positivos ou negativos, devem ser transmitidos logo que obtidos e devem ser participados tal como foram obtidos, não devendo conter opiniões mas, sim, fatos;
- c) **EVITAR O ENGAJAMENTO DECISIVO** – uma força de reconhecimento deve manter a sua liberdade de manobra. O engajamento em combate ocorre, quando necessário, para a obtenção dos dados desejados ou para evitar a destruição ou captura da força;
- d) **MANTER O CONTATO COM O INIMIGO** – na execução de uma missão de reconhecimento, o contato deve ser obtido o mais cedo possível. Uma vez estabelecido, é mantido e não deve ser rompido voluntariamente, sem autorização do escalão superior. O contato pode ser mantido, também, valendo-se da observação terrestre ou aérea; e
- e) **ESCLARECER A SITUAÇÃO** – quando o contato com o inimigo é estabelecido ou um obstáculo é encontrado, a situação deve ser esclarecida rapidamente. A localização, o valor, a composição e o dispositivo do inimigo são determinados e um esforço especial é feito para identificar os flancos da posição inimiga. De acordo com a missão, o comandante deve rapidamente

decidir se ataca ou desborda a resistência inimiga. De imediato dá conhecimento ao escalão superior da decisão tomada, incluindo dados obtidos sobre o inimigo pelo reconhecimento.

**5.3.1.1.6** O reconhecimento e as operações de segurança se complementam mutuamente e não podem ser facilmente separados. Um eficiente reconhecimento proporciona certo grau de segurança e a força que executa uma operação de segurança provê, também, dados sobre o inimigo e o terreno.

**5.3.1.1.7** A maioria dos elementos da F Ter pode realizar ações de reconhecimento. No entanto, as unidades de cavalaria mecanizada são especificamente organizadas, equipadas e adestradas para cumprirem tais missões.

**5.3.1.1.8** As características básicas das ações de reconhecimento são as seguintes:

- a) planejamento centralizado e execução descentralizada;
- b) execução rápida e agressiva, evitando, tanto quanto possível, a interrupção do movimento;
- c) segurança compatível durante o movimento;
- d) ênfase na utilização da rede viária mais adequada;
- e) máxima iniciativa dos comandos subordinados;
- f) rápida transmissão ao Esc Sp dos dados obtidos;
- g) carência de informações e dados sobre o inimigo; e
- h) máximo acionamento dos órgãos de busca.

**5.3.1.1.9** As técnicas especiais de reconhecimento são as seguintes:

- a) RECONHECIMENTO PELO FOGO – é executado desencadeando-se fogos em posições inimigas, conhecidas ou prováveis, a fim de obrigar o inimigo a revelar sua presença;
- b) RECONHECIMENTO NOTURNO – é uma operação vagarosa, de difícil execução, em razão das dificuldades impostas pela escuridão; por vezes, limita-se ao patrulhamento a pé, à observação de estradas e caminhos e ao emprego de postos de escuta; e
- c) RECONHECIMENTO AÉREO – o emprego de meios aéreos é um excelente modo de complementar o reconhecimento terrestre. As aeronaves dispõem de alcance e velocidade que possibilitam cobrir grandes áreas rapidamente, permitindo que os elementos terrestres se concentrem sobre áreas de maior probabilidade de informes.

### **5.3.1.2 Vigilância**

**5.3.1.2.1** A vigilância de combate consiste na observação sistemática e contínua do campo de batalha. É um dos principais meios para a detecção e localização de unidades, instalações e atividades do inimigo. Compreende todas as técnicas utilizadas para se observar áreas críticas, estradas, pontes, áreas de lançamento, de aterragem e outras.

**5.3.1.2.2** Os principais fatores que influenciam a sua execução são o terreno, as cobertas naturais e artificiais, as condições de visibilidade, a ameaça aérea e as características dos próprios equipamentos de vigilância.

**5.3.1.2.3** A vigilância de combate faz parte da segurança de qualquer unidade e é conduzida em todo tipo de operação. Entretanto, as unidades de cavalaria e de inteligência têm grande aptidão para o desempenho da vigilância de combate e a conduzem, normalmente, como parte inerente às missões de reconhecimento e de segurança.

**5.3.1.2.4** O diferencial entre as unidades de cavalaria e de inteligência está no tamanho da área a ser vigiada e na qualificação dos meios utilizados para a realização da ação de vigilância de combate. As tropas de inteligência operam numa área menor, com meios de maior valor tecnológico e num espaço de tempo reduzido, se comparadas às tropas de cavalaria.

**5.3.1.2.5** Os tipos de vigilância de combate são:

- a) VISUAL – é realizada pelas unidades terrestres e aéreas. A transmissão dos dados observados é feita valendo-se dos canais de inteligência ou de comando, dependendo das ordens estabelecidas pelo Esc Sp. Utiliza equipamentos de visão noturna, amplificadores de luz residual ou termais;
- b) ELETRÔNICA – é a vigilância realizada com a utilização de meios especiais, tais como: radares, sensores, câmeras dentre outros; e
- c) VIDEOFOTOGRAFICA – consiste no emprego de equipamentos videofotográficos especiais, montados em aeronaves leves ou não tripuladas, com capacidade de transmissão de imagens em tempo real.

**5.3.1.2.6** As unidades da F Ter podem receber encargos de vigilância de combate, enquanto conduzem outras missões, tais como:

- a) levantamento, por meio da observação, de atividade com significação militar (mesmo realizadas por civis) ou ausência dessas atividades, em determinadas áreas;
- b) localização de alvos para serem atacados pela F Ae, fogos de artilharia, agentes químicos, etc;
- c) observação e controle dos fogos indiretos orgânicos e não orgânicos ou aéreos;
- d) avaliação de danos;
- e) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da área de operações;
- f) observação de vias de acesso do inimigo e vias de transportes; e
- g) observação de eixos e acidentes importantes do terreno no interior da área de retaguarda.

**5.3.1.2.7** Deve ser prevista a substituição periódica das frações engajadas na vigilância, seja pela rotatividade de missões, seja pela atribuição de frentes que

permitam o rodízio entre os elementos subordinados. O emprego desta técnica proporciona uma vigilância mais eficiente durante um longo período.

**5.3.1.2.8** A conduta utilizada para o cumprimento das ações de vigilância de combate é o estabelecimento de postos de observação (PO), postos de escuta e patrulhas, com a finalidade de proporcionar observação contínua e sistemática numa determinada área.

**5.3.1.2.9** Uma força de vigilância não é constituída para oferecer uma forte resistência ao inimigo. Contudo, ela deve ser capaz de dispor de segurança própria. Quando, no desenrolar das operações, for exigido o emprego de uma força de maior valor do que a necessária às ações de autoproteção, o comandante deve solicitar uma redução da frente anteriormente atribuída. O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar a uma redução da Z Aç ou à execução de um retraimento.

**5.3.1.2.10** Nas operações diurnas é mais comum o emprego da vigilância visual. À noite, as operações exigem tanto a vigilância de escuta como o emprego de meios eletrônicos e videofotográficos.

**5.3.1.2.11** A vigilância de combate estabelecida na área de retaguarda limita-se, em princípio, à instalação de postos de observação ou escuta. O patrulhamento de rodovias é incluído na missão de defesa de área de retaguarda.

**5.3.1.2.12** A vigilância de combate é uma missão eminentemente passiva. Entretanto, a força que a realiza pode receber pequenos encargos como, por exemplo, bloqueios de estradas, desde que não a obrigue ao emprego permanente de parte de seu efetivo.

**5.3.1.2.13** É normal a vigilância de combate ser realizada por elementos infiltrados, em posições à retaguarda das linhas inimigas, tanto por tropas de operações especiais, como de inteligência.

### **5.3.1.3 Contrarreconhecimento**

**5.3.1.3.1** O contrarreconhecimento (C Rec) é um conjunto de medidas, ações e técnicas utilizadas para impedir, pelo combate, que elementos de reconhecimento do inimigo obtenham informações sobre as nossas forças ou desdobrem meios que possam interferir no combate. Portanto, o C Rec poderá ser conduzido por meio de ações ofensivas – contrarreconhecimento ofensivo (C Rec Ofs) ou defensivas – contrarreconhecimento defensivo (C Rec Def).

**5.3.1.3.2** O C Rec Ofs procura deliberadamente o contato com elementos de reconhecimento do inimigo, destruindo-os ou neutralizando-os pelo combate à frente da linha de posições de bloqueio (P Blq), de vigilância ou objetivos ocupados pela F Seg.



**5.3.1.3.3** O C Rec Def procura evitar que elementos (Elm) de reconhecimento (Rec) do inimigo (Ini) penetrem em determinadas áreas ou regiões da Z Aç de determinada Força. Pode ser conduzido canalizando as faixas de infiltração do Rec Ini para áreas de engajamento, onde serão destruídos ou neutralizados.

**5.3.1.3.4** Em princípio, não deverá ser criada uma força específica para a execução das medidas e ações de C Rec. Todos os elementos da F Seg devem estar comprometidos com o mesmo.

**5.3.1.3.5** O valor e a composição dos elementos que conduzirão o C Rec, e a natureza do combate a ser realizado, deverão ser previstos no planejamento da operação, em função do estudo dos fatores da decisão.

**5.3.1.3.6** O apoio da Aviação do Exército (Av Ex) e da F Ae aumenta a eficácia do combate de C Rec, seja pela possibilidade de localização antecipada dos Elm Rec Ini e suas faixas de infiltração, seja pela destruição deste Ini pelo fogo das aeronaves (Anv).

**5.3.1.3.7** A utilização de equipamentos de visão noturna (individuais e veiculares) e de radares de vigilância terrestre aumenta em muito a eficácia do contrarreconhecimento, uma vez que o mais provável é o inimigo buscar infiltrar os seus meios de Rec à noite.

#### **5.3.1.4 Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR)**

**5.3.1.4.1** A finalidade da SEGAR é evitar ou minorar a interferência do oponente contra as nossas forças envolvidas nas atividades e tarefas relacionadas ao movimento e manobra, ao comando e controle e à logística, além de minimizar os efeitos de uma ameaça relacionada a catástrofes provocadas pela natureza no TO/A Op.

**5.3.1.4.2** Em função das largas frentes com espaços não ocupados, dos diversos tipos de ameaças, das ações em profundidade, da não linearidade e da não contiguidade do campo de batalha, aumenta sobremaneira a vulnerabilidade dos meios e instalações desdobrados na área de retaguarda, exigindo uma especial atenção ao planejamento da segurança dessa área. A SEGAR compreende dois tipos de ação:

- a) a defesa de área de retaguarda (DEFAR); e
- b) o controle de danos (C Dan).

#### **5.3.1.4.3 Responsabilidades de SEGAR**

a) A segurança e o controle geral de uma área de responsabilidade (A Rspnl) devem ser planejados e executados por seu respectivo comando. Em uma operação conjunta, cabe ao comandante operacional realizar a organização territorial do TO/A Op, definindo os limites entre a zona de combate (ZC) e a

zona de administração (ZA), bem como as A Rspnl/Z Aç de cada F Cte. Na ZA, a responsabilidade de SEGAR, normalmente, será atribuída ao Cmt logístico do TO/AOp.

b) Os comandantes são responsáveis pela DEFAR e pelo C Dan de suas próprias forças e infraestruturas. A responsabilidade total pela SEGAR, em uma área específica, cabe ao comando designado. Caberá ao Cmt do mais alto escalão que compõe a (Força Terrestre Componente) FTC, em coordenação com as demais F Cte, designar o seu controlador de SEGAR, que será o responsável pelo planejamento e execução das atividades de DEFAR e C Dan na respectiva área de retaguarda.

c) É de responsabilidade do controlador de SEGAR assegurar a confecção e a integração dos planos de DEFAR e de C Dan no contexto geral de segurança da área de retaguarda. Apesar de serem planejamentos distintos, realizados pelo controlador de SEGAR de cada comando considerado, os planos complementam-se nas providências a serem tomadas, uma vez que a finalidade básica de ambos é a preservação das forças militares, das infraestruturas, das atividades logísticas e de comando e controle e, ainda, das vias de transporte na área de retaguarda.

#### **5.3.1.4.4 Um sistema eficaz de SEGAR deve estabelecer:**

a) um comando único, responsável pelas atividades na mesma área geográfica, com EM e meios de C<sup>2</sup> necessários, que não devem ser temporários, improvisados e nem estabelecidos somente após a concretização das ameaças;

b) a definição de responsabilidade territorial; e

c) a existência de uma força de reação, que pode ser integrada por:

- elementos de combate designados especificamente para esse fim;

- elementos de apoio ao combate ou de apoio logístico desdobrados na área de retaguarda; e

- forças auxiliares (Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar) localizadas na A Rspnl da FTC.

#### **5.3.1.4.5 Defesa da Área de Retaguarda (DEFAR)**

a) A DEFAR é um conjunto de medidas e de ações executadas pelos elementos da F Ter que possuem responsabilidades territoriais, com o objetivo de assegurar a normalidade no desempenho de atividades e tarefas dos elementos de combate, de apoio ao combate e de apoio logístico, localizados nas respectivas áreas de retaguarda.

b) Uma DEFAR bem-sucedida depende da capacidade das forças reagirem com rapidez, de forma sincronizada e com suficiente poder relativo de combate. A efetiva autoridade de comando, a pormenorizada definição de responsabilidade e o estabelecimento de um eficiente e seguro sistema de comando e controle também contribuem para o seu êxito.

c) Os planos para a DEFAR devem ser preparados, levando-se em consideração ameaças concretas (identificáveis) ou potenciais. Para tal, conhecimentos precisos, confiáveis e oportunos sobre a possibilidade de

desencadeamento de operações ofensivas (aeroterrestres, aeromóveis e/ou infiltração de tropas) pelo oponente ou sobre a atuação de forças irregulares na área de retaguarda devem ser continuamente buscados/coletados.

d) As ações supramencionadas apresentam uma permanente ameaça às forças encarregadas da DEFAR e, se efetivadas, podem comprometer o seu poder de combate e provocar um efeito desmoralizante indesejável. Planos específicos são necessários à defesa de áreas e infraestruturas críticas.

e) A localização e a fixação do oponente, normalmente, são os principais desafios na DEFAR, tornando-se vital o controle de áreas favoráveis às ações inimigas, até que seja revelada a sua localização e seja possível a execução de operações de sua neutralização ou destruição. Providências especiais devem ser adotadas, destacando-se:

- reconhecimento terrestres, aéreos e de vias aquáticas na área de retaguarda;
- patrulhamento agressivo em vias de transporte, áreas e instalações;
- apoio mútuo entre forças vizinhas encarregadas da DEFAR;
- operações tipo polícia;
- defesa de áreas e infraestruturas críticas;
- escoltas armadas; e
- cooperação civil-militar.

f) A composição das forças designadas para a DEFAR deve considerar a natureza das forças oponentes, atribuindo-lhe poder de combate suficiente para contrapor-se às ameaças inimigas levantadas. Podem ser integradas por tropas leves – infantaria (Inf) e médias – mecanizadas (Mec) e, ainda, outras forças amigas disponíveis (auxiliares, irregulares e paramilitares).

g) As forças envolvidas na DEFAR são empregadas para cooperar na vigilância, proteção e defesa de áreas e/ou infraestruturas e na segurança de vias de transporte. Os elementos de apoio ao combate e de apoio logístico devem ter seu emprego prioritário na segurança de suas próprias áreas e instalações.

h) A natureza da ameaça pode exigir a disponibilidade de uma força de reação altamente móvel na área de retaguarda, que deve ser disposta em regiões favoráveis, de onde seus elementos possam deslocar-se rapidamente para regiões de provável emprego do inimigo. Uma vez identificada e localizada a ameaça, os elementos da força de DEFAR, não engajados frente ao oponente, são reunidos rapidamente para a ação decisiva de neutralização ou destruição do oponente.

#### **5.3.1.4.6 Controle de Danos (C Dan)**

a) Constitui-se no conjunto de medidas preventivas e corretivas, que visam minimizar os efeitos de ações realizadas pelo oponente na área de retaguarda das forças amigas, e contra áreas, vias de transporte e infraestruturas. Essas medidas têm a finalidade de assegurar a continuidade ou a normalização do movimento e manobra, do comando e controle e do fluxo logístico.

b) As medidas que são executadas antes, durante e após a ocorrência de ações inimigas na área de retaguarda aplicam-se, também, no caso de graves desastres ou de catástrofes da natureza e incluem o restabelecimento do controle, os primeiros socorros e a evacuação de feridos, o isolamento de áreas perigosas, o combate a incêndio, o salvamento, dentre outras.

### **5.3.2 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES DE COMBATE**

**5.3.2.1** Quando as operações terrestres se estendem por períodos prolongados, torna-se necessária a substituição periódica de unidades empregadas, visando a:

- a) conservar o poder de combate;
- b) manter a eficiência operativa;
- c) atender as imposições de planos táticos; e
- d) reequipar, reinstruir e ensaiar forças para operações futuras.

**5.3.2.2** Os tipos de substituição são os seguintes:

- a) substituição em posição;
- b) ultrapassagem; e
- c) acolhimento.

**5.3.2.3** O congestionamento de forças e meios, resultante dessas operações, requer que toda a precaução seja tomada para reduzir a vulnerabilidade das forças ao ataque inimigo, durante as substituições. Para o sucesso dessas ações são essenciais a estreita coordenação dos planos e a cerrada cooperação entre as forças que executam a substituição.

**5.3.2.4** Alguns aspectos, a seguir discriminados, devem ser considerados no planejamento e na execução de todos os tipos de substituição:

- a) deve ser proporcionado tempo adequado para os planejamentos e reconhecimentos;
- b) devem ser expedidas pelo Esc Sp ordens preparatórias, o mais cedo possível, que devem especificar a hora do início e do término da substituição, bem como as condições de execução da mesma, quanto aos aspectos relacionados com visibilidade, prazos e as prioridades para a utilização das estradas e itinerários necessários aos deslocamentos;
- c) os planos devem ser minuciosos, simples e bem coordenados entre todos os escalões das forças que substituem e que são substituídas;
- d) sempre que possível, as substituições são executadas durante períodos de reduzida visibilidade;
- e) os planos de dissimulação incluem todas as medidas indicadas para assegurar o sigilo e a surpresa;
- f) a substituição deve ser executada no mais curto prazo possível;
- g) são tomadas todas as precauções para reduzir a vulnerabilidade ao ataque inimigo durante a substituição;
- h) as forças que substituem e as substituídas mantêm estreitas ligações para as coordenações de planejamento e execução;
- i) os elementos de apoio ao combate e as forças por eles apoiadas são substituídos em oportunidades diferentes; e
- j) a hora de assunção do comando pelo comandante substituto e as condições segundo as quais a substituição deve processar-se são estabelecidas entre os dois comandantes interessados ou determinadas pelo Esc Sp.

### 5.3.2.5 Substituição em Posição (Subst Pos)

**5.3.2.5.1** É uma ação comum de combate, na qual, por ordem do escalão superior, uma força ou parte dela é substituída por outra em uma posição defensiva (Fig 5-1). As responsabilidades pela missão e pela Z Aç da força substituída são assumidas pela força que a substitui. A Subst Pos é realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação de uma operação ofensiva subsequente.

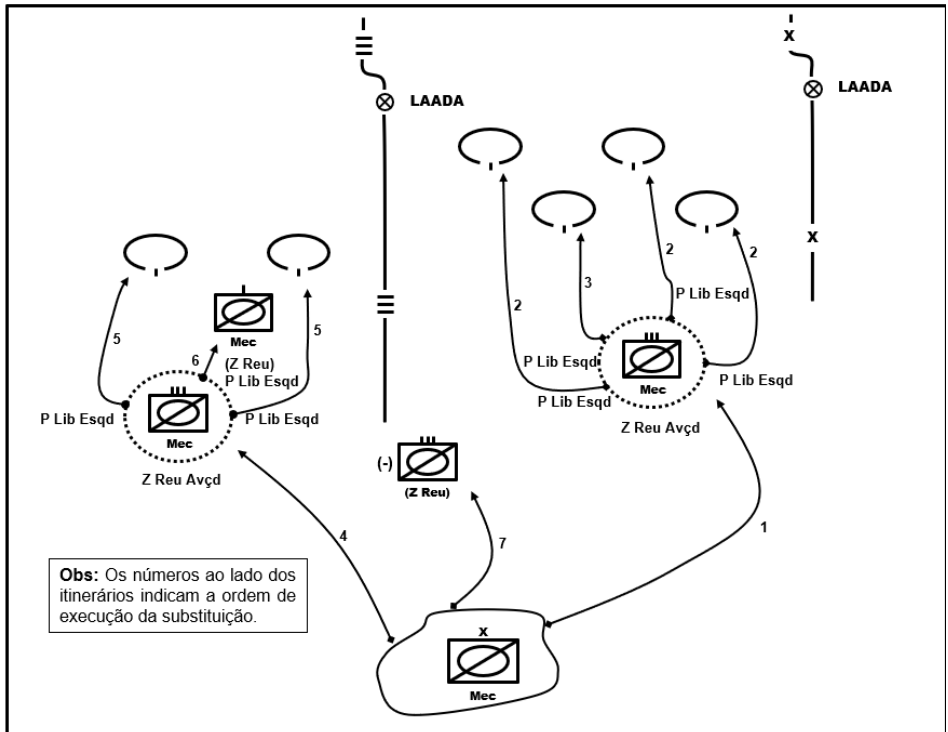


Fig 5-1 – Substituição em posição executada por uma Bda C Mec

**5.3.2.5.2** O comandante de uma força que está sendo substituída é responsável pela defesa de sua área até a passagem do comando, que, normalmente, ocorre quando os comandantes das forças da ADA tenham assumido a responsabilidade pelas respectivas áreas e tenham sido estabelecidos meios adequados de comunicações para controlar toda a Z Aç.

**5.3.2.5.3** Numa Subst Pos, para a continuação da defesa, a força que substitui deve adaptar-se ao plano geral de defesa da força substituída, até a passagem do comando.

### 5.3.2.6 Ultrapassagem (Ultr)

**5.3.2.6.1** É uma ação comum de combate em que uma força ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo (Fig 5-2). É executada por uma força para substituir outra desgastada, dispersa ou sem condições de prosseguir, para iniciar um ataque ou para mudar o ritmo das operações.

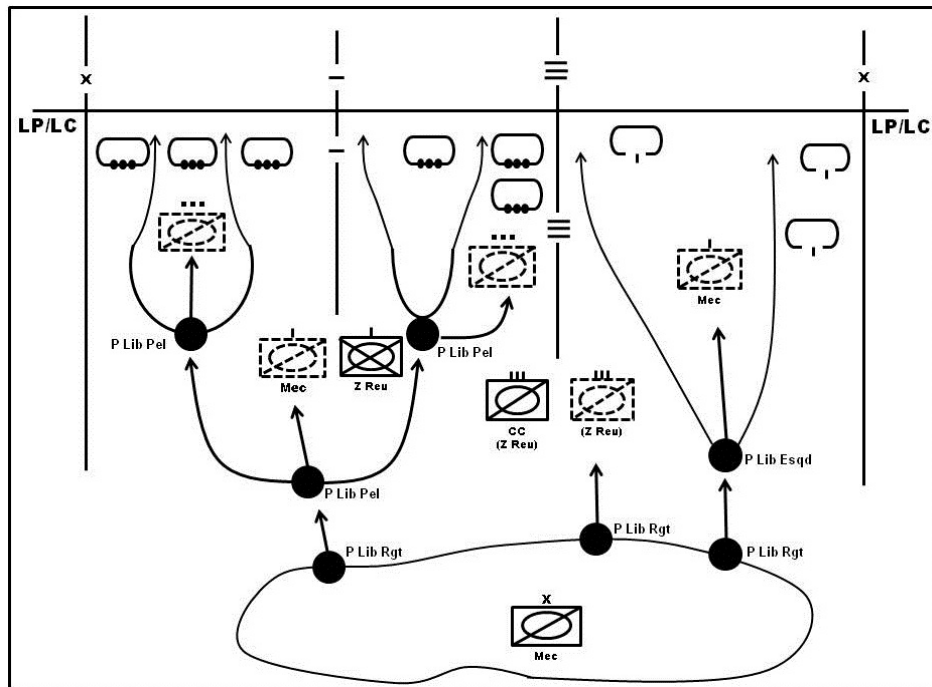


Fig 5-2 – Bda C Mec na ultrapassagem de uma Bda Inf Bld

**5.3.2.6.2** Os elementos da força em contato com o inimigo permanecem em posição e realizam todo o apoio necessário a força que ultrapassa, até que seus fogos se tornem ineficazes. A força ultrapassada pode permanecer em posição ou ser empregada em outra ação.

**5.3.2.6.3** A Ultr exige planejamento cuidadoso e coordenação cerrada entre as forças que participam da operação.

### 5.3.2.7 Acolhimento (Achh)

**5.3.2.7.1** É uma ação comum de combate, na qual uma força passa através da Z Aç de outra que ocupa uma posição defensiva (Fig 5-3). É utilizado quando se deseja substituir uma força que esteja demasiadamente empenhada ou se encontre muito desgastada. Pode também ocorrer como parte de um movimento retrógrado ou para permitir o retraimento de uma força designada para cumprir outra missão.

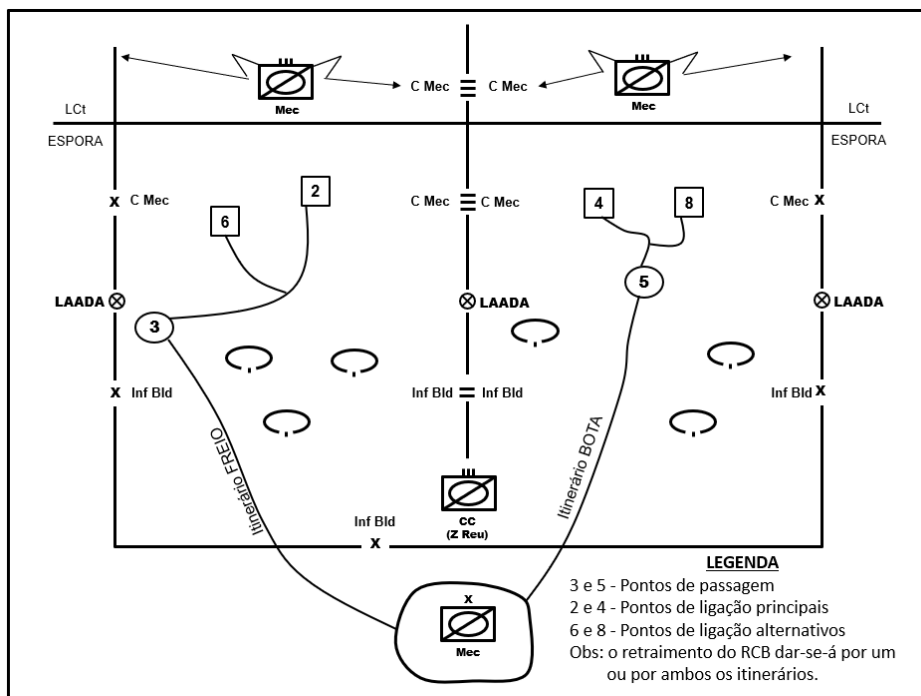


Fig 5-3 – Bda C Mec acolhida por uma Bda Inf Bld

**5.3.2.7.2** A força em posição apoia ao máximo a força que retrai e toma para si a missão retardadora desta última, ou a de defesa, quando o reatamento através de sua posição for completado. A força que retrai tem prioridade nos itinerários e nas instalações. As áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas a serem acolhidas devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição, ou em seus flancos.

**5.3.2.7.3** Quando possível, os itinerários de reatamento, particularmente dos meios blindados e mecanizados, devem evitar locais organizados da posição defensiva. Um plano pormenorizado de reconhecimento é preparado e cuidadosamente coordenado entre a força que retrai e a que se encontra em posição.

**5.3.2.7.4** A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da Z Ac é transferida para o Cmt da U em posição são determinadas por entendimento entre os dois Cmt interessados, ou fixados pelo Esc Sp.

**5.3.2.7.5** Na ação retardadora, a responsabilidade pela Z Aç, por parte do Cmt da tropa que retrai, termina quando sua tropa é acolhida na posição defensiva. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o reatamento se processe em boas condições.

**5.3.2.7.6** Normalmente, em um retraimento através de uma posição, o Cmt da U em posição assume a responsabilidade pelo controle da Z Aç no momento em que a tropa que retrai atinja uma linha de segurança de apoio de artilharia ou uma linha de controle designada. Pode ser também em uma hora predeterminada, com a desvantagem de talvez se tornar uma vulnerabilidade, devido às flutuações do combate.

**5.3.2.7.7** O Aclh pode ocorrer com ou sem contato com o inimigo. Quando conduzido em contato com o inimigo, este perdurará até que as forças que retraem se coloquem à retaguarda do elemento que executa o Aclh.

**5.3.2.7.8** Após acolhida, a força que retrai poderá:

- a) deslocar-se para a área de repouso, a fim de reorganizar-se e passar por novo período de instrução;
- b) cobrir o retraimento de outra força; ou
- c) deslocar-se para outra área, a fim de ser empregada em nova missão.

### **5.3.3 DISSIMULAÇÃO**

**5.3.3.1** A dissimulação militar (Dsml Mil) é um dos mais antigos recursos usados para influenciar a percepção de um adversário. Pode ser caracterizada por ações executadas deliberadamente para enganar os tomadores de decisão oponentes, criando condições que contribuam para o cumprimento da missão das forças amigas.

**5.3.3.2** Normalmente, requer substancial investimento em meios (pessoal e material) e esforços, que podem ser empregados diretamente contra o oponente. Em consequência, é importante que o comandante visualize, de forma antecipada, a finalidade da dissimulação, avaliando a relação custo-benefício.

**5.3.3.3** Permite enganar o inimigo, confundi-lo acerca das verdadeiras intenções das forças amigas, fixá-lo ou obrigá-lo a reagir, distrair sua atenção e facilitar ações decisivas de forças amigas em outras áreas.

**5.3.3.4** A finalidade precípua da Dsml Mil é contribuir para a consecução das operações terrestres, influenciando o decisor adversário a reagir de forma favorável aos interesses das forças amigas. A dissimulação abrange:

- a) a dissimulação tática (fintas e demonstrações);
- b) o despistamento; e
- c) a contradissimulação.

#### **5.3.3.5 Dissimulação Tática (Dsml Tat)**

**5.3.3.5.1** Consiste em operações de dissimulação (Op Dsml) planejadas e conduzidas como atividades de apoio geralmente embutidas em outras operações, como parte de ações de uma Força Conjunta (F Cj) ou de uma Força-Tarefa Conjunta (FT Cj).



**5.3.3.5.2** Os comandantes dos elementos da F Ter planejam e executam as Op Dsml para induzir ações oponentes favoráveis aos objetivos da manobra de nossas forças. Tais operações têm como finalidade ganhar uma vantagem tática sobre um adversário, mascarando as vulnerabilidades ou melhorando as capacidades defensivas de forças amigas.

**5.3.3.5.3** A Dsml Tat divide-se em:

- a) fintas: buscam provocar reações inimigas, empenhando elementos da F Ter com volume suficiente para obter credibilidade. São realizadas antes ou durante um ataque principal para distrair a atenção inimiga do esforço principal; e
- b) demonstrações: buscam distrair a atenção sem engajar forças em combate, limitando-se a execução de fogos, realização de movimentos de unidades de combate, ações de guerra eletrônica, dentre outras.

### **5.3.3.6 Despistamento**

**5.3.3.6.1** Conjunto de medidas adotadas contra o inimigo por meio da manipulação, distorção ou falsificação de evidências, de forma a induzi-lo a reagir de modo prejudicial aos seus interesses. É realizado com propósito estratégico, operacional ou tático. Tem por objetivo proteger as operações de nossas forças, o pessoal, os equipamentos e outros ativos contra a inteligência de oponentes ou potenciais adversários.

**5.3.3.6.2** Cria falsos indicadores para confundi-los e falsas intenções das forças amigas para tornar mais difícil a interpretação por parte da inteligência adversária. Limita, também, a capacidade do oponente de coletar informações precisas sobre nossas forças.

### **5.3.3.7 Contradiressimulação (C Dsml)**

**5.3.3.7.1** Contribui para o entendimento da situação, protegendo a tomada de decisão humana e automatizada das forças amigas em relação à dissimulação adversária. Busca tornar os comandantes dos elementos da F Ter cientes das ações de dissimulação adversária, para que possam formular respostas oportunas e coordenadas.

**5.3.3.8** O comandante do mais alto escalão da F Ter presente no TO/A Op define como a Dsml Mil contribuirá para o êxito das operações terrestres, estabelecendo o resultado positivo esperado. As operações de dissimulação, de modo geral, apresentam como principais finalidades:

- a) causar ambiguidade, confusão ou erro nas percepções inimigas acerca das informações críticas amigas, tais como: identificação de unidades; localizações; movimentos; dispositivos; pontos fortes e vulnerabilidades; capacidades; poder de combate; situação de suprimentos; intenções; dentre outros;

- b) induzir o adversário a alocar meios (pessoal e material) e recursos financeiros de forma vantajosa para as forças amigas;
- c) condicionar o adversário ao entendimento de padrões de comportamento particulares das nossas forças, proporcionando-lhe percepções que possam ser exploradas pelas forças amigas;
- d) induzir o oponente a revelar o seu poder de combate, localização e intenções futuras; e
- e) levar o adversário a desperdiçar poder de combate com ações desnecessárias ou onerosas em termos de meios (pessoal e material), por longo período de tempo e de forma inapropriada.

**5.3.3.9** No planejamento, na preparação e na condução das Op Dsml, deve ser dada especial atenção às capacidades da inteligência inimiga, cujo resultado possibilita a disseminação de indícios e informações sobre as nossas forças.

### 5.3.3.10 Princípios da Dissimulação Militar

**5.3.3.10.1** Assim como os princípios de guerra, que proporcionam uma orientação geral para a condução de operações militares, os princípios da Dsml Mil orientam o planejamento e a aplicação das Op Dsml (Fig 5-4).



Fig 5-4 – Princípios da dissimulação militar

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **A Força Terrestre Componente nas Operações**. EB20-MC-10.301. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Doutrina Militar Terrestre**. EB20-MF-10.102. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Força Terrestre Componente**. EB20-MC-10.202. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército**. EB10-IG-01.002. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Manual de Abreviaturas, Símbolos e Convenções Cartográficas**. 4. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Forças Tarefas Blindadas**. C 17-20. 3. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Batalhões de Infantaria**. C 7-20. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1973.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Brigada de Cavalaria Mecanizada**. C 2-30. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2000.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Companhia de Fuzileiros**. C 7-10. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1973.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Emprego da Cavalaria**. C 2-1. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 1999.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Regimento de Cavalaria Mecanizado**. C 2-20. 2. ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2002.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações**. EB70-MC-10.223. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **O Exército Brasileiro**. EB20-MF-10.101. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. Portaria nº 075 de 10 de junho de 2010. Aprova a Diretriz para a Implantação do Processo de Transformação do Exército Brasileiro. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n. 74, 18 jun. 2010.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. Portaria nº 197 de 10 de setembro de 2013. Aprova as Bases para a Transformação da Doutrina Militar Terrestre. **Boletim do Exército**, Brasília, DF, n. 40, 4 out. 2013.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas**. MD30-M-01. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas**. MD35-G-01. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas**. MD33-M-02. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Emprego do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) nas Forças Armadas**. MD34-M-03. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2011.

ESPAÑA. Ejército de Tierra. **Empleo de Las Fuerzas Terrestres**. PD1-001. Madrid: Ejército de Tierra, 2011.

ESPAÑA. Ejército de Tierra. **Operaciones, Combate Generalizado**. PD2-001. v. 2. Madrid: Ejército de Tierra, 2013.

ESPAÑA. Ejército de Tierra. **Operaciones, Conceptos Generales**. PD2-001. v.1 Madrid: Ejército de Tierra, 2013.

ESTADOS UNIDOS. Army. **Offense and Defense**. ADRP 3-90. Washington, DC: U.S. ARMY, 2012.





**EGGCF**  
Desde 1949

"Gráfica do Exército" - Compromisso com a Qualidade

Impresso no EGGCF - "Gráfica do Exército"

Al. Mal. Rondon -Setor de Garagens- QGEx- SMU - CEP:70630-901 - Brasília - DF  
Tel: 3415-4248- RITEX: 860-4248 - Fax: 3415-5829  
Site: <http://www.eggcf.eb.mil.br> - E-mail: [divcom@eggcf.eb.mil.br](mailto:divcom@eggcf.eb.mil.br)



**COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES**  
**CENTRO DE DOCTRINA DO EXÉRCITO**  
**Brasília, DF, 29 de dezembro de 2017**  
[www.cdoutex.eb.mil.br](http://www.cdoutex.eb.mil.br)